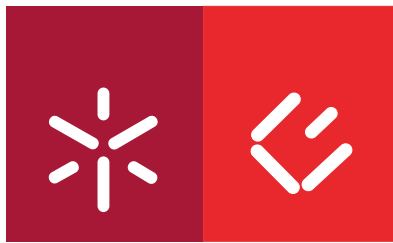


**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Cláudia Joaquina Machado Cruz

**Crises humanitárias, os media  
e a política externa**

Outubro de 2011



**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Cláudia Joaquina Machado Cruz

## **Crises humanitárias, os media e a política externa**

Mestrado em Relações Internacionais

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Professor Rui Alexandre Novais**

Outubro de 2011

## DECLARAÇÃO

Nome: Cláudia Joaquina Machado Cruz

E-mail: claudiajordan23@gmail.com

Telefone: 91 666 47 18

B.I.: 13318668

### **Título da dissertação:**

**Crises humanitárias, os *media* e a política externa**

Orientador:

Professor Doutor Rui Alexandre Novais

Tese de Mestrado em Relações Internacionais

Ano de conclusão: 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

---

(Cláudia Cruz)

Universidade do Minho, 20 de Outubro

Para os meus pais, Rosa e Jorge.  
Para os meus irmãos, Andreia e Ruben.  
Para o Carlos.



## **Agradecimentos**

Ao professor Rui Novais, pela dedicação, não só ao seu trabalho, mas ao de todos os que o rodeiam. Por ser um exemplo de profissionalismo, por me fazer querer ser sempre mais. Por dar oportunidades aos seus alunos, por me acompanhar desde o primeiro ao último dia da elaboração da dissertação, sem exceção. Porque é, sem dúvida alguma, o melhor profissional do ensino superior que tive a oportunidade de conhecer. E sobretudo, por se ter tornado um amigo para a vida.

Aos meus pais, pelos exemplos concedidos desde os primeiros anos da minha vida, por fazerem de mim uma pessoa lutadora, por me fazerem acreditar que a sabedoria é um valor precioso, não só a nível profissional mas sobretudo para nos fazer evoluir como pessoa. Pelo apoio nas grandes decisões da minha vida.

À minha irmã Andreia, pela preocupação, por me fazer acreditar que o esforço é sinónimo de bons resultados.

Ao meu irmão Ruben, pelas palavras de força, pelos momentos de boa disposição, pelo carinho.

Ao Carlos, por ser simultaneamente o namorado e o melhor amigo. Agradeço pelos sorrisos, pelas lágrimas, pela lealdade, pelo companheirismo, pelo carinho de cada instante, por me dar a oportunidade de partilhar a minha vida ao seu lado.

À Daniela, amiga desde sempre, amiga para sempre. Agradeço pelo apoio incondicional, por me mostrar o melhor lado da amizade. E sobretudo por me fazer acreditar que daqui a muitos anos continuará a meu lado, tal como hoje.

A todos os meus amigos e professores que me acompanharam neste percurso. À Universidade do Porto, que me proporcionou um bom ingresso da vida académica. À Universidade do Minho, que me recebeu de forma acolhedora para consolidar a minha formação.



## **Crises humanitárias, os *media* e a política externa**

**Resumo:** O objectivo da presente investigação consiste em determinar como foi retratado o terramoto do Haiti, ocorrido a 12 de Janeiro de 2010, em duas realidades que pertencem a sistemas mediáticos distintos e com uma relação de proximidade diferenciada relativamente ao acontecimento. Tal análise comparada do tratamento noticioso constante nas imprensas portuguesa e norte-americana permitirá aferir até que ponto se verificam algumas das tendências generalizadas que caracterizam a cobertura de crises ou catástrofes naturais, a saber: o recurso habitual a enquadramentos emocionais, bem como, uma eventual influência dos *media* nas decisões de política externa. Recorrendo a uma metodologia qualitativa que combina a *meta-performance* com a *framing analysis* de quatro jornais portugueses (Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, e Expresso) e dois americanos (The New York Times e o The Washington Post), no período entre Dezembro de 2009 e Abril de 2010, conclui-se nesta dissertação que existiu um grau considerável de contraste entre a cobertura noticiosa nas imprensas portuguesa e norte-americana. Tais diferenças verificaram-se ao nível da primazia dada às fontes de origem nacional, do recurso dissemelhante a expressões e temas que centram o acontecimento no sofrimento das vítimas e que revestem a cobertura dos tons negativo e de empatia, bem como, uma cobertura enaltecadora dos esforços nacionais no caso norte-americano. Por fim, apesar de existir uma intersecção entre as agendas mediática e governamental, não se encontraram indícios que confirmem peremptoriamente a existência da influência comprovada dos conteúdos mediáticos no processo de tomada de decisões dos governos em estudo.

**Palavras-chave:** política externa, media, crise humanitária, Haiti, meta-performance e framing analysis





## **Humanitarian crises, media and foreign policy**

**Abstract:** The main objective of this investigation is to understand how the 12<sup>th</sup> January 2010 Haiti's earthquake was described by the media, within two realities that belong to distinct media systems and have different levels of proximity with the country affected by the event. The analysis regarding the news media coverage of the Portuguese and the north-American press enables to assess to which extent some of the tendencies about the media influence on policy can be confirmed, namely the use of an emotional media framing and an eventual influence of the media over the foreign policy decision-making. After combining a meta-performance and a framing analysis of four Portuguese (Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, and Expresso) and two north-American newspapers (The New York Times e o The Washington Post), concerning the period between December 2009 and April 2010, the investigation concludes that there was a significant contrast between the news media coverage performed by the Portuguese and the north-American press. These differences are perceivable through the preference given to national sources, the dissimilar use of expressions and issues that focus the event on human suffering, promoting a negative and empathic approach, as well as a coverage which praises national efforts in the north-American case. Finally, despite the intersection among the media and the government agendas, it was not possible to find evidence that prove the real influence of the news media coverage over the Portuguese and American decision-making process.

**Key words:** foreign policy, media, humanitarian crisis, Haiti, meta-performance and framing analysis



# Índice

<b>Dedicatória .....</b>	<b>III</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>V</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>VII</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>IX</b>
<b>Índice.....</b>	<b>XI-XII</b>
<b>Índice de figuras .....</b>	<b>XIII-XV</b>
Ilustrações.....	XIII
Gráficos .....	XIII-XIV
Tabelas .....	XIV-XV
<b>Abreviaturas e Siglas.....</b>	<b>XVII</b>
<b>Capítulo I – Introdução.....</b>	<b>1-14</b>
1.1. Revisão da literatura .....	2-9
1.1.1. <i>Media</i> e crises humanitárias .....	2-4
1.1.2. Interdependência das agendas mediática e política.....	4-8
1.1.3. <i>Media</i> e política externa .....	8-9
1.2. Objectivos da investigação, hipóteses e metodologia.....	10-12
1.3. Sinopse.....	12-14
<b>Capítulo II – O Haiti .....</b>	<b>15-31</b>
2.1. Um pouco de história .....	16-17
2.2. Século XX.....	17-18
2.3. Mais recentemente .....	18-20
2.4. O Haiti no mundo.....	20-22
2.5. O terramoto .....	22-25
2.6. O longo-prazo .....	26-29
2.7. O Haiti e o terramoto nos <i>media</i> .....	29-31

<b>Capítulo III – Metodologia .....</b>	<b>32-44</b>
3.1. Framing .....	35-39
3.2. Meta-Performance analysis.....	39-44
<b>Capítulo IV – Resultados .....</b>	<b>45-86</b>
4.1. Fontes.....	49-66
4.2. Descrição do evento.....	67-74
4.3. Temas.....	74-78
4.4. Críticas e elogios.....	79-83
4.5. Agenda governamental .....	84-86
<b>Capítulo V – Conclusões .....</b>	<b>87-94</b>
5.1. Dificuldades e futuras investigações.....	93-94
<b>Bibliografia.....</b>	<b>95-105</b>
Webgrafia.....	105

# Índice de figuras

## Ilustrações

Ilustração 1: Território do Haiti .....	15
Ilustração 2: Divisão da ilha Hispaniola por caciques .....	16
Ilustração 3: <i>Earthquake Threat: is the U.S. ready for a seismic catastrophe?</i> .....	23
Ilustração 4: Vítima de cólera após o terramoto do Haiti.....	28

## Gráficos

Gráfico 1: Valor das exportações haitianas em 2004 .....	19
Gráfico 2: Valor das importações haitianas em 2004.....	20
Gráfico 3: Percentagem de notícias analisadas na imprensa portuguesa .....	46
Gráfico 4: Percentagem de fontes nas imprensas portuguesa e americana .....	49
Gráfico 5: Percentagem de utilização de fontes por periódico nas imprensas portuguesa e americana .....	49
Gráfico 6: Percentagem das fontes mais utilizadas nas imprensas portuguesa e americana.....	50
Gráfico 7: Percentagem de utilização de fontes na imprensa portuguesa .....	51
Gráfico 8: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem nos periódicos portugueses.....	55
Gráfico 9: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no Jornal de Notícias ..	55
Gráfico 10: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no Diário de Notícias	56
Gráfico 11: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no Público.....	56
Gráfico 12: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no Expresso .....	57
Gráfico 13: Fontes mais utilizadas na imprensa portuguesa .....	58
Gráfico 14: Fontes mais utilizadas no <i>Jornal de Notícias</i> .....	58
Gráfico 15: Fontes mais utilizadas no <i>Diário de Notícias</i> .....	59
Gráfico 16: Fontes mais utilizadas no <i>Público</i> .....	59
Gráfico 17: Fontes mais utilizadas no <i>Expresso</i> .....	59
Gráfico 18: Percentagem de utilização de fontes na imprensa americana .....	61
Gráfico 19: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem nos periódicos americanos.....	63
Gráfico 20: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no <i>New York Times</i> ...	64
Gráfico 21: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no <i>Washington Post</i> ..	64
Gráfico 22: Fontes mais utilizadas na imprensa americana .....	65
Gráfico 23: Fontes mais utilizadas no <i>New York Times</i> .....	66
Gráfico 24: Fontes mais utilizadas no <i>Washington Post</i> .....	66

Gráfico 25: Percentagem da utilização de fontes nas imprensas portuguesa e americana .....	67
Gráfico 26: Percentagem das palavras utilizadas segundo a sua índole nas imprensas portuguesa e americana.....	68
Gráfico 27: Percentagem dos tons utilizados na imprensa portuguesa .....	68
Gráfico 28: Percentagem das palavras utilizadas segundo a sua índole na imprensa portuguesa	70
Gráfico 29: Palavras mais utilizadas na imprensa portuguesa .....	70
Gráfico 30: Percentagem de tons utilizados na imprensa americana .....	72
Gráfico 31: Percentagem das palavras utilizadas segundo a sua índole na imprensa americana	73
Gráfico 32: Palavras mais utilizadas na imprensa americana .....	73
Gráfico 33: Percentagem da utilização dos temas considerados nas imprensas portuguesa e americana .....	74
Gráfico 34: Percentagem da utilização dos temas considerados na imprensa portuguesa .....	75
Gráfico 35: Percentagem da utilização dos temas considerados na imprensa americana .....	77
Gráfico 36: Críticas e elogios presentes nos periódicos portugueses.....	79
Gráfico 37: Destinatário das críticas e elogios presentes na imprensa portuguesa .....	80
Gráfico 38: Críticas e elogios presentes nos periódicos americanos.....	81
Gráfico 39: Destinatário das críticas e elogios presentes na imprensa americana .....	82

## **Tabelas**

Tabela 1: Definição dos tons analisados nas notícias.....	41
Tabela 2: Definição dos temas analisados nas notícias .....	43
Tabela 3: Notícias analisadas nos periódicos portugueses e americanos .....	45
Tabela 4: Notícias e edições analisadas na imprensa portuguesa.....	46
Tabela 5: Número de páginas e capas analisadas por periódico na imprensa portuguesa.....	47
Tabela 6: Média de notícias, capas e páginas por periódico na imprensa portuguesa .....	47
Tabela 7: Notícias e parágrafos analisados na imprensa americana.....	48
Tabela 8: Fontes analisadas nos periódicos portugueses e americanos.....	49
Tabela 9: Fontes mais utilizadas nas imprensas portuguesa e americana .....	50
Tabela 10: Fontes utilizadas nos periódicos portugueses.....	51
Tabela 11: Média de fontes utilizadas nos periódicos portugueses.....	52
Tabela 12: Utilização de fontes segundo a sua classificação nos periódicos portugueses .....	53
Tabela 13: Utilização de fontes segundo a sua origem nos periódicos portugueses .....	53
Tabela 14: Fontes mais utilizadas nos periódicos portugueses .....	57
Tabela 15: Fontes utilizadas nos periódicos americanos.....	60
Tabela 16: Média de fontes utilizadas nos periódicos americanos.....	61
Tabela 17: Utilização de fontes segundo a sua classificação nos periódicos americanos .....	62
Tabela 18: Utilização de fontes segundo a sua origem nos periódicos americanos .....	62

Tabela 19: Fontes mais utilizadas nos periódicos americanos .....	65
Tabela 20: Tons utilizados nas imprensas portuguesa e americana .....	67
Tabela 21: Tons utilizados nos periódicos portugueses .....	68
Tabela 22: Utilização de palavras segundo a sua índole nos periódicos portugueses.....	69
Tabela 23: Palavras mais utilizadas nos periódicos portugueses .....	71
Tabela 24: Tons utilizados nos periódicos americanos .....	71
Tabela 25: Utilização de palavras segundo a sua índole nos periódicos americanos.....	72
Tabela 26: Palavras mais utilizadas nos periódicos americanos .....	73
Tabela 27: Utilização dos temas considerados nas imprensas portuguesa e americana.....	74
Tabela 28: Utilização dos temas considerados nos periódicos portugueses.....	75
Tabela 29: Temas recorrentes na imprensa portuguesa.....	76
Tabela 30: Utilização dos temas considerados nos periódicos americanos .....	77
Tabela 31: Temas recorrentes na imprensa americana.....	78
Tabela 32: Críticas e elogios presentes nas imprensas portuguesa e americana .....	79
Tabela 33: Críticas e elogios presentes nos periódicos portugueses .....	79
Tabela 34: Críticas presentes nos periódicos portugueses .....	80
Tabela 35: Elogios presentes nos periódicos portugueses.....	80
Tabela 36: Críticas e elogios presentes nos periódicos americanos .....	81
Tabela 37: Críticas presentes nos periódicos americanos .....	82
Tabela 38: Elogios presentes nos periódicos portugueses.....	82





## **Abreviaturas e Siglas**

AMI – Assistência Médica Internacional

ANPC – Autoridade Nacional de Protecção Civil

CNN – Cable News Network

DN – Diário de Notícias

EUA – Estados Unidos da América

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INEM – Instituto Nacional de Emergência Médica

JN – Jornal de Notícias

MAI – Ministério da Administração Interna

MINUSTAH – Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti

MPA – Meta Performance Analysis

NYT – New York Times

ONU – Organização das Nações Unidas

WP – Washington Post



# Capítulo I

## Introdução

A presente investigação insere-se num âmbito mais alargado que engloba os desafios da comunicação. Num mundo cada vez mais global, um dos desafios que importa descortinar prende-se com a forma como os *media* se desincumbem das suas funções ao noticiarem acontecimentos relacionados com crises humanitárias. Na verdade, a imprensa representa desde há algum tempo uma das instituições mais importantes da sociedade. Por exemplo, os conceitos que formamos sobre determinados países que se encontram do outro lado do planeta são produto quase exclusivo da informação que nos é cedida pelos meios de comunicação. Walter Lippmann foi precursor em realçar a importância dos meios de comunicação na definição dos assuntos mais importantes e do nosso mundo (Colling, 2001, p. 89).

Relativamente à cobertura mediática de crises humanitárias a literatura científica existente aponta para duas grandes tendências concomitantes. Por um lado, o tratamento noticioso deste tipo de acontecimentos, caracteriza-se pelo tratamento desproporcional ou selectivo, centrado nas vítimas e com o frequente recurso a enquadramentos emocionais.

Por outro lado, questiona-se até que ponto o desempenho mediático é capaz de influenciar os decisores governamentais. Não é sem motivo que foi atribuído aos media o título de “quarto poder” ou que Boutros B. Ghali, secretário-geral da ONU em 1995, tenha apelidado a CNN de “16º membro do Conselho de Segurança” (cit. por Pereira, 2005, p. 100). Na verdade, a relação de interdependência entre os *media* e os actores políticos é um tema recorrente (Novais, 2010) e, simultaneamente, controverso que tem sido objecto de visões divergentes e assume contornos diferenciados.

Tais tendências presentes na literatura científica são descritas em detalhe nas próximas secções do capítulo.

## 1.1. Revisão da literatura

### 1.1.1. *Media* e crises humanitárias

A primeira das tendências generalizadas que caracterizam a cobertura de crises ou catástrofes naturais aponta para uma tratamento muito menos representativo no que concerne os países menos desenvolvidos. “Not all (un)natural disasters automatically find prominent news exposure. The vast majority of "uninsured lives" in the South, it seems, are not only cheap (Duffield, 2007) but also unnewsworthy” (cit. por Cottle, 2009, p. 502). Do mesmo modo, Novais (2009, pp. 415-16) analisou a cobertura noticiosa devotada ao continente africano, concluindo que os países do Sul, para além de raramente retratados nas notícias, figuram quase sempre associados a assuntos negativos, tais como conflitos e desastres. Como consequência, Wu aponta uma distorção na imagem que a audiência tem do mundo (Worawongs *et al.*, 2007, pp. 8-9).

Uma segunda tendência da cobertura de crises ou catástrofes naturais prende-se com a da representação selectiva em função do local e da importância do país em que ocorre. Tal discrepância pode ser explicada pela proximidade geográfica e/ou cultural. Por exemplo, os desastres e crises que ocorrem no próprio país merecem muito mais atenção do que os que acontecem noutros locais do Mundo (Moeller, 2006, p. 175). Recorde-se a esse propósito a tragédia que envolveu um bombista suicida no Iraque em Agosto de 2005. O balanço foi de aproximadamente mil mortos e 5 mil feridos. Contudo, as cheias que ao mesmo tempo devastaram a cidade de Nova Orleães monopolizaram o destaque na imprensa norte-americana, o que leva Moeller a concluir que a quantidade de vítimas não pode ser tida como uma garantia de cobertura em vista da ausência do menu noticioso de crises de proporções inimagináveis (Ibid., pp. 173-174).

De forma semelhante, um desastre natural merece mais atenção por parte dos *media* quando ocorre num local de interesse estratégico para o país (Shah, 2005) que é outra dimensão da proximidade. Por exemplo, verifica-se uma relação de proporcionalidade directa entre a cobertura mediática e o impacto económico do desastre nos mercados ocidentais (Carma International, 2006). Factores culturais também são significativos neste domínio. Adams, por exemplo, tentou perceber porque é que um desastre na Itália merece mais atenção mediática do que outro na Guatemala:

*[It occurs] partially because Italy is easier to cover than Guatemala, and more reporters are immediately available. But it is mainly because Italians are seen as individuals, with physical and cultural characteristics familiar to Americans. Many editors and readers have been to Italy, and they recognize place names in the stories. Guatemalans are seen, on the other hand, only as faceless residents of the underdeveloped world (1986).*

Uma quarta tendência está associada à cobertura de natureza negativa que realça as vítimas do desastre, geralmente proporcional à dimensão e impacto das consequências da tragédia. Uma possível explicação para este fenómeno relaciona-se com o facto de um desastre natural dramático representar uma subida nas audiências e a satisfação do imperativo comercial. “The focus has been on portraying victims of the violence such as refugees, women and children (Robinson, 2002, cit. por Journiette e Olsson, 2007, p. 16). Portanto, o principal padrão na representação das crises humanitárias tem sido uma cobertura caracterizada por um tom negativo e de empatia com as vítimas do desastre, como verificaram Worawongs *et al* (2007, p. 19) ao analisar os casos do tsunami no sul asiático e do furacão Katrina, com o recurso a *frames* emocionais (Journiette e Olsson, 2007, p. 16). É sobretudo nestes casos que os *media* assumem um papel vital na definição da política externa. Por exemplo, no caso do Darfur, essa tendência levou a audiência a apelar à intervenção dos líderes do governo (Ibidem).

A esta disposição pode associar-se o fenómeno do sensacionalismo. O exagero dos factos e as imagens chocantes da tragédia levam os cidadãos a perder confiança nas autoridades responsáveis e a procurar fontes alternativas. Por sua vez, as autoridades perdem o apoio do público e a sua capacidade para lidar com a situação, criando-se assim um ciclo vicioso (Nohrstedt, 2000, p. 153).

Esta multiplicação de imagens pode ser benéfica a nível da diversidade de informação mas também nociva no que toca à dessensibilização do público, que é exposto a um número elevado de imagens e informações, podendo culminar naquilo a que se designa como “*media fatigue*” (Gerner e Schrodt, 1998), isto é, após um relato intensivo na fase inicial da crise, segue-se um período de cobertura rotineiro e menos

intenso, devido a um sentimento de tédio por parte de jornalistas e audiência. Este tipo de cobertura atravessa também a dicotomia que separa uma cobertura excessiva de uma atenção limitada. Inevitavelmente, percorre o ciclo de vida noticioso, até atingir a saturação.

*Even the most calamitous breaking story—a tsunami, a hurricane, an earthquake—quickly devolves into a less dramatic recovery tale of patience and stamina and so is pushed off the front pages and the top of the news by more recent, and currently spectacular stories (Moeller, 2006, p. 185).*

### 1.1.2. Interdependência das agendas mediática e política

A comunicação faz parte de toda a actividade humana. A teoria da comunicação política, fundada por Deutsch, concebe o governo como um “sistema de tomada de decisões assente num fluxo de informações várias em constante feedback” (cit. por Salgado, 2007, p. 17). Como tal, importa destacar a importância dos meios de comunicação como mediadores de informação entre o governo e os eleitores.

Dentre os estudos sobre as funções e os efeitos dos meios de comunicação é digna de nota a proposta datada do início do século XX referente ao modelo do *agenda-setting* (Colling, 2001, p. 89). Grosso modo, o *agenda-setting*, estabelece uma relação de proporcionalidade directa entre a ênfase concedida pelos meios de comunicação a um determinado assunto e a importância atribuída ao mesmo pela audiência (Scheufele e Tewksbury, 2007, p. 11).

Esta influência mediática vai, mais tarde, estender-se da esfera pública à esfera política. Durante o conflito no Kosovo, por exemplo, o Primeiro-Ministro Britânico, Tony Blair, alertava para a influência mediática sobre a acção governamental: “If left unchecked, the news media have the power to compel governments to intervene” (Robinson, 2002, p. 11). O caso da África do Sul é também um bom exemplo da pressão mediática sobre a intervenção governamental (O’Heffernan, 1991, p. 63).

De forma semelhante, o estudo de Ungar (1992) concluiu que, em 1988, assim que os *media* incluíram na sua agenda o tema “aquecimento global”, os líderes mundiais

começaram imediatamente a tomar decisões para solucionar o problema (cit. por Bennett e Entman, 2000, p. 230).

Posteriormente, surge o conceito de *agenda building*, que pretende averiguar quem tem o poder de controlar a agenda (Colling, 2001, p. 90) e como é processada a negociação promíscua entre as agendas mediática e política.

Autores como Chomsky, Herman e Hammond formaram a linha de pensamento conhecida como *manufacturing consent*, segundo a qual as notícias servem para mobilizar apoio para as elites governamentais dominantes, ou seja, para apoiar as perspectivas dominantes no cenário político (cit. por Robinson, 2001). Bennett vai mais longe e cria a *teoria da indexação*. O autor acredita que a cobertura mediática reflecte o nível de debate no seio do governo, ou seja, se existe consenso político, assim também os *media* o reflectem; se existir debate, os *media* reflectem os diferentes pontos de vista. Este é o padrão noticioso mais rotineiro e previsível que prevalece nas notícias sobre assuntos especialmente delicados de política internacional e de segurança nacional, sobretudo porque a imprensa tem dificuldade em agir com independência e em introduzir enquadramentos contrastantes (Ibidem).

Outra abordagem surgiu com Daniel Hallin (1986) e o seu *modelo das esferas* – de consenso, de controvérsia legítima e de desvio - defendendo que a cobertura mediática está relacionada com o grau de consenso no seio do governo. Considera ainda que os *media* raramente veiculam versões diferentes das do governo, o que reflecte a concentração económica e a falta de pluralidade no sector (Ibidem).

Mais tarde, com a combinação do fim da Guerra Fria, a falta de orientação na política externa americana e os avanços tecnológicos, que permitiram a transmissão dos acontecimentos ao vivo de qualquer parte do Mundo, surge um novo fenómeno vulgarmente conhecido como “*CNN effect*”. Devido à omnipresença da cadeia televisiva que dá o nome ao fenómeno, os políticos começaram a preocupar-se mais com os efeitos dos meios de comunicação.

Outro factor, não menos importante, é conhecido como “*Al-Jazeera effect*”. O canal Al-Jazeera foi criado em 1996, na cidade de Doha, no Qatar. Definido pelo próprio como “the first international English-language news channel to broadcast across



the globe from the Middle East”<sup>1</sup>. Desde logo se destacou pela transmissão livre e objectiva de conteúdos noticiosos, contrariando uma comunicação social subserviente e transmissora das vontades dos governos árabes. “Al Jazeera International has definitely created a niche. While it is not influencing local opinion in America, it is widely perceived as the Arab perspective on news and is hence monitored by diplomats, the media, academics and scholars” (Conason, 2010).

Desta forma, este canal foi inovador no sentido em que liberalizou o discurso árabe e afectou a forma como os *media* influenciam a política na região. O canal consegue criar um equilíbrio noticioso e inverter o fluxo normal (Khogali e Krajnc, 2009), ao cobrir acontecimentos que ocorrem em regiões do mundo que são normalmente menos divulgadas.

Pela sua expansão e sucesso, nasce em 2006 o canal “Al Jazeera English”. De acordo com o próprio website do canal, “a missão do *Al Jazeera English* é (a de) fornecer informação imparcial e independente para uma audiência internacional e (de) dar voz a diferentes perspectivas de regiões que normalmente não merecem atenção mediática”<sup>2</sup>.

Tem sido tarefa difícil comprovar de forma empírica e credível este novo efeito jornalístico, mas alguns exemplos podem ser minimamente reveladores. Alt (2004) verificou um aumento da actividade anti-coligação no Iraque, e acredita que esta mudança de opinião não é mais do que uma resposta negativa aos erros cometidos pela Coligação, despoletada pela divulgação do canal árabe.

“Long live Al Jazeera!”, gritavam os protestantes no Egipto, a 6 de Fevereiro na Tahrir Square. Miles (2011) acredita que este grito pela liberdade é revelador da influência que o canal tem no mundo árabe e na origem de muitas sublevações. No caso da Tunísia, o canal começou a veicular a mensagem de que as forças do governo não eram tão imbatíveis como se diziam, e que as pessoas podiam e deviam defender os seus direitos.

Pela dimensão e crescimento em influência desta cadeia, muito se tem teorizado sobre a mesma, pelo que importa referir, de forma sucinta, duas obras a propósito do assunto.

---

<sup>1</sup> Informação obtida no website do canal *Al Jazeera*, disponível através do link <<http://english.aljazeera.net/aboutus/2006/11/2008525185555444449.html>>.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

A primeira, com um título esclarecedor, “The Al Jazeera Phenomenon”, editada por Mohamed Zayani (2005) descreve a estação televisiva e faz uma análise sobre a sua política, agenda, programação e cobertura. Simultaneamente, tenta compreender os seus efeitos na sociedade árabe e na própria política regional. “Este fenómeno possibilita o aparecimento de diferentes perspectivas e de maior diálogo (...) O *Al-Jazeera* é uma nova voz, um novo canal e uma nova influência no mundo Árabe e noutras esferas” (cit. por Al-Jenaib, 2006).

O outro livro intitula-se “Al Jazeera: The Inside story of the Arab News Channel that is challenging the West”, onde Miles (2005) tenta descrever o impacto deste novo fenómeno jornalístico. Segundo o autor, a influência deste *media* no governo é notória na altura da segunda Intifada, quando os governos árabes se viram forçados a agir (Ibidem).

Uma das primeiras questões que surge quando se refere este fenómeno é qual será a relação desta estação com os *media* americanos. Como seria de esperar, não é algo fácil de descortinar. Os formatos são idênticos aos americanos e a cobertura desagrada aos governos. Por um lado, o canal é acusado de ser controlado pelos EUA e por Israel. Por outro lado, os EUA criticam fortemente um canal que de certo modo serve os seus interesses, já que abriu as portas ao debate político no mundo árabe, através de uma cobertura equilibrada e de entrevistas em directo que promovem pontos de vista diversificados (Fachot, 2007).

Contudo, e tal como a maior parte das tendências na área da comunicação social, este fenómeno ainda não foi analisado de uma forma precisa e sistemática no sentido de se determinar plausível e cabalmente os seus efeitos (Seib, 2008).

Outro fenómeno concomitante que deve ser referido é o “*Youtube effect*”. Fundado em 2005, trata-se de um site que permite visualizar e partilhar vídeos em formato digital. Actualmente, conta com uma audiência de 34 milhões de visitantes por mês e cerca de 65000 vídeos são postados diariamente<sup>3</sup>. Este portal tornou-se num fórum de partilha, gerando aquilo a que se chama de “*Youtube effect*” (Naim, 2006), ou seja, através daquele meio, vídeos produzidos por indivíduos são rapidamente disseminados por todo o Mundo.

---

<sup>3</sup> Informação obtida no website do portal *Youtube*, disponível através do link <[http://www.youtube.com/t/about\\_youtube](http://www.youtube.com/t/about_youtube)>.

Com o declínio de importância dos meios de comunicação tradicionais e a crescente relevância do imediatismo e das imagens em tempo real, tornou-se incontornável a sua popularidade. Um bom exemplo desse impacto é o facto do canal CBS ter aumentado significativamente a sua audiência desde que começou a incluir alguns dos seus conteúdos no *Youtube* (Cashmore, 2006).

Obviamente, este tipo de difusão tem os seus prós e contras. Se, por um lado, a omnipresença de qualquer indivíduo permite obter imagens inéditas, por outro lado, a qualidade e a veracidade dessas imagens é, muitas vezes, posta em causa.

### 1.1.3. Media e política externa

A literatura sobre a influência exercida pela agenda dos meios de comunicação social sobre os decisores políticos apresenta versões não só distintas mas, sobretudo, divergentes.

Se, por um lado, os *media* são designados como *primary definers*, por outro, são criticados pela sua subordinação às instituições de poder (Colling, 2001, pp. 97-98).

Alguns especialistas como Shaw (cit. por Robinson, 2000a, p. 613) acreditam que os *media* são um factor decisivo na tomada de decisões de política externa.

*Operações de paz constituíram exactamente um dos domínios em que o efeito CNN terá expressão mais viva. É o “do something factor” - a pressão sobre políticos e militares para agirem em situações de grande violência e com um forte impacto junto do público* (Pereira, 2005, p. 123).

De acordo com Robinson (2001, p. 524), o “efeito CNN” é passível de se verificar em casos como os das crises humanitárias. Mesmo que os *media* não produzam efeitos directamente, pressionam a elite política a agir na sua busca incessante de um *feedback* positivo por parte do público (Hammond e Herman, 2000, p. 41) ou por temerem uma reacção pública negativa. Recorde-se a mudança na atitude dos governos americano e britânico no Norte do Iraque quando intercederam para proteger os

refugiados curdos, ou no caso da Somália, em que, até os mais cépticos admitiram que os *media* contribuíram para a intervenção naquele país (Hawkins, 2002, p. 225).

Na sua análise, Gilboa (2005) chegou à conclusão que os estudos sobre o “efeito CNN” apontam todos no mesmo sentido: o fenómeno “*fast-forward*”, isto é, as notícias internacionais aceleram o processo de tomada de decisões e afectam a conduta política (cit. por Journiette e Olsson, 2007, p. 2).

Robinson vai mais longe, com a criação do modelo “*policy-media*”, ao defender que os *media* exercem tal influência nas decisões políticas apenas quando existe incerteza política e uma abordagem mediática crítica que utiliza frames do tipo *critical* e/ou *empathy* (críticas e de empatia), caracterizada pelo ênfase dado ao sofrimento humano e crítica à indiferença dos governos (2000a, p. 631). Deve, desde logo, esclarecer-se as duas condições para a concretização deste modelo – “*policy uncertainty*” e “*media framing*”.

*Policy uncertainty* (Ibid., p. 617) ocorre quando não há medidas concretas definidas para abordar um determinado assunto. Isto acontece sobretudo quando há mudanças constantes na estratégia e discórdia entre as elites. *Media framing* (Ibid.: 2002, pp. 26-30) diz respeito à forma como o acontecimento é descrito. Geralmente, a influência é maior quando a descrição inclui sentimentos como a empatia pelas vítimas, com a ênfase no seu sofrimento e apelos à comunidade internacional, assim como críticas à acção governamental (Journiette e Olsson, 2007, p. 7).

No mesmo sentido, Strobel, preconiza que o impacto dos *media* depende fortemente da coerência da política existente no seio do executivo governamental (Robinson, 1999, p. 304).

Os mais cépticos, por outro lado, acreditam que os *media* não são capazes de alterar decisões. Jakobsen (2000, p. 134) admite que a influência só se aplica em casos raros. Quando a decisão do governo é intervir, os *media* são incapazes de inverter essa tendência. Nestes casos, é o governo que dirige a acção dos *media* no sentido de obter apoio da opinião pública. Outros ainda admitem que a influência existe mas que é difícil prová-lo de forma credível (Robinson, 2000b, p. 1).

Não obstante algumas evidências esporádicas, o debate em torno desta problemática mantém-se em cima da mesa. Será que os *media* influenciam realmente a

tomada de decisões de política externa? Ou são apenas manipulados para abrir caminho para tais decisões?

## **1.2. Objectivos da investigação, hipóteses e metodologia**

Neste contexto, o objectivo central da investigação “Crises humanitárias, os *media* e a política externa” consiste em averiguar qual ou quais os fenómenos característicos da cobertura mediática em casos de crises humanitárias se verificaram no tratamento noticioso da recente tragédia no Haiti. Concomitantemente, pretende-se verificar a existência e alcance da tentativa dos *media* de influenciarem os decisores governamentais, tendo em conta a intersecção entre as agendas mediática e política/governamental (Novais, 2010).

Quando se pensou na tipologia “crises humanitárias”, ocorreu imediatamente como possível alvo de investigação o terramoto que abalou o Haiti no início do ano de 2010, não só pela magnitude das suas consequências, naquela que ficou marcada como a segunda catástrofe mais destrutiva desde 1990, mas também pela proximidade temporal da sua ocorrência.

Em primeiro lugar, o impacto deste acontecimento despoletou, desde logo, uma forte mobilização humanitária mas também mediática, que permitiu a reprodução de uma grande diversidade de conteúdos noticiosos e, ao mesmo tempo, serviu como um perfeito reflexo da realidade haitiana, existente mesmo antes da catástrofe natural. 10 segundos foram suficientes para matar mais de 230 mil pessoas. A multiplicação de imagens reflectiu de forma nítida a pobreza daquele país do Hemisfério Sul. Se à miserável condição económico-social do país, antes e depois do terramoto, juntarmos os estudos reveladores de uma discrepância na cobertura mediática condicionada por interesses geográficos e/ou económicos, este episódio torna-se particularmente interessante no sentido de tentar perceber se o país recebeu a mesma atenção que alguns países desenvolvidos receberiam. Será que Grossman (2010) tem razão quando afirma: “Sometimes it seems as if we only remember the poor during a tsunami, a hurricane or an earthquake?”

Depois, o facto de a catástrofe ter ocorrido há relativamente pouco tempo poderia, obviamente, constituir um entrave à investigação, pela falta de informação ou de estudos sobre o acontecimento, mas, por outro lado, torna-se mais desafiante,

exactamente pela possibilidade acrescida de criar um estudo pioneiro sobre esta matéria. Igualmente desafiante será descortinar indícios que comprovem efectivamente algum tipo de influência mediática sobre as decisões governamentais de política externa concernentes ao terramoto do Haiti, dando assim um novo contributo para a literatura que versa sobre a relação entre os *media* e os líderes da política externa. Estão assim reunidas as condições para uma investigação inovadora em diversos prismas.

De acordo com as expectativas iniciais, estabeleceram-se duas hipóteses de investigação complementares.

- H1 – A cobertura mediática do terramoto do Haiti recorreu a temas e expressões que favoreceram um enquadramento emocional;
- H2 – Tal tratamento noticioso exerceu algum tipo de influência na tomada de decisão dos respectivos governos português e norte-americano.

Para comprovar tais expectativas, procedeu-se a uma análise de conteúdo – *Meta Performance Analysis* - a quatro periódicos portugueses (*Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Público* e *Expresso*) e dois norte-americanos (*New York Times* e *Washington Post*), que se prolongou desde Dezembro de 2009 até Abril de 2010, por ser a mais adequada à análise em questão, porque permite cumprir os objectivos propostos, complementada com uma análise *framing*, que incide sobre os enquadramentos noticiosos, em intersecção com um escrutínio das agendas governamentais portuguesa e norte-americana a propósito do terramoto ocorrido em 12 de Janeiro de 2010 no Haiti.

A escolha de duas realidades tão distintas (Portugal e EUA) deve-se ao intuito de tentar descortinar algumas semelhanças e/ou diferenças entre dois países que possuem relações distintas com o país em observação (Haiti). A escolha da imprensa portuguesa deve-se, em primeiro lugar, como é óbvio, ao facto de se tratar do país de origem do autor da dissertação, mas sobretudo por constituir um bom exemplo de uma nação que não tem qualquer relação cultural ou económica, nem sequer de proximidade, com o Haiti. Ao invés, os EUA possuem relações histórico-culturais e económicas com o país em questão, que serão descritas em pormenor mais à frente, para além da proximidade geográfica, o que faz com que o território norte-americano albergue também muitos imigrantes daquele país.

Através da metodologia escolhida, esperava-se encontrar indícios para a comprovação da hipótese 1, através dos seguintes elementos: recurso privilegiado a fontes nacionais; a nível descritivo, o recurso a enquadramentos negativos e emocionais, e através da vitimização e apelo à empatia; a nível temático, a primazia conferida a histórias emotivas, paralelas ao terramoto; e a nível das críticas presentes na cobertura, a preferência atribuída às depreciações dirigidas à ajuda internacional e um número bastante superior de elogios tecidos aos esforços nacionais. Pela conjugação das expectativas anteriores e pela previsão de uma intersecção das agendas mediática e governamental, presumia-se descobrir tendências que comprovassem a hipótese 2, concernente a uma eventual influência dos *media* na tomada de decisão dos respectivos governos português e norte-americano.

Contudo, e de acordo com os resultados obtidos, conclui-se que estavam correctas as expectativas referentes à primeira, e não verificadas as previsões relacionadas com a segunda. Portanto, comprovou-se, de facto, uma primazia dada às fontes de origem nacional, em particular na imprensa norte-americana (e mais concretamente no periódico *Washington Post*), um recurso a expressões e temas que centram o acontecimento no sofrimento das vítimas e que revestem a cobertura dos tons negativos e de empatia, e uma cobertura enaltecadora dos esforços nacionais no caso norte-americano (onde a quase totalidade dos elogios encontrados foi dirigida ao governo dos EUA). Por outro lado, e indo ao encontro das dificuldades verificadas em estudos semelhantes feitos anteriormente, não é possível a partir da evidência empírica disponível afirmar a existência de uma influência comprovada dos conteúdos mediáticos no processo de tomada de decisões dos governos português e norte-americano.

### **1.3. Sinopse**

O Capítulo I da investigação diz respeito à Introdução, onde se começa por introduzir brevemente as duas tendências concomitantes mais significativas na cobertura de crises humanitárias. Segue-se uma revisão da literatura considerada relevante para o tema em análise. Em primeiro lugar, relativamente ao tópico dos *media* e crises humanitárias, descrevem-se as principais tendências que caracterizam esta tipologia: a discrepância na cobertura, a representação selectiva em função de factores como a proximidade geográfica e/ou cultural ou de interesses estratégicos, o

enquadramento negativo focado no sofrimento das vítimas, o sensacionalismo e a inevitabilidade do “*media fatigue*”. Depois, no que concerne ao tópico da interdependência entre as agendas mediática e política, fez-se um levantamento histórico dos estudos sobre as funções e efeitos dos meios de comunicação, nomeadamente, as teorias do “*agenda-setting*”, “*agenda-building*”, “*manufacturing consent*”, “modelo das esferas”, “*CNN effect*”, “*Al-Jazeera effect*” e “*Youtube effect*”. No último item, que diz respeito aos *media* e à política externa, começa-se por descrever a importância da comunicação em geral, procedendo-se depois a um contraponto entre as teorizações divergentes que caracterizam este tema – por um lado, alguns autores apontam os *media* como um factor decisivo nas decisões de política externa, como dão conta o efeito *CNN*, o fenómeno *fast-forward* ou o modelo *policy-media*; por outro, alguns especialistas defendem que a influência mediática acontece raramente e constitui uma teoria de difícil comprovação empírica.

Ainda no capítulo introdutório, são apresentados os objectivos da investigação e os argumentos para a escolha do terramoto do Haiti como objecto de estudo. Seguidamente, introduzem-se as hipóteses iniciais e as opções metodológicas, e faz-se uma comparação entre as expectativas iniciais deste estudo e os resultados encontrados. Termina-se com uma breve descrição dos conteúdos dos demais capítulos da dissertação.

O Capítulo II é dedicado a uma descrição detalhada sobre o país analisado na investigação: o Haiti. Depois de uma breve descrição em traços gerais (dados geográficos) sobre o território, remete-se a leitura para os dados históricos. Começando pelos dados que estão na origem da criação do país, fala-se posteriormente do desenvolvimento ao longo do século XX e, por fim, num período mais recente. Igualmente importante é a descrição feita de seguida sobre o posicionamento do Haiti no mundo e as relações estabelecidas aos níveis cultural e económico. Segue-se uma exposição de dados sobre a ocorrência escrutinada neste trabalho – o terramoto, em analogia com as informações obtidas sobre o Haiti, como país já reconhecido como um dos mais pobres do mundo. A descrição estende-se ao longo-prazo, ou seja, versa sobre as consequências da tragédia, a ajuda prestada e o estado da Nação algum tempo depois da catástrofe. Depois de se expor informações sobre o país antes, durante e após a catástrofe, apresenta-se, por fim, os dados relevantes sobre a literatura acerca da cobertura de desastres naturais, finalizando com o retrato mediático do terramoto no



Haiti em particular, as informações e opiniões disponíveis, ainda que escassas, sobre o desempenho dos *media* neste caso em particular.

No Capítulo III, figura a metodologia utilizada na investigação. Numa primeira fase descreve-se o *corpus* de análise, nomeadamente no que respeita ao período e aos periódicos em escrutínio. Depois, procede-se a uma explicação mais detalhada das duas vertentes da metodologia adoptada, nomeadamente o *framing* e a *meta performance analysis*, versando sobre os seus constituintes, pertinência para a investigação e tendências generalizadas que podem ser testadas.

Apresentada a literatura sobre o tema em estudo, conhecido o país e o episódio em escrutínio, e descrita a metodologia adoptada, surgem os Resultados no Capítulo IV. Seguindo uma lógica que vai desde o geral para o particular, tendo sempre os dados obtidos referentes às duas imprensas em análise (portuguesa e americana), e só depois descrevendo os dados que dizem respeito a cada uma, separadamente, decompõe-se os dados obtidos em cada parâmetro da metodologia (fontes, descrição do evento, temas, críticas e elogios, agenda governamental), acompanhados de gráficos que os ilustram de forma mais quantitativa e visual.

Por fim, no Capítulo V figuram as conclusões. Conjugando-se o que versa na literatura sobre casos de catástrofes naturais e sobre a influência dos *media* nos actores políticos, e os dados obtidos na análise da investigação, tentou-se estabelecer inferências conclusivas sobre este caso em particular – o terramoto do Haiti, validando ou não as hipótese de investigação inicialmente estabelecidas. Simultaneamente, apresentam-se algumas sugestões para futuras investigações, de acordo com as dificuldades que foram surgindo ao longo da investigação.

## Capítulo II

### O Haiti<sup>4</sup>

“TITRE I - DE LA RÉPUBLIQUE D’HAÏTI SON EMBLÈME - SES SYMBOLES. CHAPITRE I DE LA RÉPUBLIQUE D’HAÏTI. Article premier: Haïti est une République, indivisible, souveraine, indépendante, coopératiste, libre, démocratique et sociale”<sup>5</sup> (Constitution de la République d’Haiti, 1987).

O Haiti, oficialmente designado como República do Haiti, é um país das Caraíbas que ocupa o terço ocidental da ilha *Hispaniola* do arquipélago das Antilhas e faz fronteira com a República Dominicana.



Ilustração 1: Território do Haiti

Fonte: [http://www.army.forces.gc.ca/dsc\\_gagetown/maps-eng.asp](http://www.army.forces.gc.ca/dsc_gagetown/maps-eng.asp)

<sup>4</sup> Para além das referências citadas, os dados presentes neste capítulo resultam de um cruzamento de informações recolhidas no *website* da *Central Intelligence Agency*, disponível através do link <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html#top>>, e no *website* do Departamento de Estado norte-americano, disponível através de vários links como <<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/1982.htm>>, ou <<http://www.state.gov/outofdate/bgn/haiti/110951.htm>>.

<sup>5</sup> Disponível através do link <[http://www.haiti.org/images/stories/pdf/constitution\\_francais.pdf](http://www.haiti.org/images/stories/pdf/constitution_francais.pdf)>.

O presidente Haitiano é o chefe de estado de uma república semi-presidencial de sistema multipartidário. O país divide-se em dez departamentos administrativos que se dividem, por sua vez, em 41 *arrondissements* e 133 *communes* (*divisões de segundo e terceiro nível*) (Ibidem).

## 2.1. Um pouco de história...

Quando chegaram à ilha, os indígenas Taínos deram o nome de *Ayti* (terra das montanhas altas) à vertente montanhosa do oeste, nome que ainda se utiliza actualmente para designar o país na língua Crioula. Designaram a ilha de Hispaniola como *Kiskeya* e dividiram-na em cinco parcelas, organizadas politicamente – os *caciques*. O território do Haiti que hoje conhecemos corresponde na sua maior parte ao território das anteriores *Jaragua* e *Marien*.



Ilustração 2: Divisão da ilha Hispaniola por caciques

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Copia\\_de\\_Cacicazgos\\_de\\_la\\_Hispaniola.gif](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Copia_de_Cacicazgos_de_la_Hispaniola.gif)

Entre os séculos XV e XVII, a história do Haiti ficou marcada pela invasão dos europeus que atacaram e escravizaram os nativos. Comandados por Cristóvão Colombo, os hispânicos exploraram a ilha no século XVI. As doenças infecciosas trazidas pelos Europeus provocaram a morte da maior parte dos nativos. Surge assim uma nova

geração multi-racial – os *zambos* – composta pelos poucos Taínos que conseguiram sobreviver e os escravos Africanos que chegaram mais tarde.

A 22 de Agosto de 1791 iniciou-se uma revolta generalizada de escravos que levou à alteração do nome da colónia para Haiti.

A cultura Haitiana resulta da união de elementos taínos, franceses e africanos. Grande parte das tradições foram criadas pelos grupos étnicos que habitavam a ilha e ainda hoje se praticam. Relativamente à religião, a maioria da população é Católica Romana (55%) e cerca de 28% é Protestante. Devido ao elevado número de praticantes, também as práticas Vodou foram reconhecidas pelo governo haitiano, em 2003.

## **2.2. Século XX**

Sob a presidência de Woodrow Wilson, os EUA ocuparam a ilha em 1915, sob o argumento da defesa de interesses das corporações americanas. Depois da retirada dos EUA, Rafael Trujillo, o ditador da República Dominicana, deu início a um verdadeiro massacre.

Entre 1957 e 1986, o Haiti foi governado pelo sistema ditatorial da familiar Duvalier. Aclamado por defender os direitos da maioria negra haitiana, François Duvalier foi eleito presidente. Devido ao seu empenho no combate a diversas doenças ficou conhecido como “Papa Doc”. Por outro lado, causou a morte a 30.000 haitianos, devido à implementação de uma milícia rural, do culto à personalidade e ao Vodou. *Tonton Macoutes*, a Milícia Voluntária para a Segurança Nacional protagonizou diversos actos violentos por todo o país.

Depois da morte de “Papa Doc” em 1971, o seu filho, Jean-Claude Duvalier assumiu o poder, conhecido como “Baby Doc”. Durante a sua presidência, milhares de Haitianos foram mortos e torturados e o país manteve-se como o mais pobre do continente americano.

A magreza dos salários e a escassez de oportunidades despoletou a emigração de muitos haitianos. Entre os principais destinos estão os Estados Unidos mas também o Canadá, a República Dominicana, as Bahamas ou a França. Este fluxo em grande escala criou aquilo a que os Haitianos chamam de *Eleventh Department* ou *Diaspora*. Um em cada oito Haitianos é emigrante.

Nos anos 90 surge um novo presidente, Jean-Bertrand Aristide, um antigo padre que foi eleito em 1991, com 67% dos votos, tornando-se assim no primeiro presidente do Haiti democraticamente eleito. Durante o seu mandato, tentou levar a cabo várias reformas que desagradaram às elites haitianas. Tentou punir as violações aos direitos humanos e garantir mais poderes aos cidadãos.

A história do Haiti está vincadamente marcada por golpes: um total de 32 em 200 anos. Depois da eleição de Aristide, surge um novo golpe. Joseph Nérette, juiz do supremo tribunal, foi escolhido como presidente provisório de um regime *de facto* até à data de novas eleições que teriam lugar 90 dias depois. As eleições agendadas foram prontamente canceladas. O antigo presidente Aristide acusou os Estados Unidos do golpe que levou à sua deposição (alguns relatórios foram publicados acerca do possível envolvimento da CIA no golpe) e do cancelamento das eleições. Nos anos seguintes, muitos apoiantes do presidente Aristide foram mortos. De modo a travar os líderes dos golpes, a ONU declarou um embargo comercial, o que deteriorou ainda mais a economia do país. Por fim, as forças dos EUA entraram no Haiti sob a legislação da Operação Defender a Democracia durante a presidência de Clinton. Em 1994, Aristide regressou à chefia do governo até ao fim do seu mandato em 1996.

René Préval, Primeiro-ministro durante a presidência de Aristide, foi eleito nas eleições presidenciais em 1996 com 88% dos votos. Durante a sua presidência, o Haiti alcançou os níveis mais baixos de desemprego desde o governo de François Duvalier. O presidente incluiu na sua agenda económica (1996-2001) a liberalização das trocas e o controlo da despesa do governo, procedendo a uma reforma no sector financeiro. Opôs-se ferozmente às violações dos direitos humanos e ordenou inúmeras investigações.

### **2.3. Mais recentemente**

Depois de um processo eleitoral boicotado e controverso, Aristide voltou a assumir a liderança no Haiti. A sua segunda presidência estendeu-se até 2004, altura em que foi removido do ofício e exilado em África do Sul, depois de anos de progressiva violência e de sucessivas violações dos direitos humanos.

René Préval foi eleito novamente em 2006 como presidente da República do Haiti. Neste mandato, empenhou-se nas relações externas (nomeadamente com a Venezuela, Estados Unidos, Cuba e França). Fortaleceu a cooperação com a América

Latina, estabelecendo vários acordos económicos (países como a Venezuela ou Cuba estavam gratos ao Haiti devido a razões históricas, pela ajuda a Simón Bolívar na libertação da América Latina, no caso da Venezuela, ou pelos votos, na ONU, contra o embargo dos EUA a Cuba). Fez o mesmo com a administração Bush e restabeleceu relações com a República Dominicana.

Uma vez mais, assistiu-se a um desenvolvimento da economia durante o seu mandato. Depois de 4 anos de recessão (que culminou em 2004), a economia Haitiana cresceu pela primeira vez: 1,5% em 2005, 2,5% em 2006 e 3,2% em 2007. A ajuda externa e as remessas dos emigrantes revelaram-se vitais para a economia. Em 2006, foi aprovado um plano de ajuda externa para o Haiti, operacionalizado pelo Programa de Financiamento para Redução da Pobreza e Desenvolvimento (PRGF) do Fundo Monetário Internacional (FMI) no âmbito da sua inserção no grupo de Países Pobres Altamente Endividados (PPAE).

Em 2008, assiste-se a um recuo, caracterizado por várias manifestações e distúrbios, em protesto contra o aumento dos preços alimentares. Préval prometeu reduzir os preços e procurar assistência internacional para inverter a situação económica.

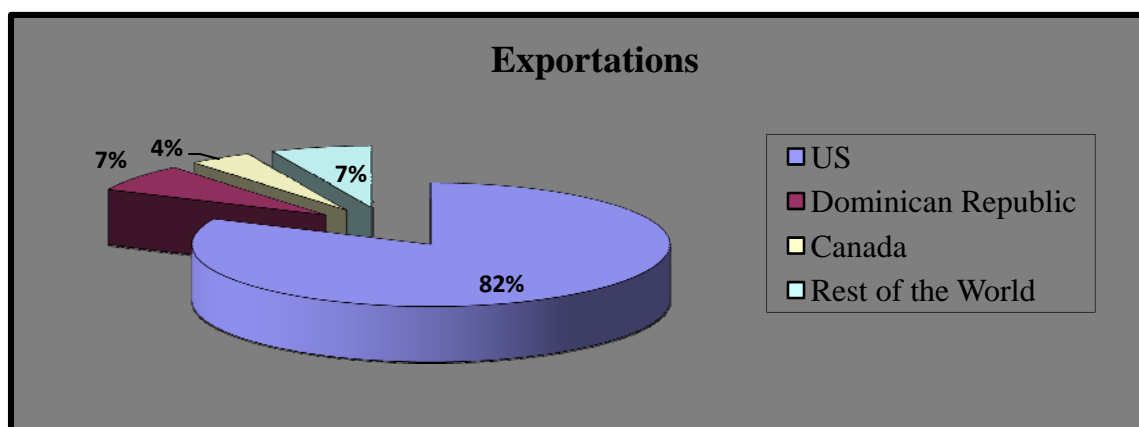


Gráfico 1: Valor das exportações haitianas em 2004

Fonte: *L'économie haitienne – Investir en Haiti: un choix intelligent*, Consulat Général d'Haiti au Montréal, 2006

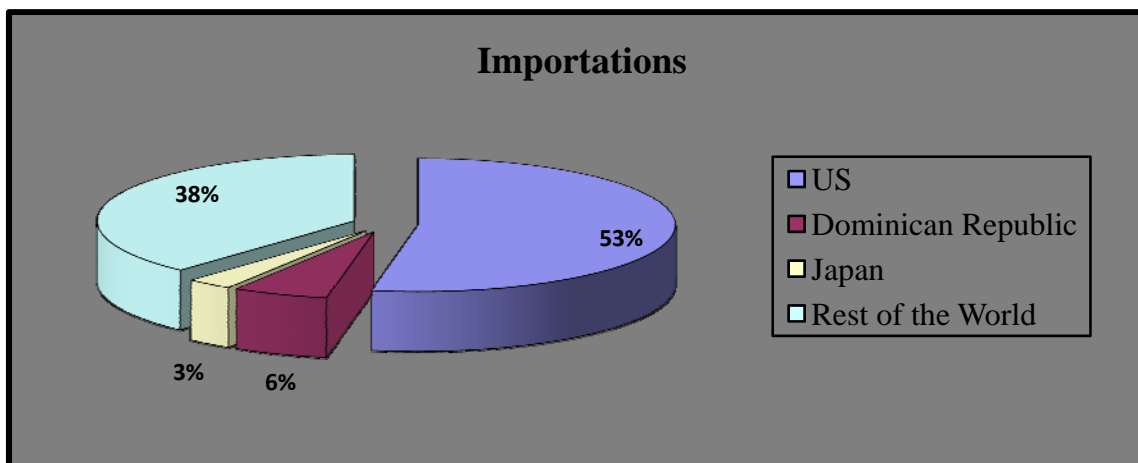


Gráfico 2: Valor das importações haitianas em 2004

Fonte: *L'économie haitienne – Investir en Haiti: un choix intelligent*, Consulat Général d'Haiti au Montréal, 2006

## 2.4. O Haiti no Mundo

O Haiti está bastante envolvido com a comunidade internacional mas também muito dependente dela. A ajuda externa representa cerca de 40% do orçamento de estado. O valor acumulado da ajuda financeira ascende a mais de 2 mil milhões de dólares, prestada pelas doações bilaterais encabeçadas pelos EUA e que incluem o Canadá, a UE, a França, a Alemanha, o Japão e Taiwan. Agências da ONU, o Banco Interamericano para o Desenvolvimento, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial providenciaram a ajuda multilateral. Em 2004, a Conferência de Doadores culminou com a quantia aproximada de mil milhões de dólares para o Haiti.

Vários têm sido os apelos para atrair capital estrangeiro e alcançar inovações tecnológicas. Uma das principais vantagens do território haitiano é a indústria agrícola (óleos essenciais, especiarias, frutas e vegetais e sisal). A aprovação da lei de investimento, em 2002, foi um marco crucial, “proibindo a discriminação fiscal e legal contra investidores estrangeiros”.

*Haiti a toujours été un pays très ouvert aux investisseurs étrangers. L'ampleur des besoins à satisfaire sur le marché haïtien constitue un attrait certain pour ces derniers car le pays doit amorcer bientôt sa phase de reconstruction. (...) Les avantages sont multiples pour un investisseur en Haïti, car le pays jouit clairement d'un avantage*

*concurrentiel sur les autres pays de la région en raison de la faiblesse des coûts de production, environ 10% de moins que dans les pays de l'Amérique centrale et la République Dominicaine. En outre, la flexibilité du marché de l'emploi induit très peu de restrictions en ce qui concerne l'embauche par rapport aux pays voisins et aux autres concurrents d'Haiti (Consulat Général d'Haiti à Montréal, 2006, p. 6).*

A maior parte das relações é estabelecida através de organizações internacionais e da comunidade internacional. Os EUA são o principal intermediário entre o envolvimento internacional no país, trabalhando de perto com agências como a OAS (Organização dos Estados Americanos), o grupo “Amigos do Haiti” ou a CARICOM (Comunidade do Caribe).

O Haiti e os EUA mantêm uma relação de proximidade não só devido à curta distância que existe entre ambos (menos de duas horas de avião desde Miami), mas também devido ao fluxo de emigrantes ilegais haitianos que atravessam todos os dias a fronteira americana (nos últimos 20 anos, foram registados mais de 100.000 emigrantes ilegais haitianos).

*ARTICLE I. Application of the Agreement: 1. Pursuant to the recommendations contained in the Agreed Minutes on the Reduction of the Debt of the Republic of Haiti, signed on July 8, 2009, by representatives of certain nations, including the United States, and by the representatives of Haiti, the applicable domestic laws of the United States and Haiti, and the September 1999 commitment of the President of the United States to provide 100 percent debt forgiveness of eligible debt to certain Heavily Indebted Poor Countries that have reached Completion Point, the United States and Haiti hereby agree to reduce certain payments by Haiti with respect to debts which are owed to, guaranteed by or insured by the United States Government and its Agencies (Agreement, 2009).*

Os Estados Unidos são o maior aliado económico do país. Em 1994, depois de sanções internacionais, a ONU decretou um embargo a todos os bens que entrassem no Haiti com a excepção dos recursos humanitários, o que fez com que o país ficasse ainda



mais dependente dos EUA. Os dois países têm um acordo bilateral sobre garantias de investimento que autoriza a *Corporação* para os Investimentos Privados Americanos a oferecer programas no Haiti. O investimento dos EUA no Haiti foi de mais de 850 milhões de dólares entre 1995 e 2003 e de mais de 600 milhões desde 2004.

O Haiti é ainda um dos membros fundadores das Nações Unidas e também da Organização dos Estados Americanos (OEA). Por outro lado, a comunidade internacional ajudou o Haiti por diversas vezes. Em 1994, a ONU criou uma força multinacional (MNF) com o objectivo de restabelecer a estabilidade no Haiti. A MNF tornou-se uma força de manutenção da paz com a participação de 38 países – UNMIH (Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti), que foi seguida de muitas outras como a Missão de Apoio das Nações Unidas para o Haiti (UNSMIH), a Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti (UNTMIH) ou a Missão de Polícia das Nações Unidas no Haiti (MINOPUH).

A MINUSTAH (Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti) foi criada no dia 1 de Julho de 2004 pela Resolução 1542 do Conselho de Segurança, depois da entrada de tropas estrangeiras no Haiti, com o objectivo de formar um governo de transição (MIF – Força Multinacional Interina).

## **2.5. O terramoto**

No dia 12 de Janeiro de 2010, 16:43h no Haiti (21:53 GMT), um sismo de magnitude 7.0 atingiu o país das Caraíbas. Este sismo revelou-se uma das maiores catástrofes na história da humanidade, matando cerca de 230.000 pessoas, segundo os registos do governo.

A destruição era visível por todo o lado. O mundo parou para ver as imagens deste país, isolado em todos os sentidos. Ninguém escapou ao desastre: pobres, ricos, ministros, oficiais da ONU. O Palácio Presidencial, o Parlamento e a sede da missão da ONU ficaram também devastados pela catástrofe.

## Quakes in Haiti, Sumatra Were Among Deadliest Ever

Death tolls from the recent earthquake in Haiti and the 2004 quake off the west coast of northern Sumatra, Indonesia, were the highest since 1990. Earthquakes in the United States have caused far fewer deaths. Many of the more serious U.S. quakes have occurred in California and Alaska.



Deadliest Earthquakes Since 1990 (U.S. and worldwide)

Date	Location	Fatalities	Magnitude	Description
1	2004 Off west coast of northern Sumatra, Indonesia	227,898	9.1	Indonesia, Sri Lanka, India and Thailand were hardest hit. Tsunami struck 14 nations along Indian Ocean.
2	2010 Port-au-Prince, Haiti	222,570	7.0	About 250,000 residences and 30,000 commercial buildings collapsed or were severely damaged mainly in Port-au-Prince.
3	2008 Eastern Sichuan, China	87,587	7.9	At least 4.8 million people left homeless; strong aftershocks months later caused more casualties and damage.
4	2005 Northeast Pakistan	80,361	7.6	Roads were blocked by landslides, 4 million left homeless. Tremors also felt in neighboring Tajikistan and western China.
5	1990 Manjil-Rudbar, Iran	50,000	7.4	About 700 small villages destroyed; \$200 million in estimated damage.
6	2003 Southeastern Iran	31,000	6.6	Up to 80-90 percent of buildings around the epicenter area of Bam were damaged or destroyed near the Afghan and Pakistani borders.
7	2001 Gujarat, India	20,025	7.7	About 400,000 homes destroyed. Eighteen casualties also reported in southeastern Pakistan.

Ilustração 3: *Earthquake Threat: is the U.S. ready for a seismic catastrophe?*

Fonte: <http://library.cqpress.com/cqresearcher/document.php?id=cqresrre2010040900>

O terramoto do Haiti (Ilustração 3) encontra-se em segundo lugar na lista dos mais mortíferos desde 1990. Numa área atingida contabilizada em 25 km<sup>2</sup>, o balanço é de 222.570 mortos, entre os quais 101 trabalhadores da ONU.

Familiares, trabalhadores, jornalistas e voluntários de todo o planeta desejavam chegar ao Haiti e ajudar. Com a chegada da ajuda, surgiram também outros problemas,

devido à sobrelotação do único aeroporto local (o aeroporto internacional encontra-se a 10 quilómetros a nor-nordeste de Port-au-Prince) e ao excesso de população na zona da fronteira com a República Dominicana. A acrescentar ainda as condições miseráveis de vida em que viviam os Haitianos.

Thomaz faz um relato da cidade de Port-au-Prince no dia seguinte ao terramoto:

*Os corpos continuaram expostos, às dezenas, apodrecendo. Os mesmos corpos continuaram pendurados nos edifícios. Um caminhão passou, as pessoas gritaram para que parasse para recolhê-los, jogaram pedras. Não havia espaço. Cachorros corriam pelas ruas, e também havia cães nos escombros. Falava-se de cães comendo os defuntos. Observei um cão que desde o dia do terremoto não saía da frente de uma casa que desabara. Parecia esperar os seus donos (2010, p. 28).*

Algumas das características do país correspondente às coordenadas 19 00 N, 72 25 W são realmente únicas – a primeira nação independente na América Latina, a primeira república do mundo liderada por negros e a única nação independente da América de predominância Francófona – mas outras servem também para explicar a magnitude das consequências do terramoto.

A maior parte dos valores demográficos do país espelham ainda melhor a gravidade das consequências da catástrofe. 50% dos Haitianos têm menos de 20 anos e a taxa de mortalidade infantil é muito elevada – 1 em cada 8 crianças morre antes de completar 5 anos de idade. Para além disso, apenas 40% da população Haitiana tem acesso a cuidados básicos de saúde. A cólera e a febre tifóide estão entre as principais causas de morte. 90% das crianças sofrem de doenças provenientes da água (como a diarreia, hepatite A e E, e a febre tifóide). Apenas 25% da população tem acesso a água potável. Estes números evidenciam bem as condições miseráveis em que a população Haitiana vivia ainda antes do sismo.

Miller (2010, p. 267) esteve no Haiti como voluntária várias vezes, dando-se conta de um sistema de saúde bastante deficitário, quase inexistente.

O Francês e o Crioulo são as línguas oficiais do Haiti. No entanto, apenas 10% da população consegue falar fluentemente Francês, o que demonstra o fraco investimento do estado na educação. Os custos da educação são muito elevados e nem as famílias nem o estado podem suportá-los. A qualidade de vida é tão baixa que o

ensino obrigatório não vai para além da escola primária. Mesmo assim, apenas 65% das crianças com idade para frequentar a escola primária estão matriculadas. Num nível secundário os valores descem aos 20%.

Com um território que se estende por mais de 27.700 quilómetros quadrados, existe outro elemento que, de certo modo, faz piorar a gravidade da destruição que assolou o Haiti a 12 de Janeiro, que é a concentração da população nas áreas urbanas. A própria capital, Port-au-Prince, aloja 2 milhões de habitantes, que representa cerca de 20% da população Haitiana (9.8 milhões de pessoas em 2008, de acordo com a ONU). Tudo depende do governo em Port-au-Prince (Wilentz, 2010). Além disso, é no Haiti que se encontra aquele que é considerado “o lugar mais perigoso do mundo” pela ONU. Esta expressão refere-se a *Cité Soleil*, o maior bairro em Port-au-Prince. O país apresenta um elevado nível de corrupção, de acordo com o Índice de Percepção da corrupção.

Importa salientar que o nível de ocorrência de tempestades no país é muito elevado. No início do século XX, o território Haitiano era composto por 60% de floresta nas regiões montanhosas. Nos últimos anos, cerca de 98% foi devastada para ser usada como combustível, contribuindo para a desertificação. A somar à erosão do solo, ocorrem também muitas cheias. Em 2004, mais de 3.000 pessoas morreram devido à Tempestade Tropical Jeanne. Em 2008, a Tempestade Tropical Fay e os furacões Gustay, Hanna e Ike devastaram a ilha. A fraca qualidade do solo e o terreno montanhoso agravam a situação. Em menos de quatro semanas, o número de mortes era de 331 e cerca de 800.000 pessoas necessitavam de ajuda humanitária.

O Haiti permanece o país mais pobre do Hemisfério Ocidental e um dos mais pobres do mundo, com 80% da população a viver abaixo do limiar da pobreza. Em 2009, apresentava um PIB (Produto Interno Bruto) de 11.97 mil milhões de dólares e um crescimento estimado de 2.9%. O Haiti sofreu repetidamente com políticas económicas inadequadas, instabilidade política, índices elevados de emigração, índices elevados de corrupção e uma falta de investimento estrangeiro.

A balança de receitas demonstra bem a pobreza do Haiti. As importações representam 35% do PIB e as exportações cerca de 9%, o que revela valores muito negativos.

Alguns autores acreditam que o Haiti é um estado falhado, que só conseguirá desenvolver-se sobre a alçada da ONU (Katel, 2005, p. 2) e culpam ainda os EUA pelo estado constante de contestação no país das Caraíbas (Ibid., p. 4).

## 2.6. O longo-prazo

Nos dez segundos em que a terra tremeu, morreram mais de 200.000 pessoas. O Haiti precisa de ser reconstruído quase na sua totalidade. As agências de ajuda internacional, como a *Disasters Emergency Committee* no Reino Unido, demonstraram a sua solidariedade, e foram criadas algumas campanhas – *Hope for Haiti Now: A Global Benefit for Earthquake Relief* (um esforço global para arrecadar dinheiro através de uma maratona televisiva). Pessoas e organizações de todo o mundo estiveram envolvidas. Estima-se que o valor total das doações seja de 7.8 mil milhões de dólares. A administração Obama prometeu 1.15 mil milhões de dólares, China 4.2 mil milhões e a União Europeia cerca de 616 mil milhões de dólares.

De salientar o processo de ajuda prestada pelos países em análise na investigação. O governo português anunciou, pelo MAI, a 14 de Janeiro de 2010, o envio de uma equipa de socorro para o Haiti, composta por membros do INEM, da AMI ou da Autoridade Nacional de Protecção Civil.<sup>6</sup>

No dia seguinte ao terramoto no Haiti, o presidente norte-americano decretou um vasto plano de ajuda para aquele país, anunciando um dos maiores programas de assistência internacional na história recente dos EUA (Obama, 2010), que reúne membros das forças armadas, das agências de desenvolvimento e da população norte-americana em geral, em coordenação com os parceiros internacionais que estão a colaborar com o governo haitiano.

A ajuda americana resumiu-se a 100 milhões de dólares e o envio de uma equipa de resgate constituída por 5 mil membros. Muitos são os especialistas que defendem que é imperativo o envolvimento dos EUA no processo de reconstrução, dada a relação entre os dois países. Não só pela proximidade geográfica e histórica, mas sobretudo pelo facto do território norte-americano albergar cerca de 800 mil haitianos (Schneider e Robertson, 2010). Por outro lado, discute-se o facto do governo norte-americano colocar muitos entraves à entrada de imigrantes haitianos.

---

<sup>6</sup> Portugal envia equipa de socorro para o Haiti (2010), *XVIII Governo Constitucional*, 14 de Janeiro. Disponível em <[http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Noticias/Pages/20100114\\_Not\\_CM\\_Haiti.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Noticias/Pages/20100114_Not_CM_Haiti.aspx)> (consultado em Janeiro de 2011).

*But over the long term, there is another step, one that may be less obvious or popular, that we must take. It would vastly improve the living standards of the Haitian people, and if we had taken it earlier, it could have lessened the death toll of the quake. We must let more Haitians come here (Clemens, 2010).*

Mas será possível reconstruir o país que já possuía o menor IDH dos países ocidentais? O Haiti tem um longo caminho pela frente, o que torna a ajuda a longo-prazo crucial. Mas o panorama não se revela muito animador.

Sete meses após o sismo (Setembro de 2010), os registos dão conta de mais de um milhão de refugiados a viver em tendas pré-fabricadas, os edifícios permanecem em ruínas e apenas 5% dos destroços foram removidos das ruas.

Em Outubro de 2010, os EUA anunciaram que iriam acrescentar 120 milhões de dólares ao Fundo de Recuperação do Haiti com o objectivo de ajudar o país. Por outro lado, começaram a deportar os primeiros Haitianos após o terramoto (Janeiro de 2011), atitude que foi duramente criticada, dadas as pobres condições em que o país se encontrava.

Em Novembro, o governo haitiano anunciou que mais de 900 pessoas foram vítimas de uma epidemia de cólera. As chuvas torrenciais provocaram cheias, os campos de refugiados continuavam lotados, as pobres condições higiénicas e a falta de informação pioraram a situação e os hospitais nacionais transbordavam de gente.



Ilustração 4: Vítima de cólera após o terramoto do Haiti<sup>7</sup>

Fonte: Ramon Espinosa – Associated Press

O processo eleitoral em 2010 foi violentamente contestado. As eleições foram adiadas para 28 de Novembro (inicialmente agendadas para Fevereiro). Como nenhum candidato obteve 50% dos votos, foram remarcadas para Fevereiro de 2011. Muitos protestantes mostraram o seu descontentamento face à presidência de Préval e à longa presença da MINUSTAH. Muitas pessoas puseram em causa a capacidade do país para assegurar um processo eleitoral depois do desastre que destruiu o país em Janeiro de 2010.

*But the thing is, ordinary diseases have been killing Haitians for years. These diseases kill because of a national and international failure to develop more than a patchwork infrastructure for health. Before the earthquake this past January, one in every three children was chronically malnourished, and with fewer than three doctors for every 10,000 Haitians (compared to 18 doctors per 10,000 in neighboring Dominican Republic and 25 per 10,000 in the United States) health services were uneven. Simply put, children and adults have been suffering and dying in Haiti for decades from preventable causes. It's just now that the country's staggering health crisis is hitting the mainstream media (Ruxin, 2010).*

---

<sup>7</sup> McNeil Jr., Donald G. (2010), Cholera outbreak kills 150 in Haiti, *The New York Times*, 22 de Outubro. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2010/10/23/world/americas/23cholera.html>>.

Se a tudo isto acrescentarmos as pobres condições em que viviam os Haitianos antes do tremor de terra mais destruidor dos últimos 200 anos, o resultado é um dos países mais pobres do mundo. Juntando a instabilidade política e as políticas económicas instáveis, obtemos a explicação para a estagnação no 146º lugar num ranking de 177 países pertencentes ao Índice de Desenvolvimento Humano da ONU.

Tendo em conta as notícias que chegam do Haiti, um ano depois do terramoto, a situação não mudou muito.

*She watched with horror as her mother's mangled body was carted off in a wheelbarrow after the Jan. 12 earthquake. She fell in with a ragtag group of orphans taken under the wing of a well-meaning but ill-equipped community group. She left them unwillingly when a self-proclaimed relative took her away to use her as a servant. And then last fall, not long before her 15th birthday, Daphne found herself in an actual home, reunited with the other orphans stranded after the disaster they all call "goudou-goudou" for the terrible sound of the ground shaking. She wore a party dress; she blew out candles; she smiled (Sontag, 2011).*

## **2.7. O Haiti e o terramoto nos *media***

Os estudos dão conta de uma cobertura menos representativa dos países em desenvolvimento. Esta negligência origina uma distorção na forma como percebemos o mundo. "The reporting on the South tends to focus on negative and deviant issues (conflicts and disasters) and is often portrayed in a highly stereotyped fashion (Allen and Seaton 1999)" (cit. por Novais, 2009, p. 415).

Simon Moss faz uma análise interessante sobre a cobertura mediática de desastres naturais em países pobres, que deve considerar-se para a investigação por apresentar semelhanças com o caso do Haiti. Depois de vários anos de análise, o autor (Moss, 2010) descobriu que a agenda mediática nos países pobres é preenchida com quatro temas – corrupção, conflitos, loucura e catástrofe. Cada um tem as suas vantagens e desvantagens, as suas características, mas em particular as histórias sobre os



desastres naturais de larga escala têm seguido inevitavelmente o mesmo padrão de cobertura noticiosa.

- “A ajuda humanitária é sempre descrita como lenta ou ineficaz” (Ibidem.). Prestar ajuda em áreas destruídas é difícil. Através dos *media*, o público é constantemente bombardeado com mensagens inconsistentes. Por um lado, somos encorajados a ajudar, por outro, dizem-nos que a nossa ajuda não está a surtir qualquer efeito e que as organizações humanitárias são incompetentes. No caso específico do retrato do terramoto na comunicação social, Thomaz acusa a imprensa internacional de um relato desfasado e impreciso:

*Na imprensa internacional foi recorrente a afirmação da dificuldade de escoar a ajuda internacional. Remédios, comida, água, tendas, cobertores...tudo parecia se acumular no aeroporto de uma cidade já por si só caótica, e agora absolutamente sumida no caos pós-terremoto (2010, p. 33).*

- “As pessoas que sofrem com os desastres são sempre mostradas como vítimas ou como criminosas” (Moss, 2010). Há uma tendência para generalizar sobre as pessoas dos países pobres através das imagens dos *media*. Consequentemente, a cobertura de desastres faz com que sintamos implicitamente que as pessoas dos países mais pobres são como as vítimas ou criminosos que vemos nas notícias, reforçando a ideia de que temos de as “salvar” – dos desastres e até delas mesmas. Solnit (2010) refere, no caso do terramoto do Haiti, um excesso na utilização do termo *looting*, o que desencadeou um retrato das vítimas como pessoas criminosas, e não de alguém desesperado para alimentar a sua família.

- “A cobertura de desastres quase nunca faz referências à resposta das entidades locais” (Moss, 2010). A caridade, o governo e o povo locais nunca aparecem. A história, política, economia, geografia e cultura de um país torna-se irrelevante ao ser reduzida a um ícone de sofrimento.

*É certo que a ONU estava decapitada, entre o estado de choque e o caos. Mas atribuir ao Haiti a responsabilidade pela ausência de ação*

*das organizações internacionais deve ser considerado um exercício de cinismo, má-fé ou, na melhor das hipóteses, pura e simples ignorância. Que o Estado no Haiti oscila, na atualidade, entre a ausência e a força bruta da atuação policial (...) isso não é novidade para os haitianos. Mas traduzir a precariedade do aparato estatal numa guerra de todos contra todos, num estado de caos permanente, constitui uma liberdade retórica que não resiste a uma observação mais atenta da realidade de Porto Príncipe — observação que os sujeitos da “comunidade internacional” há anos estabelecidos neste país estariam obrigados a realizar” (Thomaz, 2010, p. 33).*

Pouco foi dito em relação à representação do Haiti nos *media*. Mas todos os autores apontam no mesmo sentido: o Haiti tem sido prejudicado por uma cobertura bastante negativa, concomitante com os estudos sobre a cobertura mediática existente nos países menos desenvolvidos.

*Ainda está para chegar o dia em que os Haitianos enquanto povo e o Haiti enquanto símbolo não representam nem são sinónimos de pobreza, subdesenvolvimento e infortúnio (...) Enquanto objecto de investigação e representação mediática, os Haitianos têm sido retratados como fragmentos – corpos sem mentes, cabeças sem corpos ou espíritos errantes (Ulysse, 2010, p. 37).*

## Capítulo III

### Metodologia

De acordo com os objectivos pretendidos, foi adoptada uma combinação de diferentes métodos. Para além de uma análise de conteúdo quantitativa de aproximação ao material de estudo, procedeu-se à conjugação da análise do desempenho mediático com a dos enquadramentos ou molduras presentes na cobertura.

Mais concretamente e no que às análises de conteúdo diz respeito, o universo da investigação foi constituído por quatro jornais portugueses - *Público*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Expresso* - e dois americanos - *The New York Times* e o *The Washington Post*. A selecção destes periódicos prende-se com o facto de se pretender contemplar uma amostra representativa da imprensa diária generalista portuguesa, e dois dos jornais mais influentes na realidade americana.

Em primeiro lugar, importa esclarecer que os jornais portugueses foram analisados na versão impressa enquanto, no caso dos americanos, se procedeu a uma análise à versão on-line, pela maior facilidade de acesso aos mesmos. Este método teve alguma influência, desde logo, nos resultados obtidos, nomeadamente nos dados quantitativos, como o número de notícias analisadas ou o espaço dedicado pelo periódico, mas não exerceu qualquer interferência na boa consecução da análise, já que se procedeu de modo semelhante nos jornais portugueses, não pondo em causa a equidade dos dados obtidos nem o rigor para a sua posterior comparação.

O *Jornal de Notícias*, fundado em 1988 no Porto, é um dos jornais mais populares na sociedade portuguesa. O diário que pertence ao grupo Controlinveste Media, é o segundo jornal diário com maior tiragem a nível nacional, assumindo bastante relevância igualmente a nível local.

O *Diário de Notícias* é considerado um diário de referência em Portugal, sendo o 4º periódico com mais tiragem no país entre os diários generalistas. Fundado em 1864, em Lisboa, o DN pertence actualmente à empresa Global Notícias, empresa do grupo Controlinveste.

O *Público* é um diário português fundado em 1990. Este generalista, pioneiro na publicação de artigos colecionáveis, é considerado o jornal de referência de qualidade na cultura portuguesa, contando com um leque diversificado de cronista conhecidos do público.

O *Expresso*, fundado em 1973, é um semanário português de referência que pertence ao grupo Impresa. O primeiro jornal a publicar a sua edição impressa em HTML conta com uma diversa oferta de cadernos e suplementos, tais como os de Economia ou o de Emprego.

O *The New York Times* é um jornal diário norte-americano com circulação em Nova Iorque, fundado em 1851. Apesar de estar em 3º lugar entre os jornais americanos com maior tiragem, é o periódico com mais prémios *Pulitzer* e o que recebe mais visitas no seu sítio Web (mais de 30 milhões por mês).

O *The Washington Post* é o principal jornal diário da capital dos EUA. Fundado em 1877, a história do periódico que destaca os assuntos de política interna ficou marcada pelo facto dos seus repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein terem desencadeado o escândalo *Watergate*.

No que diz respeito ao período de análise, a escolha explica-se pelos seguintes motivos: tendo em conta que o terramoto ocorreu no dia 12 de Janeiro de 2010, tentou-se perceber, em primeiro lugar, se o tema “Haiti” era recorrente nas imprensas portuguesa e norte-americana. Para não se incorrer no risco de analisar o período que corresponde à época festiva do Natal e do Ano Novo, deu-se início à análise das notícias um pouco antes disso, a 1 de Dezembro de 2009. Numa fase posterior da análise, pretende-se perceber a permanência e/ou prolongamento do tema na imprensa, de acordo com o objectivo de determinar a confirmação das tendências da cobertura noticiosa de casos de catástrofes naturais. Por conseguinte o período de análise prolonga-se até meados do mês de Abril de 2010.

A selecção e recolha de material publicado nos jornais portugueses foram efectuadas manualmente na Biblioteca Municipal de Gaia, que redundou num universo analítico de 468 textos noticiosos relativo sob escrutínio. No caso da imprensa norte-americana, analisou-se um total de 504 notícias ao longo do mesmo número de dias de análise (136), o que perfaz um universo analítico total de 972 notícias.

Antes da análise qualitativa, recolheram-se alguns dados quantitativos genéricos que muito embora não permitam generalizações são, ainda assim, reveladores das grandes tendências da cobertura noticiosa do estudo de caso: o número de textos de cada edição, o título e a autoria da notícia. De forma complementar, aferiu-se o destaque conferido ao terramoto do Haiti através do registo do número de vezes em que o assunto é remetido para a capa do periódico, bem como o espaço ocupado por cada notícia na página. No caso da análise dos jornais norte-americanos, procedeu-se a uma análise semelhante, alterada apenas devido à logística do formato. Registou-se, portanto, o título e autor da notícia, a edição em que figura e o tamanho da mesma, através da contabilização do número de parágrafos e de palavras de cada uma. Todos estes elementos foram recolhidos com o intuito de descobrir indícios de visibilidade do tema e de perceber o nível de destaque dado ao mesmo. Os valores obtidos foram considerados no seu valor absoluto mas também se procedeu a um cálculo da média dos valores, quando a informação o justificava, de forma a descobrir algumas tendências não só a nível geral mas também no âmbito individual de cada periódico, que frequentemente diferem dos resultados gerais.

No que concerne ao parâmetro qualitativo, o trabalho foi conseguido através de uma conjugação de duas abordagens metodológicas: a *Frame Analysis* e *Meta Performance Analysis*, seguidamente descritas de forma mais detalhada.

### 3.1. Framing

Actualmente, a forma de descrição privilegiada pelos profissionais de comunicação é o que se designa como “enquadramento”, ou, na sua versão original, como “*framing*”.

De forma sucinta, o conceito de *framing* é definido como “an emphasis in salience of different aspects of a topic” (De Vreese, 2005, p. 53). Outras definições mais complexas são igualmente relevantes para compreender o conceito.

*To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text (...)*” (Entman, 1993, p. 52); *Framing is considered as a central organizing idea to make sense of event or an issue (Gamson, 1989, p. 157; Gamson and Modigliani, 1987, p. 43) (cit. por Saleem, 2007, p. 132).*

O termo foi cunhado por psicólogos sociais numa tentativa de explicar a influência dos *media* na definição dos assuntos para a audiência.

O conceito de *framing*, em particular, pressupõe que a própria caracterização de um assunto, isto é, o enquadramento de uma notícia pode ter uma influência significativa na percepção da audiência. Mas isto não implica uma recepção passiva da audiência. Cada elemento interpreta a mensagem de forma diferente. “Por outras palavras, a utilização de *frames* influencia a forma como as audiências pensam acerca dos assuntos, não por tornar aspectos desses assuntos mais salientes, mas por invocar esquemas interpretativos que influenciam a interpretação da informação recebida” (Scheufele, 2000, p. 309). Portanto, o *framing* assume relevância na construção do debate público e na compreensão dos assuntos políticos. A maioria dos estudos indica que os *frames* desempenham um papel vital no apoio ou oposição a um determinado acontecimento ou assunto, são capazes de criar julgamentos morais, interpretações

causais e soluções para determinados problemas, e ainda determinar o tom da cobertura mediática de determinado acontecimento (Saleem, 2007, pp. 134-35).

Adicionalmente, através dos processos de *framing* e do *agenda-setting*, os meios de comunicação influenciam a opinião pública e a tomada de decisões, especialmente nos casos de política externa. Por outro lado, eles estão vulneráveis às manipulações dos decisores políticos (Boaz, 2005, p. 349).

Referência incontornável neste domínio é o “*cascading network activation model*” proposto por Robert Entman. Tal modelo concebe a existência de interação de vários níveis que visa explicar a relação existente entre os pontos de vista oficiais das autoridades norte-americanas, aquilo que é veiculado pelos *media*, bem como os enquadramentos utilizados, para além do efeito na opinião pública. O autor concluiu que os governos são mais eficazes na gestão noticiosa quando recorrem a enquadramentos que coincidem com os padrões culturais do seu público (Bennett *et al.*, 2005, p. 12). No caso analisado, Entman (2008) verificou que o que acontece é que, quando há uma intervenção norte-americana, a maioria dos americanos tende a encará-la como um acto altruísta, enquanto o público estrangeiro normalmente se opõe a esta decisão.

Outro elemento que nunca se deve descurar no processo de criação noticiosa é o factor humano. Tewksbury e Scheufele estabelecem uma comparação interessante entre o jornalismo e a pintura.

*Artists know that the frame placed around a painting can affect how viewers interpret and react to the painting itself. As a result, some artists take great care in how they present their work, choosing a frame that they hope will help audiences see the image in just the right way. Journalists – often subconsciously – engage in essentially the same process when they decide how to describe the political world. They choose images and words that have the power to influence how audiences interpret and evaluate issues and policies. The simplicity of this analogy belies the complexity of the process and effects of framing in the news, however (2009, p. 17).*

De acordo com Scheufele (1999, p. 109), há pelo menos cinco que factores são capazes de influenciar a forma como os jornalistas enquadram os acontecimentos:

normas sociais e valores, pressões organizacionais, pressões de grupos de interesse, rotinas jornalísticas e orientações ideológicas e políticas dos jornalistas (Shoemaker & Reese, 1996; Tuchman, 1978). O mesmo teórico sintetizou algumas das lacunas cometidas na investigação deste fenómeno que acredita que podem e devem ser contornadas em futuros estudos. Em primeiro lugar, deve distinguir-se duas abordagens no estudo do *framing* (cit. por Tewksbury e Scheufele, 2009, p. 22): uma primeira, em que o conceito constitui uma variável dependente, onde interessa o conceito de *frame building*, ou seja, a forma como os *frames* se inserem no discurso noticioso (aborda normas jornalísticas, actores políticos e contextos culturais); outra, em que o *framing* é uma variável independente, onde interessa o conceito de *frame setting*, isto é, os efeitos do processo na audiência. Depois (Ibid., p. 28), não se deve incorrer no erro frequente de considerar estes elementos todos iguais. “Media or news frames serve as working routines for journalists, allowing them to quickly identify and classify information and “to package it for efficient relay to their audiences (Gitlin, 1980, p. 7)” (cit. por Scheufele, 2000, p. 306).

Nos últimos anos, o *framing* tem ultrapassado largamente os estudos sobre os fenómenos de *agenda-setting* ou de *priming*. Contudo, ao mesmo tempo, é o que está menos definido tanto a nível conceptual como operacional (Weaver, 2007, p. 146). Este conceito enfrenta ainda a própria dificuldade da clareza da sua definição original.

De Vreese e Boomgaarden (cit. por Schuck e De Vreese, 2006, p. 7) aportaram um novo contributo ao estudo da comunicação política: o conceito de *valence framing*, tipologia esta que avalia os assuntos políticos em termos positivos ou negativos. Este tipo de descrição coincide na perfeição com os dois tipos de *framing* propostos por Shaw (1996) e que mais importam para esta investigação: *empathy* e *critical*. A cobertura de um evento em termos negativos pode, de facto, exercer uma forte pressão, na medida em que exige a atenção dos líderes políticos (Robinson, 2002, p. 29).

No caso particular e relevante para esta pesquisa, contudo, interessa em particular a aplicação dos *frames* emocionais. É sobretudo nesta tipologia que os *media* assumem um papel vital junto da opinião pública bem como na definição da política externa, dado que muitas vezes, e sobretudo na fase inicial das crises, os *media* são a única fonte de informação, ainda que a par das fontes diplomáticas no caso dos decisores governamentais. “The media is a huge factor in getting people to be generous



(...) there is a phenomenon of “image multiplication”. Pictures make all the difference” (Moeller, 2006, p. 182).

Num estudo de caso análogo, Cottle (2009) dedicou a sua análise ao tsunami no sul asiático que se estima ter vitimado mais de 220 mil pessoas, e ao furacão Katrina. As conclusões afiguram-se semelhantes:

*Initial disaster reports, for example, focused on the ever-rising death tolls followed by stories of involved nationals and affected tourist destinations. But the Western news media thereafter also began to inscribe their coverage with collective appeals and a moral infusion that extended beyond their own national boundaries to encompass the geographically distant wasted human landscape and its survivors* (Cottle, 2009, p. 503)

Os mesmos episódios foram analisados por Worawongs *et al.* (2007, p. 19), que destacou a utilização de *frames* emocionais. Grande parte das notícias enfatiza as vítimas do desastre e as consequências para as respectivas famílias. O recurso à emoção funcionou como ligação entre a audiência e as vítimas numa cobertura que enfrentou o desafio da distância geográfica (Ibid., p. 24). “O discurso da compaixão global situa-se na intersecção entre políticos, organizações humanitárias, os *media* e a audiência/cidadãos” (Hoijer, 2004, p. 514).

Bennett (cit. por Salgado, 2007, p. 30) recorre ao termo dramatização para descrever a utilização de emoções, símbolos, linguagem teatral ou frases curtas.

Entman (1993, p. 54), por seu lado, alerta para o facto de o *framing* enfatizar alguns assuntos mas, por outro lado, negligenciar outros. Novamente surge o factor proximidade geográfica e/ou cultural. Quando nenhum destes factores se aplica, a tónica vai para o sofrimento das vítimas, num apelo à empatia, através de *frames emocionais* (Robinson, 2002, p. 29). Um estudo sobre a cobertura mediática de acontecimentos ocorridos nos países do sul asiático presentes na imprensa norte-americana (Poornanda, 1998), dá conta que a atenção cedida é marginal e só acontece em casos de desastres e conflitos (cit. por Saleem, 2007, p. 142).

No caso particular da imprensa americana, as crises são retratadas (Vincent, 2000, p. 338), muitas vezes, como uma situação onde o fim justifica os meios. Também

Saleem (2007, p. 152) concluiu que os *media* americanos tendem a apoiar o interesse nacional e a dar especial atenção a outros países onde os interesses político, económico e militar americanos estão envolvidos.

De acordo com os dois tipos de *framing* propostos por Shaw (1996), *empathy e critical*, a *framing analysis* efectuada no âmbito desta dissertação será integrada enquanto parâmetro analítico da *Meta Performance Analysis*, conforme a seguir descrito e explanado.

### 3.2. Meta Performance

A *Meta Performance Analysis* (Novais, 2007 e 2010) trata-se de um método relevante no sentido de investigar o desempenho dos *media*, já que permite detectar semelhanças, diferenças e contradições visíveis no conteúdo noticioso dos textos examinados. Conclusões estas que podem ser obtidas através dos cinco parâmetros que a análise engloba: fontes de informação, descrição do evento, críticas/elogios, temas ausentes/infrequentes e agenda governamental.

Relativamente ao primeiro tópico, por fonte de informação entende-se qualquer pessoa ou grupo de pessoas que activam o processo comunicativo através de uma mensagem. A relação dos jornalistas com as fontes assume uma importância capital para o processo do *newsmaking*, que se transforma num processo activo binário onde se mantém uma relação de interdependência entre os dois agentes (McQuail, 2003, p. 291). Neste parâmetro tentou-se recolher a identidade/origem das fontes citadas, e a repetição das mesmas, de forma a estabelecer conclusões quanto aos critérios de selecção de fontes pelos periódicos. Portanto, em primeiro lugar, registou-se as fontes de cada edição, contabilizando o número total de fontes e, posteriormente, classificou-se as mesmas, de acordo com a sua origem. De acordo com a sua origem, nos jornais portugueses, as fontes foram divididas em: governo haitiano, governo português, governo americano, outros governos, voluntários portugueses, outros voluntários, sobreviventes, outros portugueses, outros haitianos, organizações/instituições portuguesas, organizações/instituições internacionais, membros das organizações/instituições, jornalistas e outros. Nos jornais americanos, a divisão foi feita da seguinte forma: governo haitiano, governo americano, outros governos, voluntários americanos, outros voluntários, sobreviventes, outros americanos, outros

haitianos, organizações/instituições americanas, organizações internacionais, membros das organizações/instituições, jornalistas, imigrantes haitianos e outros.

De seguida, estas fontes foram agrupadas novamente segundo a sua origem, obtendo-se valores absolutos mas também percentagens. No caso dos jornais portugueses, dividiram-se em fontes de origem: *haitiana*, onde se engloba o governo haitiano e outros haitianos; *portuguesa*, onde se inclui o governo português, voluntários portugueses, outros portugueses e organizações portuguesas; *americana*, que corresponde ao governo americano; *internacional*, que inclui outros governos, outros voluntários, organizações internacionais; *membros das organizações*; *sobreviventes*; e *outros*, onde se inserem as fontes outros e jornalistas.

Nos periódicos americanos, a divisão foi semelhante, com excepção das fontes de origem portuguesa: *haitiana*, onde se engloba o governo haitiano, outros haitianos e imigrantes haitianos; *americana*, que corresponde ao governo americano, aos voluntários americanos, outros americanos e organizações americanas; *internacional*, que inclui outros governos, outros voluntários, organizações internacionais; *membros das organizações*; *sobreviventes*; e *outros*, onde se inserem as fontes outros e jornalistas.

Posteriormente, considerou-se em ambas as realidades as fontes mais utilizadas, ou seja, aquelas que mais se repetiram no período em análise, numa tentativa de encontrar alguma ligação com a origem das fontes analisada anteriormente e indícios de preferências jornalísticas por determinados nomes ou tipos de fontes. Por fim, contemplou-se também o conteúdo das declarações das fontes, ainda que este material seja utilizado igualmente nos demais parágrafos da *Meta Performance Analysis*.

Quanto à descrição do evento, relevou-se a forma como o acontecimento foi dado a conhecer aos leitores, atendendo a termos, expressões e/ou tom das notícias.

Neste parâmetro, a análise foi feita em duas fases. Em primeiro lugar, recolheu-se as expressões mais interessantes e conclusivas da descrição, de forma a atribuir à notícia um tom de empatia/crítica (Shaw) e/ou positivo/negativo. Esta classificação de acordo com quatro parâmetros foi definida pelo autor da investigação, indo ao encontro de algumas tendências reveladas pelos estudos da representação noticiosa em casos de catástrofe, de acordo com os dados apresentados na Tabela 1.

Empatia	Termos e/ou expressões que retratam os sobreviventes da catástrofe como vítimas, pobres, criando no leitor um sentimento de “pena” e de empatia por aqueles (baseado no trabalho de Hammond, 2007).
Crítica	Expressões que apreciam negativamente a actuação ou procedimentos de indivíduos ou organizações.
Positivo	Termos de índole positiva ou expressões/temas que transmitem sentimentos de esperança e alegria para o leitor.
Negativo	Termos de índole negativa ou expressões/temas que focam o sofrimento dos sobreviventes e que transmitem sentimentos negativos no leitor.

Tabela 1: Definição dos tons analisados nas notícias

Deste modo, foi possível descobrir quais os tons predominantes nas imprensas portuguesa e americana. Deve referir-se que esta classificação não é mutuamente exclusiva, ou seja, algumas notícias continham expressões que lhe conferem um tom simultaneamente positivo e negativo ou de empatia e de crítica, pelo que se tornou pertinente o cálculo da percentagem da frequência de cada tom em relação ao número de edições analisadas.

Numa segunda fase, onde se insere a análise *framing*, procedeu-se à contabilização e registo das palavras utilizadas em cada notícia, classificando-as como sendo de índole positiva, negativa ou neutra, o que vai ao encontro do procedimento anterior, de forma a detectar algum tipo de *frames* dominantes na cobertura deste caso e a aferir a forma como o episódio é descrito. Atendendo às expressões e palavras utilizadas para descrever o episódio, é possível determinar a existência de uma cobertura com recurso a *frames* emocionais.

Depois, registaram-se as palavras mais utilizadas, ou seja, que mais se repetiram em cada periódico. Deste modo, consegue determinar-se os tons mais e menos predominantes na cobertura deste episódio, não só pela percepção dos termos que mais se repetem na descrição do evento, mas sobretudo pela sua índole e pelos tons que são transmitidos nas notícias aos leitores.

Tais procedimentos metodológicos assemelham-se e baseiam-se em outras investigações anteriormente feitas. Nesta fase, relevou-se particularmente importante o exemplo da investigação de Robinson (2000). O autor aferiu em que medida a cobertura utiliza “*empathy*” ou “*distance*” frames em relação às vítimas de uma catástrofe natural (cit. por Hammond, 2007, p. 13). Esta análise torna-se relevante na medida em que compara as *frames* dominantes na cobertura noticiosa com perspectivas oficiais. Este tipo de trabalhos coincide na perfeição com os dois tipos de *framing* propostos por Martin Shaw e que mais importam para esta investigação: *empathy* e *critical*. A cobertura de um evento em termos negativos pode, de facto, exercer uma forte pressão, na medida em que exige a atenção dos líderes políticos (Robinson, 2002, p. 29).

O artigo de Bennett *et al.* (2005, pp. 22-23) é o que mais se aproxima da análise praticada nesta investigação. Em primeiro lugar, o autor verificou a frequência de termos como *tortura, abuso e maus-tratos*, assim como as fontes que os utilizaram. Foi feita uma análise simultânea de documentos que dão conta das decisões do governo. Por isso foi especialmente tido em conta para a metodologia desta análise, mas também pela comprovada valência da análise do *framing*. Outro exemplo metodológico para esta investigação é o trabalho de Hammond (2007), que registou a terminologia utilizada em quatro periódicos britânicos com objectivo de comprovar a existência do processo de *framing* na construção noticiosa, em detrimento de um tom imparcial, analisando casos de conflito como o da Somália, Bósnia, Ruanda, Kosovo, etc.

Este tipo de análise pode ser bastante conclusiva sobretudo em relação ao retrato de determinados temas em detrimento de outros. No que toca a este item, a análise é efectuada no sentido de detectar algum enviesamento por parte da imprensa, através do privilégio ou da omissão ou escassa referência a factos relevantes para a compreensão dos acontecimentos. Neste parâmetro, definiram-se seis temas de partida, que constam na Tabela 2.

<b>A</b>	Factos e dados sobre o terramoto.
<b>B</b>	Factos e dados contextuais sobre o Haiti.
<b>C</b>	Intervenção da ONU no Haiti e no caso do terramoto.
<b>D</b>	Outras histórias (onde se inserem histórias sobre imigrantes haitianos pelo mundo, problemáticas como a adopção, histórias paralelas, etc.).
<b>E</b>	Ajuda humanitária internacional.
<b>F</b>	Intervenção/ajuda portuguesa/americana (conforme o periódico em análise).

Tabela 2: Definição dos temas analisados nas notícias

Depois da definição, procedeu-se ao registo da ocorrência dos temas nas notícias, obtendo-se dados conclusivos sobre a predominância dos mesmos, que podem também constituir indícios sobre uma cobertura com um tom de empatia e/ou negativo.

No que concerne ao último parâmetro da MPA, procedeu-se à recolha das críticas/elogios tecidos. Ressalta-se aqui a inserção de um novo elemento - elogios - que acresce à proposta original desta metodologia por se acreditar que poderão constituir elementos igualmente conclusivos. Para além da frequência, foram complementados o seu destinatário, podendo este ser: governo, autoridades ou população *haitiana*; governo ou a população *nacionais* (português ou americano conforme os periódicos em análise); governo *americano* (só no caso da imprensa portuguesa); *ajuda internacional*; ou *outros* (tal como imigrantes, voluntários, etc.).

Depois, tal como é proposto originalmente na *Meta Performance Analysis (Novais, 2007 e 2010)* complementou-se esta análise com confrontação da agenda mediática com a agenda governamental das respectivas autoridades nacionais. Tal foi possível com recurso a pesquisa de documentos oficiais da política externa de ambos os países em causa, no sentido de determinar a importância conferida ao ‘dossier Haiti’ na agenda governamental. No caso português, consultou-se o sítio oficial do governo, analisando o Programa do Governo no que diz respeito ao parâmetro de Política Externa<sup>8</sup> (Programa do Governo, 2009), e ainda o anuário de referência JANUS<sup>9</sup>, onde

<sup>8</sup> Disponível através do link <[http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa\\_Governo\\_31.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa_Governo_31.aspx)>

<sup>9</sup> Edição de 2009 disponível através do <link <http://www.janusonline.pt/2009/2009.html>>; edição de 2010 disponível através do link <<http://www.janusonline.pt/2010/2010.html>>.

constam artigos sobre a actualidade internacional, com relevo para as relações externas da sociedade portuguesa. No caso americano, procedeu-se igualmente à análise do programa governamental no âmbito da política externa<sup>10</sup> (Bureau of Democracy, 2009).

Por fim, para colmatar o escrutínio da imprensa e da agenda governamental portuguesas e americanas, procedeu-se à entrevista semi-estruturada de uma jornalista que acompanhou *in loco* os acontecimentos: Mariana Palavra, da rádio da ONU no Haiti. De acordo com os objectivos de investigação foram elaboradas várias questões com o intuito de perceber o cenário com que a jornalista se deparou aquando da ocorrência do terramoto, e se verificou uma cobertura centrada no sofrimento das pessoas, na crítica às entidades locais e à ajuda humanitária, com particular incidência na influência do apoio mobilizado pela comunidade internacional, tentando estabelecer um paralelo entre o testemunho de um profissional da comunicação que esteve presente no local da tragédia com as conclusões encontradas.

---

<sup>10</sup> Disponível através do link <<http://www.state.gov/p/wha/ci/ha/index.htm>>.

## Capítulo IV

### Resultados

Em primeiro lugar, é necessário atender aos dados quantitativos, de forma a retirar algumas conclusões que possam ser complementadas com o escrutínio qualitativo. Importa também referir que os resultados são apresentados na generalidade da análise e, depois, separadamente entre periódicos portugueses e periódicos americanos. Primeiro porque o formato analisado foi diferente (em papel no caso dos jornais portugueses e na versão online no caso dos americanos) e depois porque o objectivo passa por retirar conclusões sobre a cobertura mediática em geral e, só depois, se possível, estabelecer semelhanças e/ou contrastes entre duas realidades bastante distintas (Portugal e EUA).

	Imprensa portuguesa				Imprensa americana		
Periódico	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	Total
Notícias	158	185	113	12	288	216	972
	468				504		

Tabela 3: Notícias analisadas nos periódicos portugueses e americanos

A análise de dados contemplou um total de 972 notícias, distribuídas por 6 periódicos. O escrutínio incluiu 468 notícias em quatro jornais portugueses (*Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Público* e *Expresso*), em versão impressa (48% das notícias analisadas), e 504 notícias em dois periódicos norte-americanos (*New York Times* e *Washington Post*), na sua versão online (52% das notícias analisadas).



Periódico	Notícias	Edições	Média Notícias
<i>JN</i>	158	43	3,7
<i>DN</i>	185	43	4,3
<i>Público</i>	113	37	3,1
<i>Expresso</i>	12	4	3
<b>Média</b>	<b>117</b>	<b>31,75</b>	<b>3,5</b>

Tabela 4: Notícias e edições analisadas na imprensa portuguesa

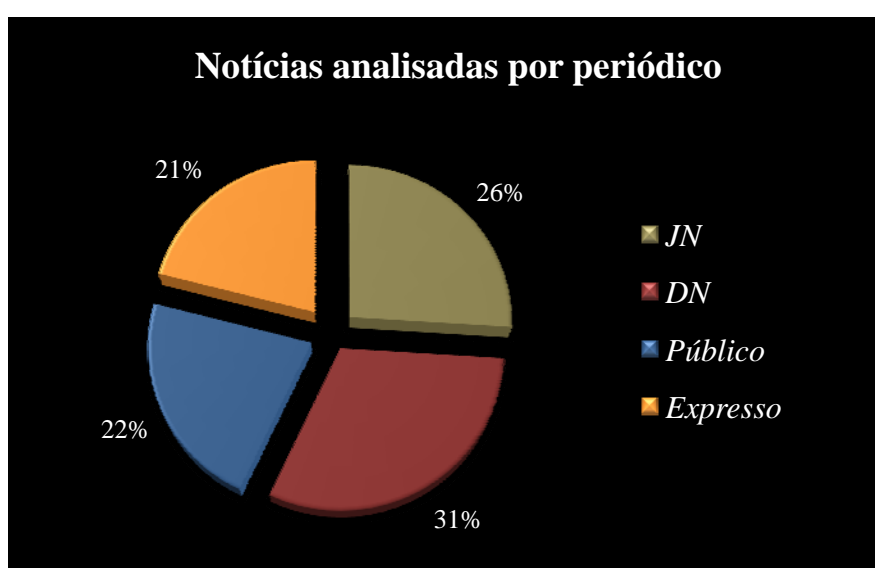


Gráfico 3: Percentagem de notícias analisadas na imprensa portuguesa

Na imprensa portuguesa, o periódico com o maior número de notícias sobre o tema no período analisado foi o *DN*, com uma média de 4,3 notícias por edição, correspondente a 31% da totalidade. O *Público* foi o diário que menos textos publicou sobre o Haiti (22%) sendo só suplantado pelo semanário *Expresso* (21%), ainda que no caso deste último, em vista do número de edições analisadas, seja muito mais significativo do que este percentual indicia numa primeira análise.

Periódico	Edições	Notícias	Capas	Páginas	Edições sem notícias
<i>JN</i>	43	158	14	41,5	50
<i>DN</i>	43	185	10	56	50
<i>Público</i>	37	113	16	55	56
<i>Expresso</i>	4	12	2	5	9
<b>Média</b>	<b>32</b>	<b>117</b>	<b>11</b>	<b>39,4</b>	<b>41,25</b>
<b>Total</b>	<b>127</b>	<b>468</b>	<b>42</b>	<b>157,5</b>	<b>165</b>

Tabela 5: Número de páginas e capas analisadas por periódico na imprensa portuguesa

Periódico	Média Notícias	% Capas	Média Páginas
<i>JN</i>	3,7	33 %	0,97
<i>DN</i>	4,3	23 %	1,30
<i>Público</i>	3,1	43 %	1,49
<i>Expresso</i>	3	50 %	1,25
<b>Média</b>	<b>3,5</b>	<b>37 %</b>	<b>1,25</b>

Tabela 6: Média de notícias, capas e páginas por periódico na imprensa portuguesa

No que concerne à relevância do tema, é de salientar que a ocorrência na primeira página (capa) dos periódicos corresponde a uma média de 37%, o que não deixa de ser um valor revelador da relevância atribuída ao assunto, tendo em conta a distância geográfica e cultural entre os países em causa (Portugal e Haiti), e a extensão do período de análise (de Janeiro a Abril de 2010).

Tendo em conta os dois factores mencionados, é igualmente importante realçar o facto de a média de notícias por edição corresponder, na imprensa portuguesa, a 3,5. Este valor demonstra bem a importância cedida ao assunto nos dias que sucederam ao terramoto, porque num período da análise mais afastado (a partir do mês de Fevereiro), começou a figurar uma média de apenas 1 notícia por edição sobre o Haiti, o que indicia uma grande concentração do número de notícias nas semanas que se seguiram ao terramoto (por exemplo, na edição 17/01/2010 do *DN* figuraram 16 notícias sobre o tema). O que seria, de certa forma, expectável, dada a proximidade temporal do acontecimento e o seu impacto a nível mundial.

Tanto na relevância como no espaço dedicado destaca-se o jornal *Público*, que em 37 edições remete o assunto para a capa 16 vezes (o que corresponde a 43%), e que se encontra em primeiro lugar entre os periódicos em estudo no que respeita ao espaço dedicado ao tema, com a média de 1,49 páginas por edição. Por oposição, o *DN* foi o periódico que menos vezes relegou o tema para a primeira página (23%) e o *JN* o que menos espaço lhe dedicou, com uma média que não atinge uma página por edição (0,97).

Em relação aos repórteres, todos os jornais optaram por destacar um enviado especial para o local da tragédia: Alfredo Leite no caso do *Jornal de Notícias* e o *Diário de Notícias*; Paulo Moura no *Público*; e Daniel Lozano em comissão para o semanário *Expresso*.

Periódico	Notícias	Espaço (Parágrafos)	Média Parágrafos
<i>NYT</i>	288	5954	21
<i>WP</i>	216	3856	18
<b>Média</b>	<b>252</b>	<b>4905</b>	<b>19,5</b>
<b>Total</b>	<b>504</b>	<b>9810</b>	

Tabela 7: Notícias e parágrafos analisados na imprensa americana

No universo americano, o número total de notícias analisado foi de 504, sendo também notável o facto de cada periódico dedicar ao tema, em média, um espaço correspondente a 20 parágrafos por cada notícia. No jornal *New York Times*, o número de notícias analisadas foi bastante superior (288 em relação a 216 no *Washington Post*, o que representa 57% em relação a 43%) e o espaço dedicado também (21 parágrafos, em média, em relação a 18 no *Washington Post*).

## 4.1. Fontes

	Imprensa portuguesa				Imprensa americana		
Periódico	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	Total
Fontes	132	210	229	14	1358	790	
	585				2148		2733

Tabela 8: Fontes analisadas nos periódicos portugueses e americanos

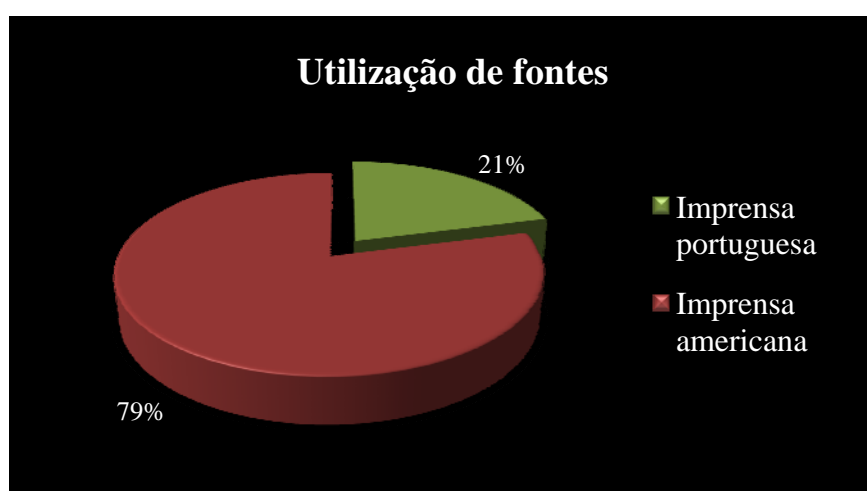


Gráfico 4: Percentagem de fontes nas imprensas portuguesa e americana

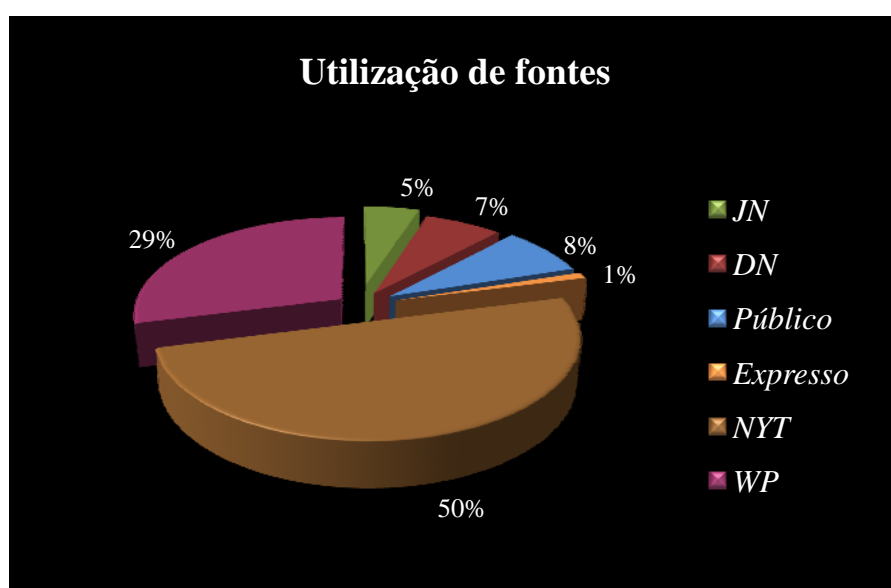


Gráfico 5: Percentagem de utilização de fontes por periódico nas imprensas portuguesa e americana

No que concerne as fontes utilizadas, contabilizou-se um total de 2733 fontes de informação nas notícias analisadas, sendo que 585 figuraram na imprensa portuguesa (o que representa 21% do total de fontes) e 2148 na imprensa americana (79%), números que, desde logo, dão conta de um número muito superior na realidade americana. Tanto uma como outra dão primazia às fontes denominadas como *membros* e aos *sobreviventes*.

<i>Fonte</i>	<i>Imprensa portuguesa</i>				<i>Imprensa americana</i>		<i>Total</i>
	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	
<i>Barack Obama</i>	1	5	4	1	14	15	<b>40</b>
<i>René Prével</i>	4	5	8	0	14	7	<b>38</b>
<i>Ban Ki-moon</i>	1	5	4	1	16	4	<b>31</b>
<i>Hillary Clinton</i>	1	3	3	0	14	8	<b>29</b>
<i>Bill Clinton</i>	3	3	4	0	11	4	<b>25</b>
<i>Jean-Max Bellerive</i>	2	3	6	0	6	5	<b>22</b>
<i>ONU</i>	0	8	1	0	6	0	<b>15</b>

Tabela 9: Fontes mais utilizadas nas imprensas portuguesa e americana

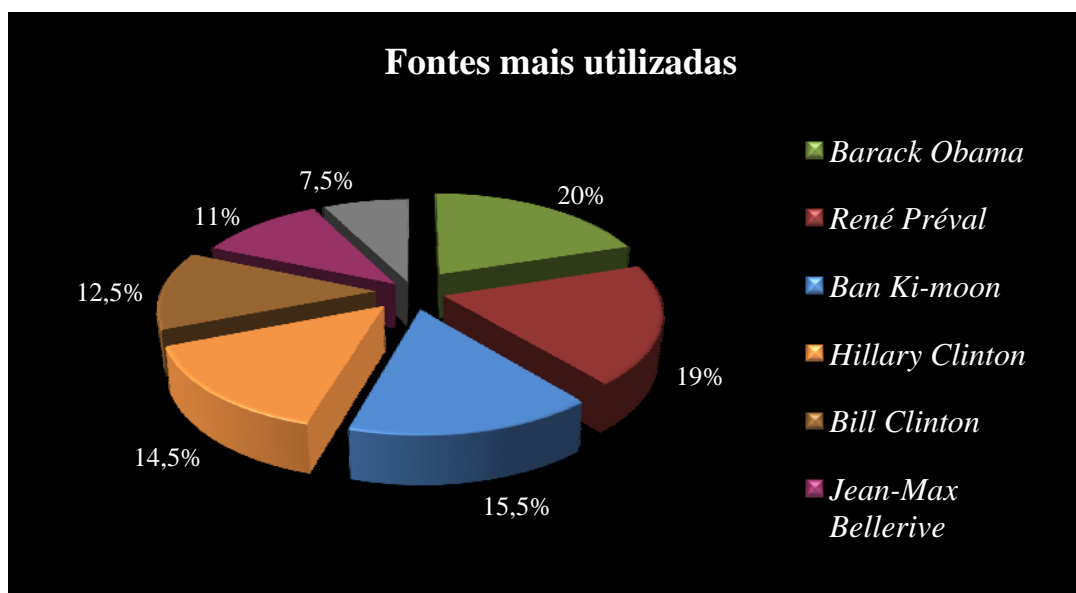


Gráfico 6: Percentagem das fontes mais utilizadas nas imprensas portuguesa e americana

Em relação à frequência de utilização das fontes, verifica-se que as mais citadas foram: *Barack Obama* (Presidente dos EUA, 20%), *René Préval* (Presidente do Haiti, 19%) e *Ban Ki-moon* (Secretário-Geral da ONU, 15,5%). Se atendermos à distribuição da percentagem das sete fontes mais usadas nos periódicos, constata-se algum equilíbrio entre elas.

Periódico	Nº fontes
<i>JN</i>	132
<i>DN</i>	210
<i>Público</i>	229
<i>Expresso</i>	14
<b>Total</b>	<b>585</b>
<b>Média</b>	<b>146</b>

Tabela 10: Fontes utilizadas nos periódicos portugueses

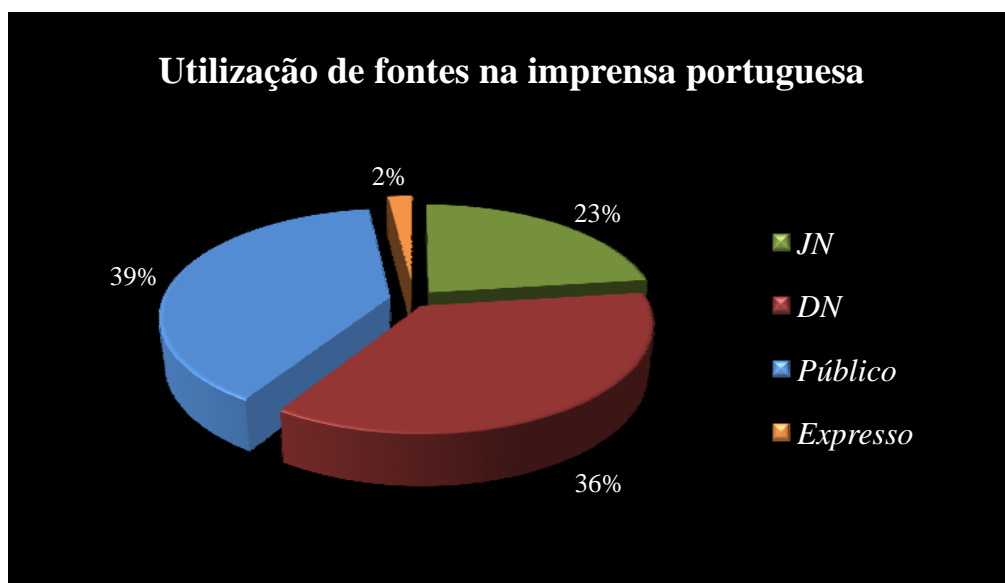


Gráfico 7: Percentagem de utilização de fontes na imprensa portuguesa

Periódico	Edições	Nº fontes	Média fontes
<i>JN</i>	43	132	3
<i>DN</i>	43	210	4,9
<i>Público</i>	37	229	6,2
<i>Expresso</i>	4	14	3,5
<b>Média</b>	<b>32</b>	<b>146,25</b>	<b>4,4</b>

Tabela 11: Média de fontes utilizadas nos periódicos portugueses

Em relação à utilização de fontes nos periódicos portugueses, contabilizou-se um total de 585 fontes. Destaca-se o jornal *Público*, com o maior número de fontes (229), que se distribuem pelas 37 edições analisadas, o que perfaz uma média de 6,2 fontes por edição e corresponde a um total de 39% das fontes analisadas na imprensa portuguesa e a 8% no total das fontes em ambas as realidades (imprensa portuguesa e americana). Segue-se o *DN*, com uma média de 4,9 fontes por edição, o que corresponde a 36% das fontes em análise no espectro português e a 7% das fontes no total. Depois, figura o *Expresso*, que utilizou 14 fontes nas 4 edições analisadas, o que se traduz numa média de 3,5 fontes por edição. Apesar da média se encontrar entre os valores encontrados na imprensa portuguesa, o número absoluto tem muito pouca representatividade tanto no panorama geral (1% das fontes contabilizadas no total) como na imprensa portuguesa (2% das fontes). Em último lugar, o diário *JN*, com uma média que é inferior em mais de metade em relação à media do jornal *Público*, com 3 fontes por edição, equivalente a 23% das fontes analisadas na imprensa portuguesa e a 5% no panorama geral.

Origem das fontes	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	Média	Total
Governo Haiti	14	14	25	0	<b>13,25</b>	<b>53</b>
Governo Português	9	14	4	0	<b>6,75</b>	<b>27</b>
Governo EUA	10	13	19	1	<b>10,75</b>	<b>43</b>
Outros governos	2	17	13	0	<b>8</b>	<b>32</b>
Voluntários portugueses	15	12	3	0	<b>7,5</b>	<b>30</b>
Outros voluntários	9	11	15	1	<b>9</b>	<b>36</b>
Sobreviventes	18	31	43	6	<b>24,5</b>	<b>98</b>
Outros portugueses	12	9	2	1	<b>6</b>	<b>24</b>
Outros haitianos	11	11	12	1	<b>8,75</b>	<b>35</b>
Organizações portuguesas	2	0	1	0	<b>0,75</b>	<b>3</b>
Organizações internacionais	6	19	12	1	<b>9,5</b>	<b>38</b>
Membros organizações	19	38	54	1	<b>28</b>	<b>112</b>
Jornalistas	1	4	6	1	<b>3</b>	<b>12</b>
Outros	4	17	20	1	<b>10,5</b>	<b>42</b>
	<b>132</b>	<b>210</b>	<b>229</b>	<b>14</b>	<b>146,25</b>	<b>585</b>

Tabela 12: Utilização de fontes segundo a sua classificação nos periódicos portugueses

Origem das fontes	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	Média	Total
<i>Haitiana</i>	25	25	37	1	<b>22</b>	<b>88</b>
<i>Portuguesa</i>	38	35	10	1	<b>21</b>	<b>84</b>
<i>Americana</i>	10	13	19	1	<b>10,75</b>	<b>43</b>
<i>Internacional</i>	17	47	40	2	<b>26,5</b>	<b>106</b>
<i>Membros organizações</i>	19	38	54	1	<b>28</b>	<b>112</b>
<i>Sobreviventes</i>	18	31	43	6	<b>24,5</b>	<b>98</b>
<i>Outros</i>	5	21	26	2	<b>13,5</b>	<b>54</b>
	<b>132</b>	<b>210</b>	<b>229</b>	<b>14</b>	<b>146,25</b>	<b>585</b>

Tabela 13: Utilização de fontes segundo a sua origem nos periódicos portugueses

Tão ou mais importante do que quantificar o número de fontes nos periódicos é classificá-las e determinar a sua origem. De acordo com a divisão previamente estabelecida, os resultados obtidos revelam alguns dados interessantes. Na imprensa



portuguesa, desde logo, destaca-se o facto de o número de fontes do governo norte-americano ser superior ao número de fontes do governo português, em particular no jornal *Público* (19 fontes do governo americano contra 4 do governo português, o que corresponde a uma percentagem de 8% de fontes do governo americano contra 2% de fontes do governo português, no total de fontes contabilizadas no periódico).

Também é importante salientar que as fontes mais utilizadas nos jornais portugueses, a seguir à categoria denominada como membros das organizações (onde se inserem presidentes, chefes ou outros membros de organizações/instituições de todo o Mundo, como é o exemplo de Ban Ki-moon, Secretário-Geral da ONU), que contabilizou 19% das fontes em análise nos periódicos portugueses, foram os *sobreviventes*, ou seja, as pessoas que estavam presentes no local quando o terramoto ocorreu e que conseguiram escapar, sendo entrevistadas imediatamente a seguir à catástrofe. Contabilizando 17% das fontes em análise, a categoria analítica dos sobreviventes merece particular destaque no semanário *Expresso* (44%).

Na imprensa portuguesa, as fontes mais utilizadas foram: os *membros de organizações* (19%), as fontes de origem *internacional* (18%), onde se incluem os governos, os voluntários e as organizações internacionais, e os *sobreviventes* (17%); em contrapartida, as fontes menos utilizadas foram as de origem *americana* (7%). Se atendermos aos periódicos individualmente, verificamos que tanto o *DN* como o *JN*, mas principalmente o último, contrariam a tendência geral, isto porque ambos dão grande relevância às fontes *nacionais*. No caso do *JN*, as fontes de origem *portuguesa* ocupam a primeira posição entre as fontes mais utilizadas, com uma diferença significativa para o segundo classificado (38 fontes de origem *portuguesa*, equivalente a 29%, seguidas de 25 fontes de origem *haitiana*, o que corresponde a 19%). O jornal *Público* relega para último lugar as fontes de origem *portuguesa* (4% do total de fontes do periódico), dando mais relevância que os restantes jornais às fontes de origem *haitiana* (16%) e/ou *americana* (8%).

De referir também que, tendo em conta que a maioria dos sobreviventes tem nacionalidade haitiana, os jornais portugueses deram bastante importância às fontes de origem haitiana (15% do total), em particular o *JN* (19% das fontes do periódico), onde este tipo de fontes ocupa o 2º lugar entre as mais utilizadas. O *Público* utiliza as fontes de origem haitiana (37 fontes) mais do que o triplo das vezes das fontes de origem portuguesa (10 fontes).

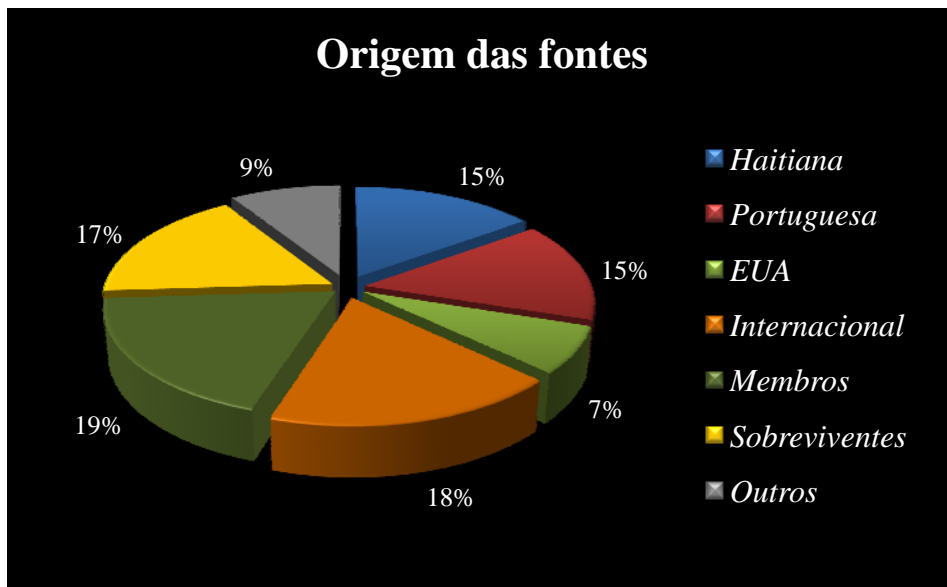


Gráfico 8: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem nos periódicos portugueses

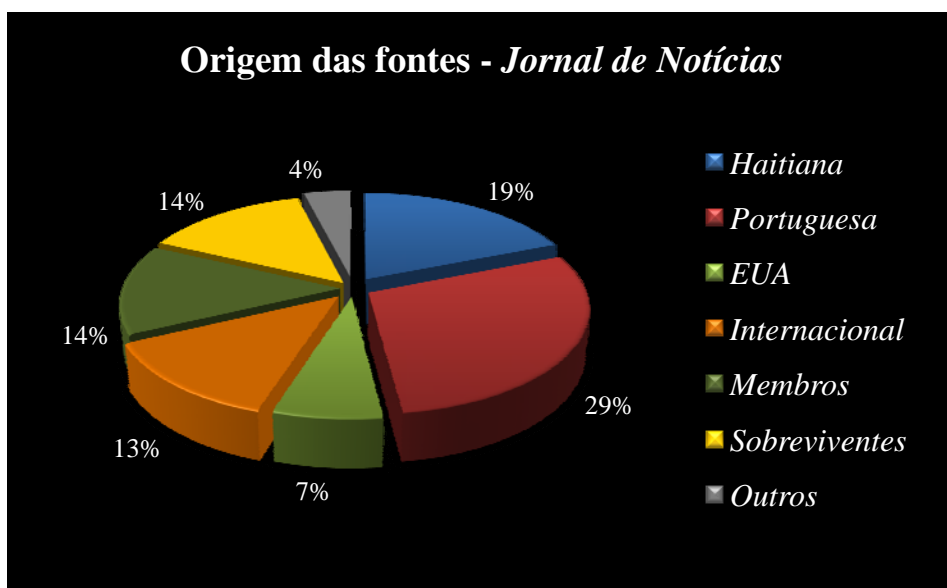


Gráfico 9: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no *Jornal de Notícias*

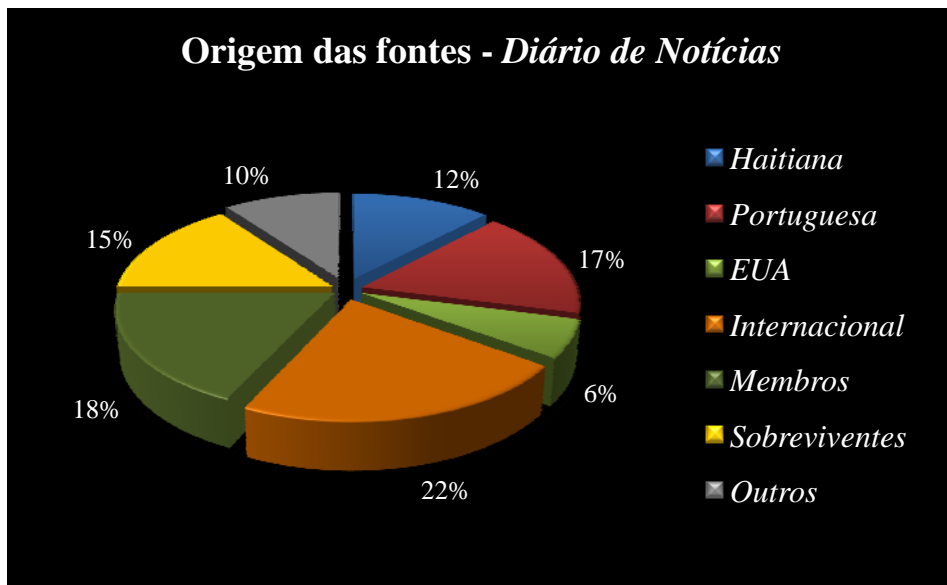


Gráfico 10: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no *Diário de Notícias*

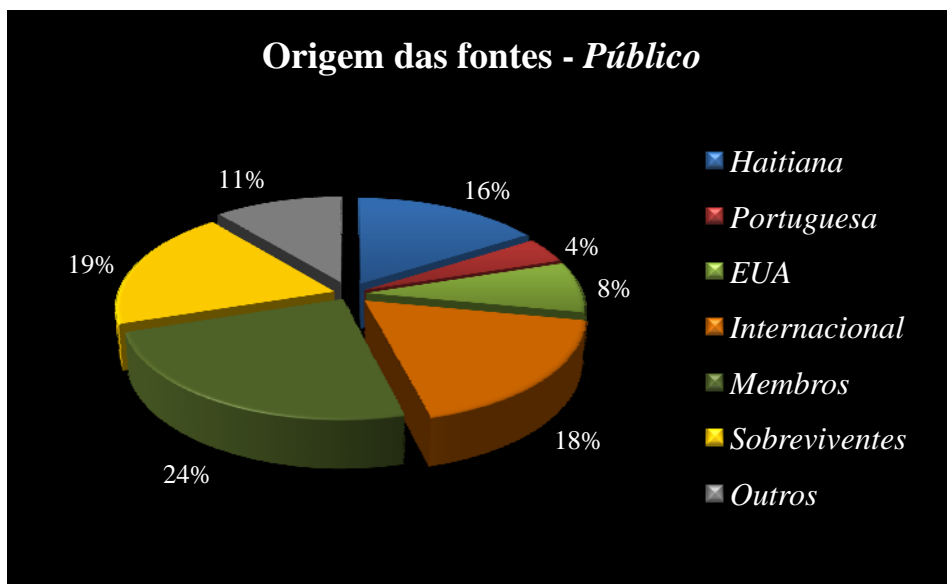


Gráfico 11: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no *Público*

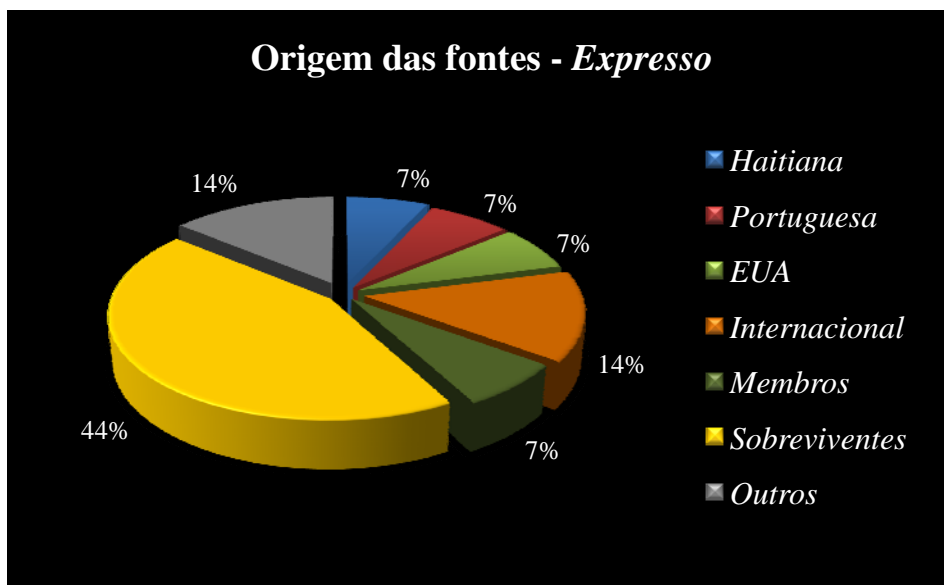


Gráfico 12: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no *Expresso*

O gráfico percentual demonstra um certo equilíbrio na utilização das fontes, com a exceção das fontes de origem americana e outros (as menos utilizadas).

Fontes / Frequência	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	Total
<i>René Préal</i>	4	5	8	0	<b>17</b>
<i>Jean-Max Bellerive</i>	2	3	6	0	<b>11</b>
<i>Barack Obama</i>	1	5	4	1	<b>11</b>
<i>Ban Ki-moon</i>	1	5	4	1	<b>11</b>
<i>Bill Clinton</i>	3	3	4	0	<b>10</b>
<i>Elisabeth Byrs</i>	4	1	4	0	<b>9</b>
<i>ONU</i>	0	8	1	0	<b>9</b>
<i>Catherine Ashton</i>	1	4	3	0	<b>8</b>
<i>Hillary Clinton</i>	1	3	3	0	<b>7</b>
<i>Rui Pereira</i>	1	2	2	0	<b>5</b>
<i>Antoine Bien-Aimé</i>	2	0	2	0	<b>4</b>
<i>João Cravinho</i>	1	3	0	0	<b>4</b>
<i>Jocelyn Lassegue</i>	1	1	1	0	<b>3</b>
<i>Fernando Nobre</i>	1	2	0	0	<b>3</b>
<i>Ken Keen</i>	1	0	1	0	<b>2</b>

Tabela 14: Fontes mais utilizadas nos periódicos portugueses

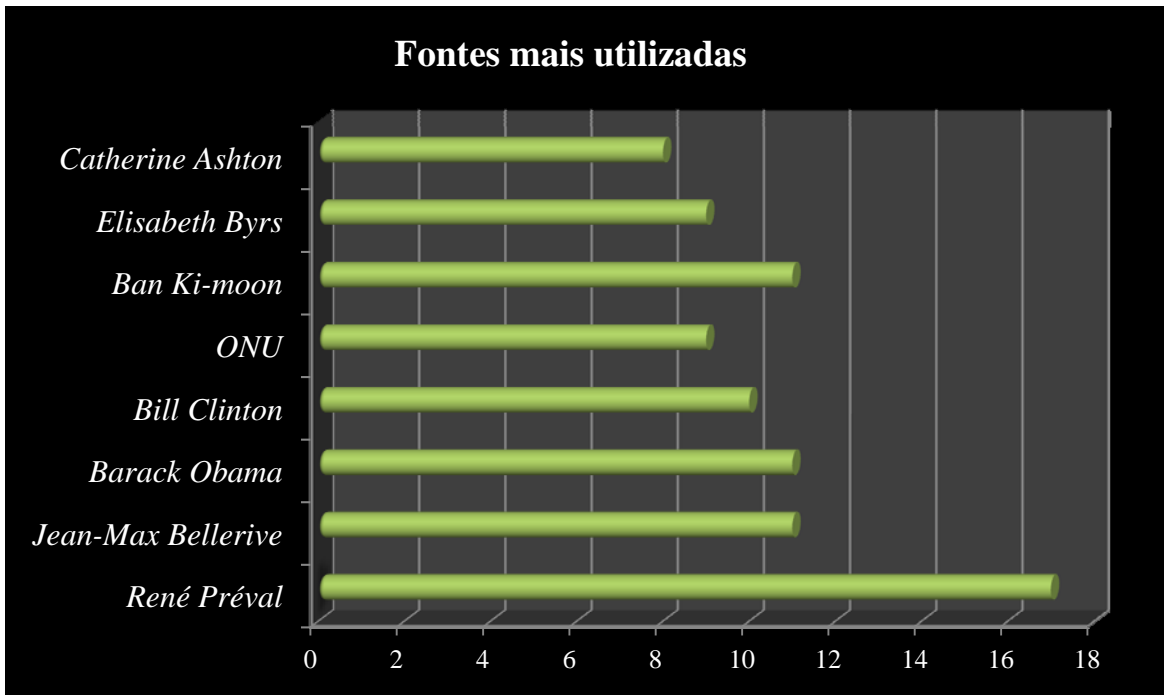


Gráfico 13: Fontes mais utilizadas na imprensa portuguesa

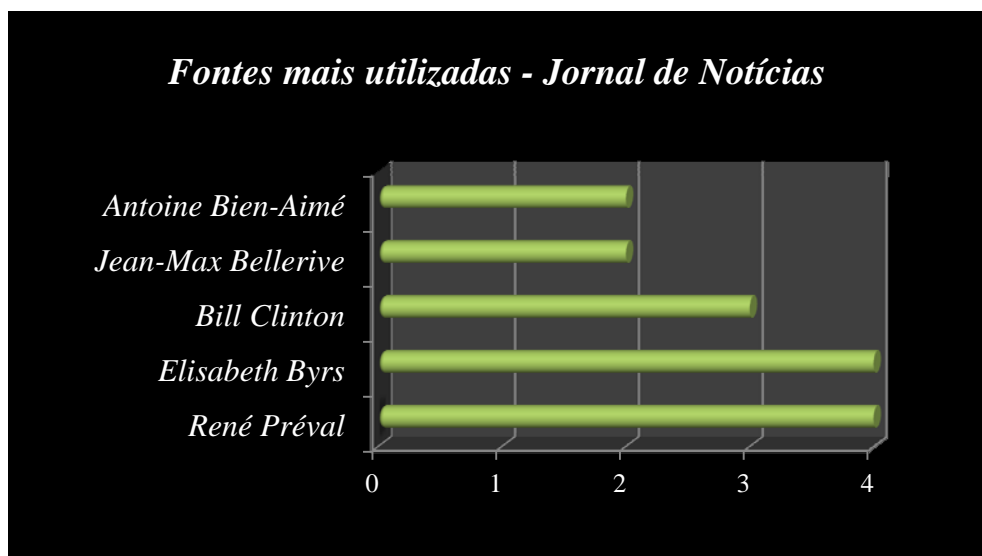


Gráfico 14: Fontes mais utilizadas no *Jornal de Notícias*



Gráfico 15: Fontes mais utilizadas no *Diário de Notícias*

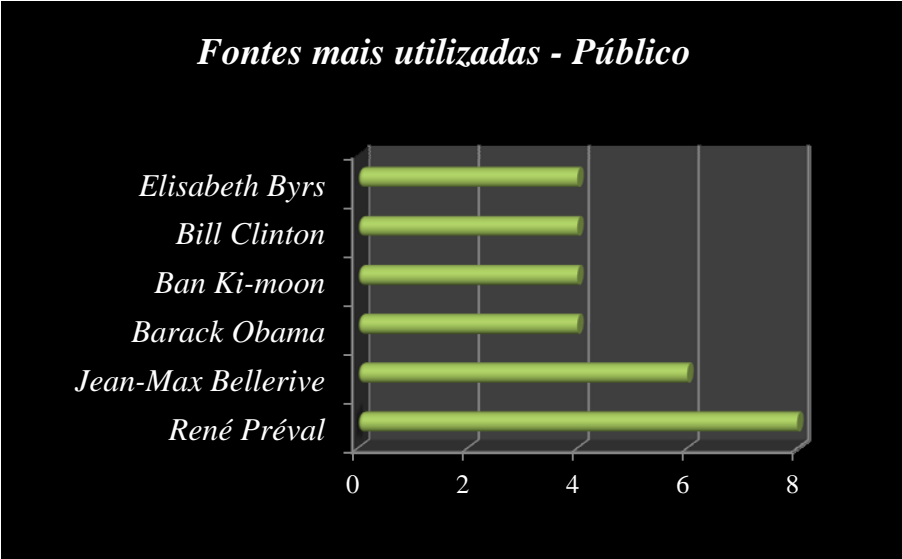


Gráfico 16: Fontes mais utilizadas no *Público*

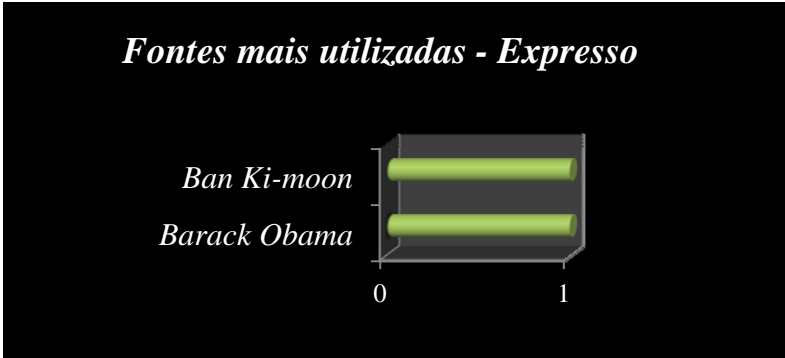


Gráfico 17: Fontes mais utilizadas no *Expresso*

Para além dos números anteriormente obtidos, é de extrema importância perceber a frequência das mesmas, ou seja, a contabilização anterior do número de fontes não contempla a repetição da sua utilização. Se, nas tabelas anteriores, a predominância das fontes apontava para as de origem *internacional* e *membros de organizações*, a repetição das fontes indica-nos nomes sobretudo de origem haitiana e americana. Nos jornais portugueses, as fontes mais utilizadas em termos de repetição foram (por ordem decrescente): *René Prével* (17 repetições), *Jean-Max Bellerive* (11 repetições) – Primeiro-Ministro do Haiti, *Barack Obama* (11 repetições), *Ban Ki-moon* (11 repetições) e *Bill Clinton* (10 repetições) – enviado especial da ONU para o Haiti e ex-presidente dos EUA. O jornal *Público* segue exactamente esta tendência, enquanto os três restantes jornais desviam-se ligeiramente desta orientação. No *JN*, a segunda fonte mais utilizada foi *Elisabeth Byrs* (4 repetições) e no *DN*, a fonte mais utilizada foi a *ONU* (8 repetições), seguida de *René Prével* (5 repetições), *Barack Obama* (5 repetições) e *Ban Ki-moon* (5 repetições).

De referir ainda que, logo a seguir às fontes mais utilizadas, figuram na tabela *Elisabeth Byrs* (9 repetições) – Porta-voz da ONU, *ONU* (9 repetições) e *Catherine Ashton* (8 repetições) – Vice-presidente da Comissão Europeia, o que vai ao encontro da predominância de fontes de origem *internacional* e de *membros de organizações*.

Periódico	N.º fontes
NYT	1358
WP	790
<b>Total</b>	<b>2148</b>
<b>Média</b>	<b>1074</b>

Tabela 15: Fontes utilizadas nos periódicos americanos

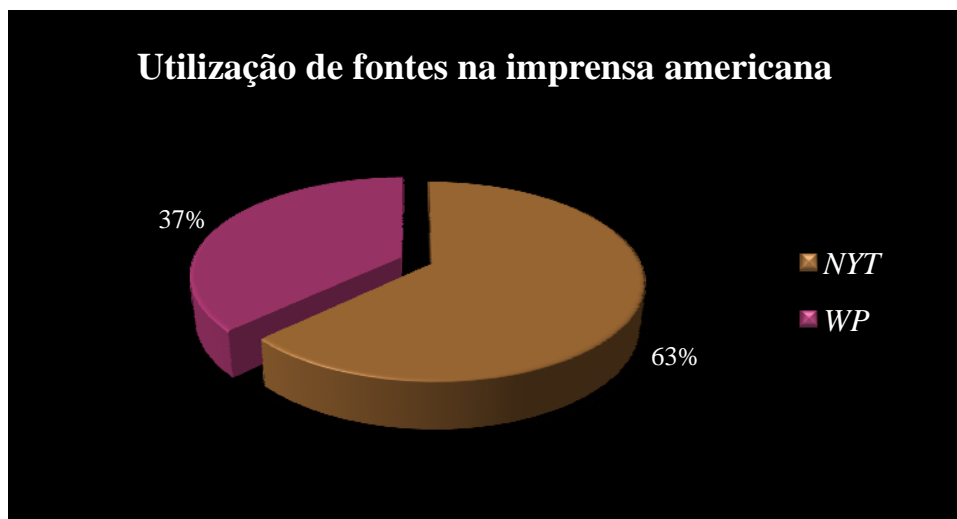


Gráfico 18: Percentagem de utilização de fontes na imprensa americana

Periódico	Notícias	Nº fontes	Média fontes
<i>NYT</i>	288	1358	4,7
<i>WP</i>	216	790	3,7
<b>Média</b>	<b>252</b>	<b>1074</b>	<b>4,2</b>

Tabela 16: Média de fontes utilizadas nos periódicos americanos

No espectro americano, contabilizou-se um total de 2148 fontes. Destaca-se o *New York Times*, que apresenta 1358 fontes distribuídas por 288 notícias, o que perfaz uma média de 4,7 fontes por notícia e representa um total de 63% das fontes contabilizadas nos periódicos americanos. De salientar que este é o periódico com o maior número de fontes, com uma percentagem correspondente a 50% do total contabilizado tanto na imprensa americana como na portuguesa. O *Washington Post* recorreu a 790 fontes, distribuídas por 216 notícias, com uma média de 3,7 fontes por notícia (27% das fontes utilizadas nos jornais americanos).



<b>Origem das fontes</b>	<b>NYT</b>	<b>WP</b>	<b>Média</b>	<b>Total</b>
<i>Governo Haiti</i>	65	35	<b>50</b>	<b>100</b>
<i>Governo EUA</i>	94	81	<b>87,5</b>	<b>175</b>
<i>Outros governos</i>	16	5	<b>10,5</b>	<b>21</b>
<i>Voluntários americanos</i>	36	21	<b>28,5</b>	<b>57</b>
<i>Outros voluntários</i>	30	14	<b>22</b>	<b>44</b>
<i>Sobreviventes</i>	182	113	<b>147,5</b>	<b>295</b>
<i>Outros americanos</i>	142	163	<b>152,5</b>	<b>305</b>
<i>Outros haitianos</i>	119	75	<b>97</b>	<b>194</b>
<i>Organizações americanas</i>	20	7	<b>13,5</b>	<b>27</b>
<i>Organizações internacionais</i>	47	6	<b>26,5</b>	<b>53</b>
<i>Membros organizações</i>	217	172	<b>194,5</b>	<b>389</b>
<i>Jornalistas</i>	165	16	<b>90,5</b>	<b>181</b>
<i>Imigrantes haitianos</i>	74	39	<b>56,5</b>	<b>113</b>
<i>Outros</i>	151	43	<b>97</b>	<b>194</b>
	<b>1358</b>	<b>790</b>	<b>1074</b>	<b>2148</b>

Tabela 17: Utilização de fontes segundo a sua classificação nos periódicos americanos

<b>Origem das fontes</b>	<b>NYT</b>	<b>WP</b>	<b>Média</b>	<b>Total</b>
<i>Haitiana</i>	258	149	<b>203,5</b>	<b>407</b>
<i>EUA</i>	292	272	<b>282</b>	<b>564</b>
<i>Internacional</i>	93	25	<b>59</b>	<b>118</b>
<i>Membros</i>	217	172	<b>194,5</b>	<b>389</b>
<i>Sobreviventes</i>	182	113	<b>147,5</b>	<b>295</b>
<i>Outros</i>	316	59	<b>187,5</b>	<b>375</b>
<b>Total</b>	<b>1358</b>	<b>790</b>	<b>1074</b>	<b>2148</b>

Tabela 18: Utilização de fontes segundo a sua origem nos periódicos americanos

As fontes mais utilizadas foram: os *membros de organizações* (18%), *outros americanos* (14%) e os *sobreviventes* (14%); as fontes menos utilizadas foram os *outros governos* (1%). Se atendermos aos periódicos individualmente, verificamos que ambos confirmam esta tendência global.

No que concerne à sua origem, os jornais americanos deram primazia às fontes de origem nacional (26%), seguindo-se as fontes de origem *haitiana* (19%) e os *membros das organizações* (18%). Merece destaque o número de fontes de origem *americana* que figuraram no *Washington Post* (34% das fontes do periódico), que leva grande vantagem sobre o restante tipo de fontes e que quase iguala o valor absoluto do *New York Times* tendo em conta que o número total de fontes neste último é muito superior ao primeiro (292 fontes de origem americana no *New York Times*, em relação a 1358 fontes no total, em comparação com 272 fontes de origem americana no *Washington Post*, em relação a 790 fontes no total). Igualmente ao que acontece na imprensa portuguesa, e tendo em conta que a maioria dos *sobreviventes* tem nacionalidade haitiana, os jornais americanos deram também bastante importância às fontes de origem *haitiana* (19%). As menos citadas foram as fontes de origem *internacional* (6%).

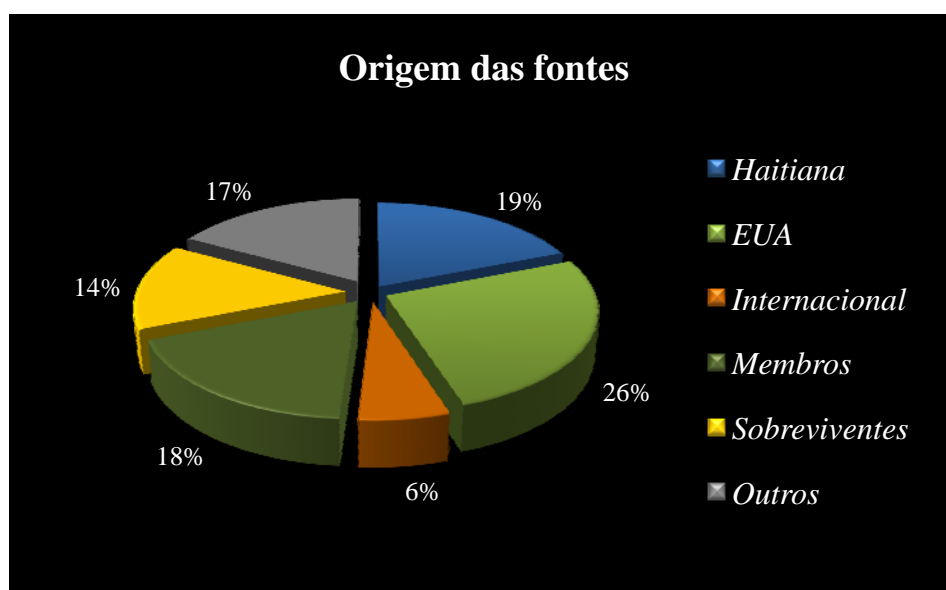


Gráfico 19: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem nos periódicos americanos

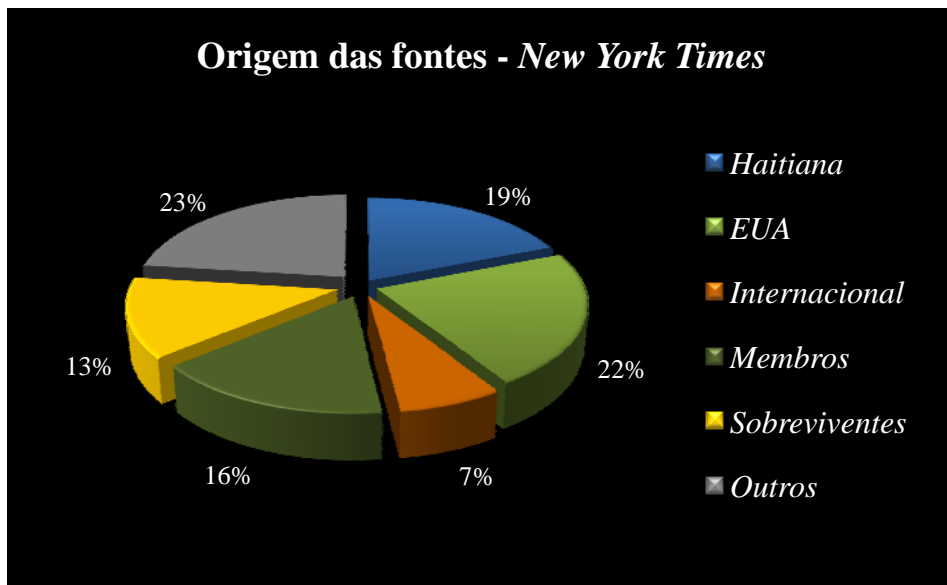


Gráfico 20: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no *New York Times*

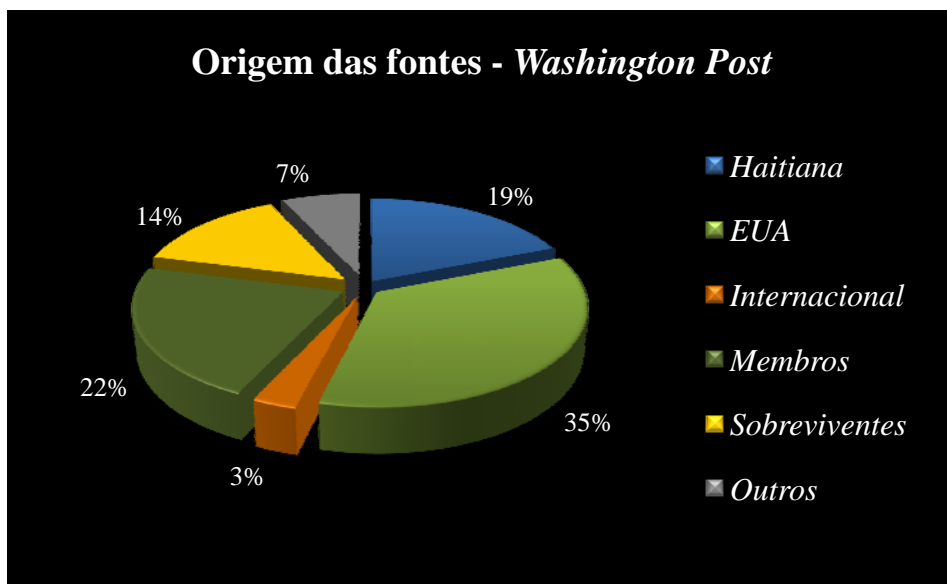


Gráfico 21: Percentagem de utilização das fontes segundo a sua origem no *Washington Post*

O gráfico 19 demonstra um certo equilíbrio na utilização de fontes, com a exceção das fontes de origem *americana* (como as mais utilizadas – 26%) e as fontes de origem *internacional* (como as menos utilizadas – 6%).

Fontes / Frequência	NYT	WP	
<i>Barack Obama</i>	14	15	<b>29</b>
<i>Hillary Clinton</i>	14	8	<b>22</b>
<i>René Préval</i>	14	7	<b>21</b>
<i>Ban Ki-moon</i>	16	4	<b>20</b>
<i>Bill Clinton</i>	11	4	<b>15</b>
<i>Jean-Max Bellerive</i>	6	5	<b>11</b>
<i>Laura Silsby</i>	8	2	<b>10</b>
<i>AP</i>	9	1	<b>10</b>
<i>Wyclef Jean</i>	7	2	<b>9</b>
<i>Janet Napolitano</i>	4	5	<b>9</b>
<i>Richard Morse</i>	8	1	<b>9</b>
<i>Matthew Chandler</i>	6	2	<b>8</b>
<i>Tommy Vietor</i>	6	2	<b>8</b>
<i>Reuters</i>	8	0	<b>8</b>
<i>Reginald Jean-Mary</i>	6	1	<b>7</b>
<i>Paul Farmer</i>	4	3	<b>7</b>
<i>Cheryl Mills</i>	1	6	<b>7</b>
<i>Charlie Crist</i>	3	4	<b>7</b>

Tabela 19: Fontes mais utilizadas nos periódicos americanos

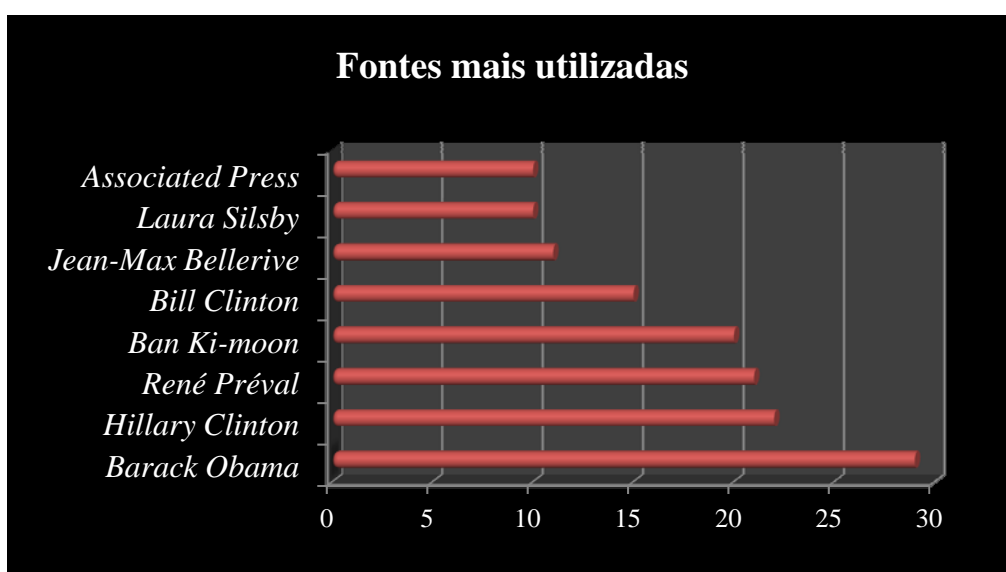


Gráfico 22: Fontes mais utilizadas na imprensa americana

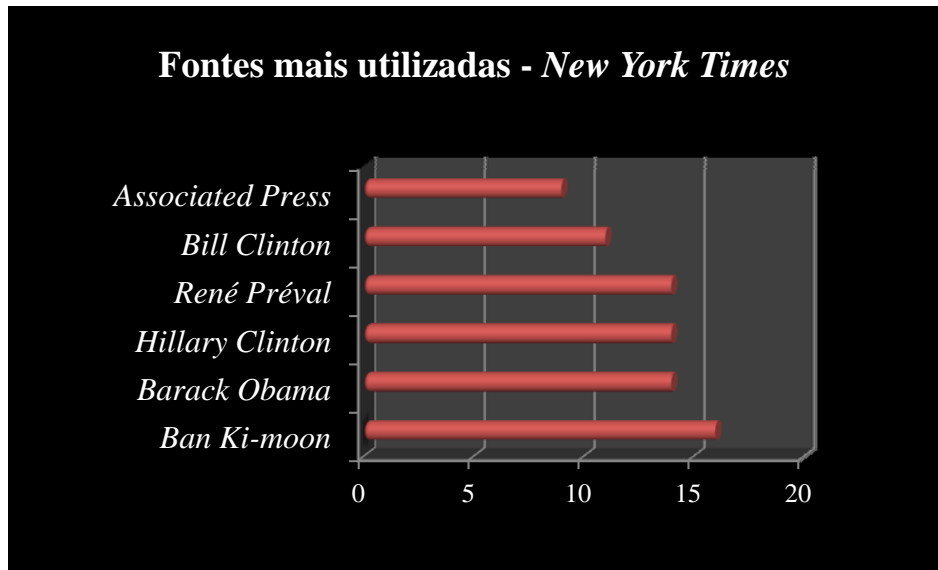


Gráfico 23: Fontes mais utilizadas no *New York Times*

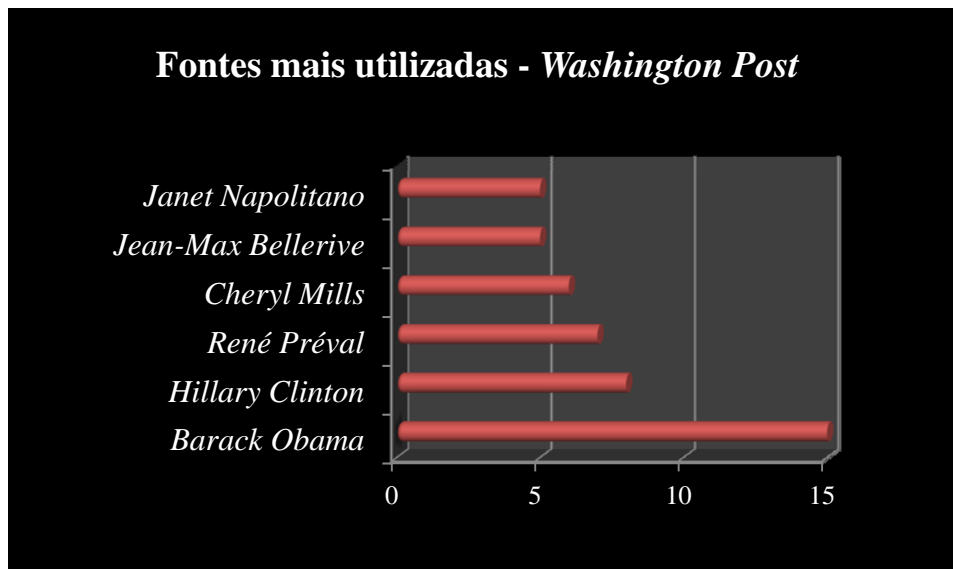


Gráfico 24: Fontes mais utilizadas no *Washington Post*

Em relação à frequência das fontes, a tendência coincide com os resultados anteriores. Se o parâmetro da predominância dava conta de uma maior utilização de fontes de origens *americana* e *haitiana*, a contabilização da frequência das fontes revela como nomes mais citados: *Barack Obama* (29 repetições), *Hillary Clinton* (22 repetições) – Secretária de Estado norte-americana, *René Préval* (21 repetições), *Ban Ki-moon* (20 repetições), *Bill Clinton* (15 repetições) – Ex-presidente norte-americano, e *Jean-Max Bellerive* (11 repetições). Os dois jornais americanos seguem esta tendência, sendo que o *New York Times* apresenta apenas uma ligeira diferença, apresentando como fonte mais citada *Ban Ki-moon* (16 repetições).

## 4.2. Descrição do evento

Em simultâneo com a análise *framing*, que consistiu na contabilização e análise dos termos utilizados, procedeu-se a uma categorização do tom da notícia em análise, podendo este ser de *empatia/crítica* ou *positivo/negativo*. De referir que estas categorias não são mutuamente exclusivas, ou seja, verificaram-se notícias onde estiveram presentes vários tons, ou mesmo os quatro, pelo que se teve em especial consideração a percentagem de cada tom em relação ao número total de edições analisadas.

Tom	Imprensa portuguesa				Imprensa americana		Total
	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	
<i>Empatia</i>	20	16	26	3	108	70	243
<i>Crítica</i>	7	2	13	3	18	23	66
<i>Positivo</i>	21	24	22	0	96	62	225
<i>Negativo</i>	29	29	26	3	132	95	314

Tabela 20: Tons utilizados nas imprensas portuguesa e americana

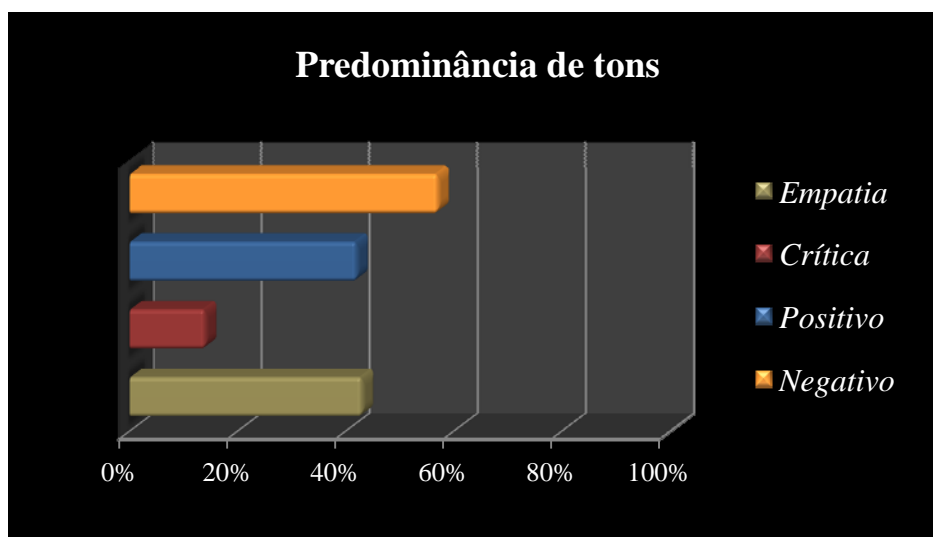


Gráfico 25: Percentagem da utilização de fontes nas imprensas portuguesa e americana

Em ambos os espectros verifica-se o recurso a um tom *negativo* (presente em 57% das notícias) e de *empatia* (presente em 43% das notícias analisadas). O tom *positivo* apresenta também um valor significativo (presente em 42% das notícias), o que não acontece com o tom *crítico* (presente em 14% das notícias).

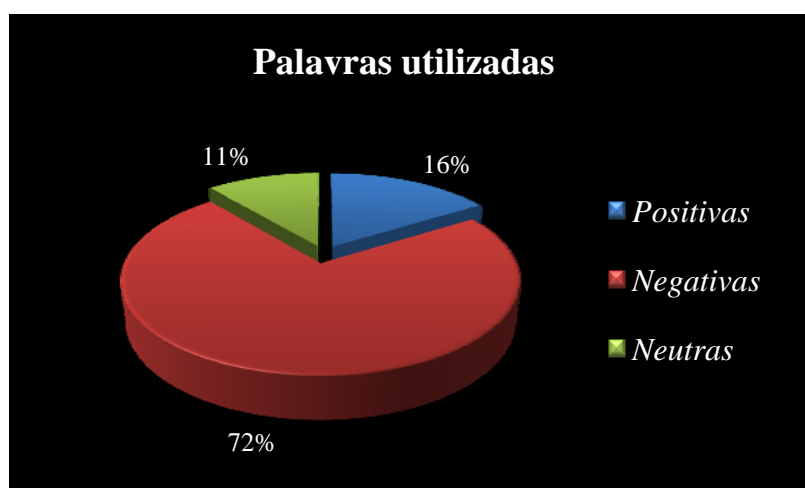


Gráfico 26: Percentagem das palavras utilizadas segundo a sua índole nas imprensas portuguesa e americana

Ao mesmo tempo, a utilização de palavras revela uma predominância clara de termos *negativos* (72%), seguidos de termos *positivos* (16%) e, por fim, *neutros* (11%).

	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<b>Total</b>
<i>Empatia</i>	20	16	26	3	<b>65</b>
<i>Crítica</i>	7	2	13	3	<b>25</b>
<i>Positivo</i>	21	24	22	0	<b>67</b>
<i>Negativo</i>	29	29	26	3	<b>87</b>

Tabela 21: Tons utilizados nos periódicos portugueses

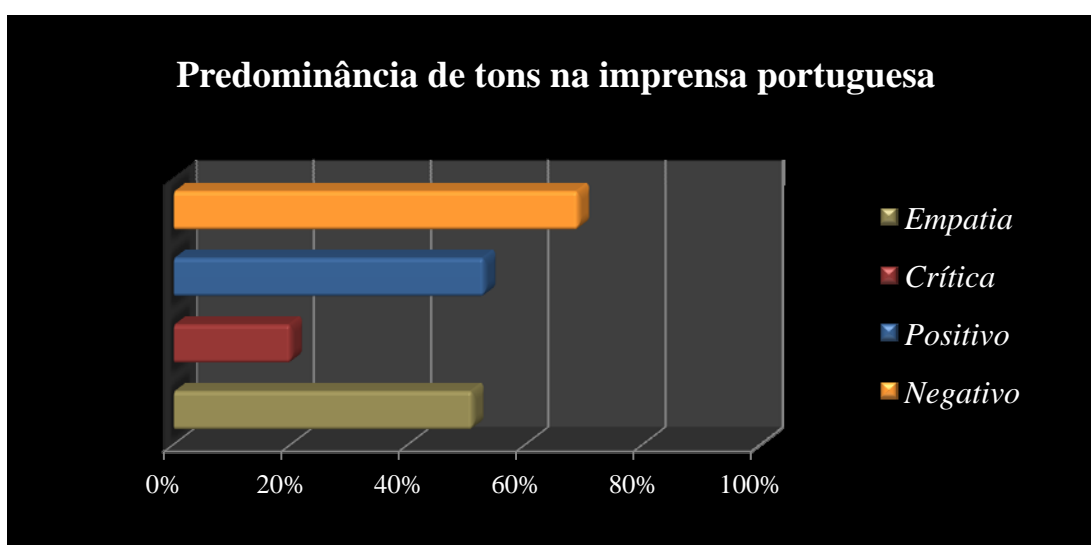


Gráfico 27: Percentagem dos tons utilizados na imprensa portuguesa

Na imprensa portuguesa, apesar do elevado número de notícias que apresentam um discurso *positivo*, o que não deixa também de ser notável, deve ter-se em especial atenção a predominância de um tom *negativo* nos periódicos portugueses (69%), como dá conta o *Expresso*:

*Fortune Rosenie, estudante, de 22 anos, já não pode com dores. Está caída na rua, tendo como única companhia um cadáver”, ou o JN a 24/01/2010 “Mythsaina, que ainda carrega na testa os ferimentos daquele dia 12 de horror, rebola na enxerga à espera do mimo da mãe que nunca mais chega (16/01/2010).*

Importa também salientar que a tendência para um tom de empatia com as vítimas do terramoto está presente em mais de metade das edições analisadas (51% de ocorrência), como demonstra o *DN* com a expressão: “Perdeu a casa. Perdeu a mãe e a irmã. Vive nas ruas de uma cidade que também perdeu as leis. A história de Samuel Joseph é a história de muitos outros haitianos” (29/01/2010), ou o *Público*, com o exemplo “uma mulher conseguiu uma cabeça de peixe que terá de render para uma família de nove pessoas” (23/01/2010).

	<i>Negativas</i>	<i>Positivas</i>	<i>Neutras</i>	<b>Total</b>
<i>JN</i>	203	41	65	<b>309</b>
<i>DN</i>	218	46	47	<b>311</b>
<i>Público</i>	211	56	74	<b>341</b>
<i>Expresso</i>	43	4	18	<b>65</b>
<b>Total</b>	<b>675</b>	<b>147</b>	<b>204</b>	<b>1026</b>

Tabela 22: Utilização de palavras segundo a sua índole nos periódicos portugueses



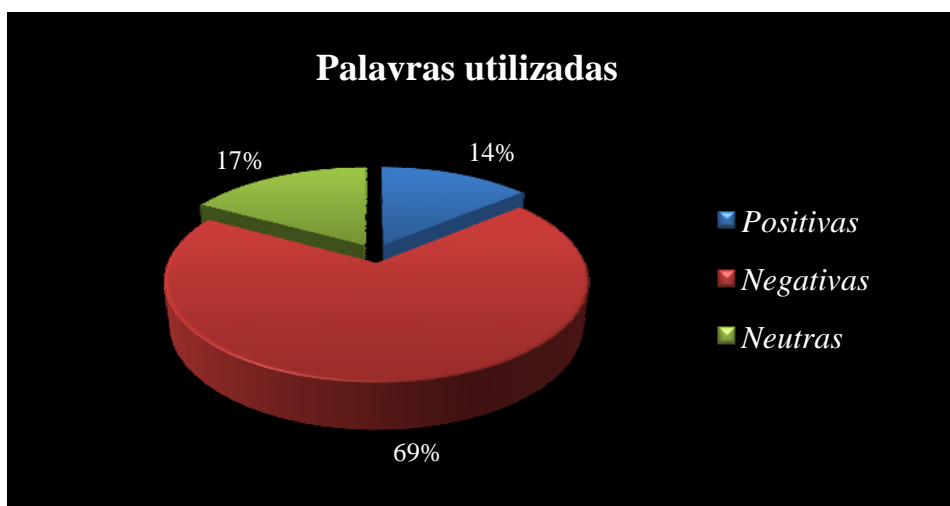


Gráfico 28: Percentagem das palavras utilizadas segundo a sua índole na imprensa portuguesa

No que concerne os termos utilizados, verifica-se que, no caso português, num total de 1026 palavras analisadas, quase 70% das mesmas são de índole *negativa*, o que vai ao encontro dos valores do tom da notícia acima analisado. Para além disso, as palavras de índole *positiva* figuram em último lugar, só depois daquelas consideradas como *neutras*.

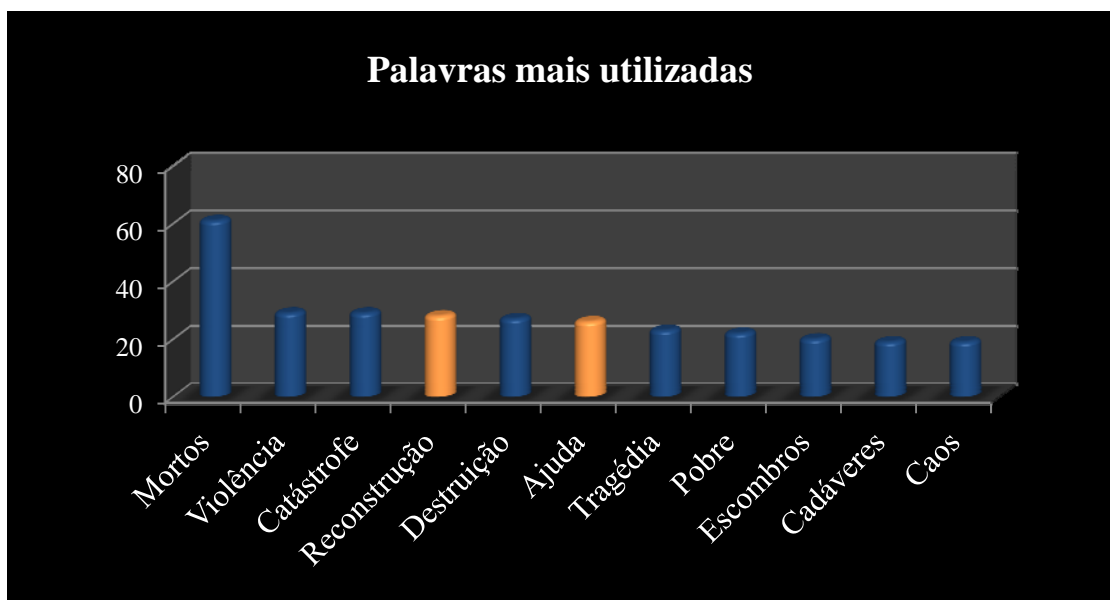


Gráfico 29: Palavras mais utilizadas na imprensa portuguesa

	<i>JN</i>		<i>DN</i>		<i>Público</i>		<i>Expresso</i>	
<b>Palavras</b>	<i>mortos</i>	22	<i>mortos</i>	21	<i>mortos</i>	15	<i>mortos</i>	3
	<i>caos</i>	10	<i>catástrofe</i>	14	<i>reconstrução</i>	10	<i>tráfico</i>	3
	<i>destruição</i>	9	<i>tragédia</i>	11	<i>devastador</i>	9	<i>ruínas</i>	2
	<i>escombros</i>	7	<i>violência</i>	11	<i>ajuda</i>	9	<i>pobreza</i>	2
	<i>violência</i>	7	<i>ajuda</i>	11	<i>catástrofe</i>	8	<i>reconstrução</i>	2
	<i>cadáveres</i>	7	<i>reconstrução</i>	11	<i>destruição</i>	7	<i>escombros</i>	2
	<i>catástrofe</i>	7	<i>pobreza</i>	9	<i>pobreza</i>	7	<i>cadáveres</i>	2
	<i>desalojados</i>	7	<i>destruição</i>	9	<i>sobreviventes</i>	6	<i>tragédia</i>	2
	<i>tragédia</i>	6	<i>pilhagens</i>	7	<i>desalojados</i>	6	<i>amputações</i>	2
	<i>ajuda</i>	5	<i>cadáveres</i>	6	<i>ruínas</i>	6	<i>terror</i>	2

Tabela 23: Palavras mais utilizadas nos periódicos portugueses

Se atendermos aos termos que mais vezes figuram nos periódicos, verificamos que apenas duas (14% do total) são de índole *positiva* (assinaladas no Gráfico 29 e na Tabela 23 a cor-de-laranja) – *reconstrução* (28 vezes) e *ajuda* (26 vezes), e a maioria (69% do total) de índole *negativa* (assinaladas a cor azul) – *mortos* (61 vezes), *violência* (29 vezes), *catástrofe* (29 vezes), *destruição* (27 vezes), etc.

Merece destaque o jornal *Público*, que recorre a palavras de índole *positiva* mais vezes do que os outros periódicos – *reconstrução* (10 vezes), *ajuda* (9 vezes) ou *sobreviventes* (6 vezes); e seguidamente o *DN* – *ajuda* (11 vezes) e *reconstrução* (11 vezes).

	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	<b>Total</b>
<i>Empatia</i>	108	70	<b>178</b>
<i>Crítica</i>	18	23	<b>41</b>
<i>Positivo</i>	96	62	<b>158</b>
<i>Negativo</i>	132	95	<b>227</b>

Tabela 24: Tons utilizados nos periódicos americanos

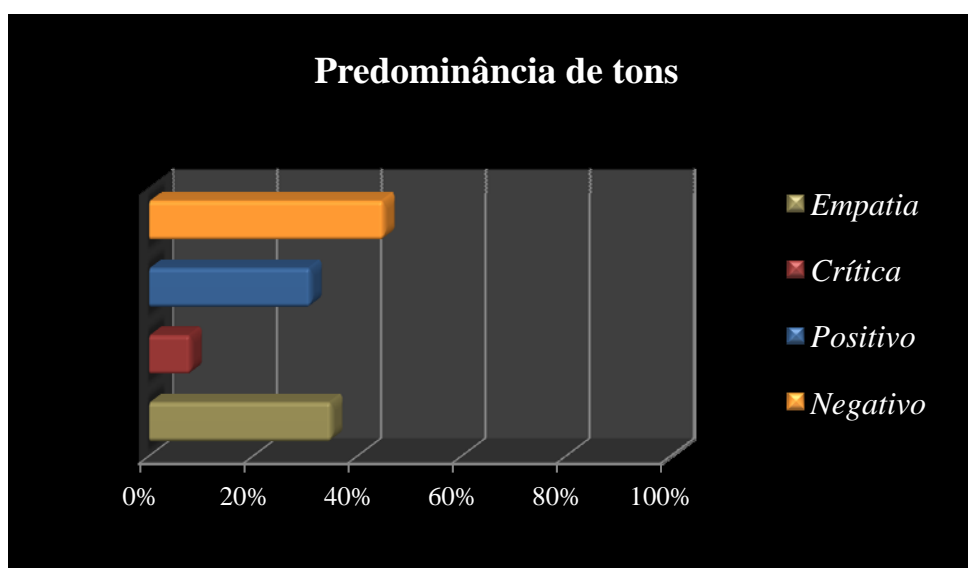


Gráfico 30: Percentagem de tons utilizados na imprensa americana

No espectro americano, há um maior equilíbrio, embora predominem igualmente os tons de *empatia* (em 35% das notícias) como é o exemplo do *Washington Post*, “You walk by, and you see a body. Well, they see one of their relatives. That smell is a reminder of everything that's happened” (20/01/2010), ou do *New York Times*: “Next to Mr. Constant’s ministry it was a similar story. The Ministry of Finance: destroyed. The Ministry of Justice: destroyed. The Fire Department: destroyed” (15/01/2010); e *negativo* (em 45% das notícias): “Instead of thriving, Haiti has remained stuck in a cycle of poverty and despair. With 9 million people, it is the poorest country in the Western Hemisphere, and has the region's highest rates of HIV/AIDS and child mortality” (WP, 15/01/2010).

Periódico	Negativas	Positivas	Neutras	Total
<i>NYT</i>	709	186	46	<b>941</b>
<i>WP</i>	482	116	31	<b>629</b>
<b>Total</b>	<b>1191</b>	<b>302</b>	<b>77</b>	<b>1570</b>

Tabela 25: Utilização de palavras segundo a sua índole nos periódicos americanos

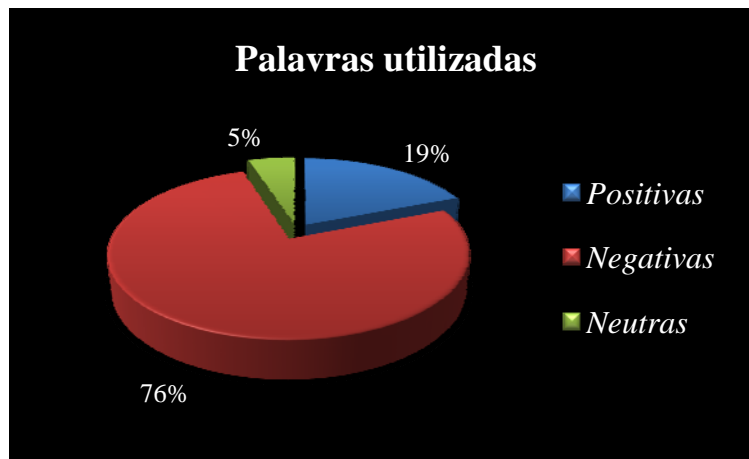


Gráfico 31: Percentagem das palavras utilizadas segundo a sua índole na imprensa americana

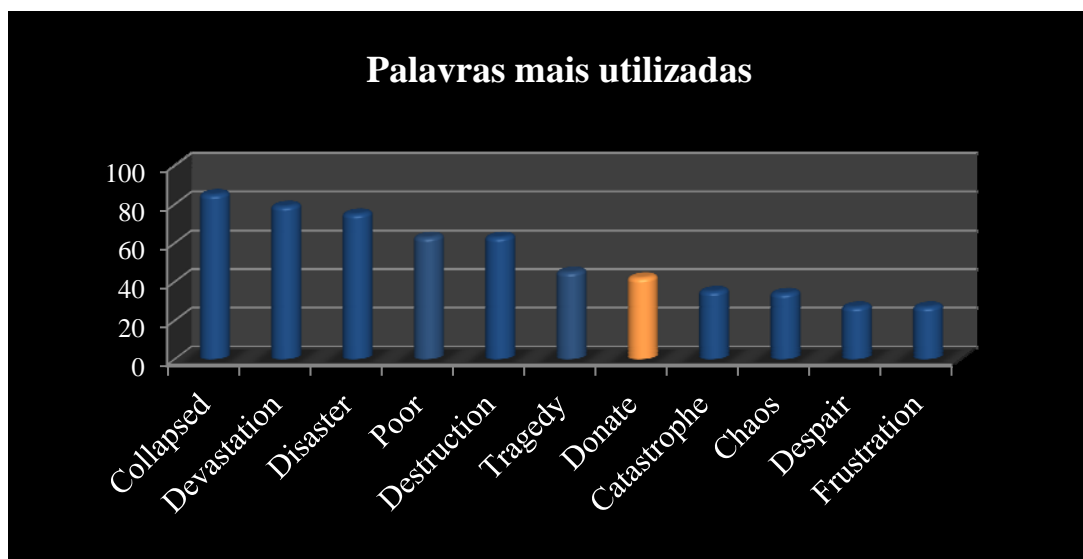


Gráfico 32: Palavras mais utilizadas na imprensa americana

	NYT		WP	
<b>Palavras</b>	<i>disaster</i>	57	<i>collapse</i>	47
	<i>devastation</i>	41	<i>devastation</i>	38
	<i>collapse</i>	38	<i>poverty</i>	29
	<i>destruction</i>	35	<i>destruction</i>	29
	<i>poverty</i>	34	<i>disaster</i>	18
	<i>tragedy</i>	32	<i>donations</i>	17
	<i>catastrophe</i>	27	<i>chaos</i>	16
	<i>donations</i>	25	<i>tragedy</i>	13
	<i>damage</i>	20	<i>homeless</i>	13
	<i>emergency</i>	20	<i>frustration</i>	12

Tabela 26: Palavras mais utilizadas nos periódicos americanos

Em relação aos vocábulos utilizados, a tendência americana é semelhante à portuguesa, mas com valores mais acentuados, sendo que, num total de 1570 palavras analisadas, as de índole *negativa* representam 76% do total. No que se refere à repetição das mesmas, apenas uma das que figuram é de índole *positiva* (assinaladas no Gráfico 32 e na Tabela 26 a cor-de-laranja) – *donations* (42 vezes); novamente, a maioria é de índole *negativa* (assinaladas a cor azul) – *collapsed* (85 vezes), *devastation* (79 vezes), *disaster* (75 vezes), *poor* (63 vezes), etc.

### 4.3. Temas

Descrição e Temas		JN	DN	Público	Expresso	NYT	WP	Total
A	<i>Terramoto</i>	33	36	31	3	117	75	<b>295</b>
B	<i>Haiti (contextualização)</i>	14	9	11	2	26	9	<b>71</b>
C	<i>ONU</i>	11	2	7	0	13	8	<b>41</b>
D	<i>Outras histórias</i>	22	21	18	3	148	61	<b>273</b>
E	<i>Ajuda humanitária</i>	21	23	26	3	71	50	<b>194</b>
F	<i>Intervenção americana/portuguesa</i>	12	16	5	0	48	101	<b>182</b>

Tabela 27: Utilização dos temas considerados nas imprensas portuguesa e americana

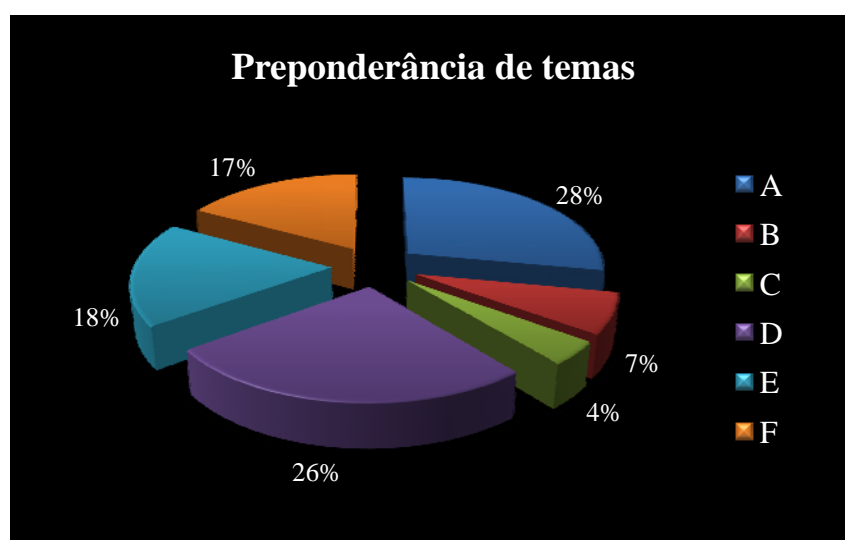


Gráfico 33: Percentagem da utilização dos temas considerados nas imprensas portuguesa e americana

No que diz respeito aos temas, denota-se uma clara predominância dos temas *terramoto* (28%) e *outras histórias* (26%). Por outro lado, o tema mais descurado é o da *ONU*, com uma representatividade de apenas 4%.

Descrição e Temas		<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	Total
<b>A</b>	<i>Terramoto</i>	33	36	31	3	<b>103</b>
<b>B</b>	<i>Haiti (contextualização)</i>	14	9	11	2	<b>36</b>
<b>C</b>	<i>ONU</i>	11	2	7	0	<b>20</b>
<b>D</b>	<i>Outras histórias</i>	22	21	18	3	<b>64</b>
<b>E</b>	<i>Ajuda humanitária</i>	21	23	26	3	<b>73</b>
<b>F</b>	<i>Intervenção portuguesa</i>	12	16	5	0	<b>33</b>
<b>Total</b>		<b>113</b>	<b>107</b>	<b>99</b>	<b>11</b>	

Tabela 28: Utilização dos temas considerados nos periódicos portugueses



Gráfico 34: Percentagem da utilização dos temas considerados na imprensa portuguesa

Tendo em conta o facto que os temas não são elementos mutuamente exclusivos, a imprensa portuguesa favoreceu uma cobertura mais centrada nos factos do *Terramoto* (que figurou em 30% das notícias em análise), na *Ajuda humanitária* (23%) e em *Outras histórias* (onde se incluem histórias de adopção, de imigrantes haitianos por todo o mundo, com 21% de ocorrências). Os temas mais negligenciados foram a acção da *ONU* (em apenas 5% das notícias) e a *Intervenção portuguesa* (8%). De salientar que o *DN* mencionou apenas duas vezes a intervenção da *ONU* (representatividade de 2% nas

notícias do periódico) e tanto o *Público* como o *Expresso* relegaram para último lugar na lista de temas a *intervenção portuguesa* (5% e 0% de representatividade nas notícias dos periódicos, respectivamente).

Atendendo ao parâmetro dos temas de um prisma mais qualitativo, é importante referir algumas tendências que, após a análise, se revelaram mais recorrentes em cada tema, visíveis na Tabela 29.

<b>A</b>	<i>Terramoto</i> : para além da descrição depois da catástrofe, mereceram destaque as histórias de resgate de pessoas que se encontravam debaixo dos escombros - “Ao 11º dia depois do sismo, os socorristas baixaram os braços e desistiram de procurar sobreviventes, mas Wismond Exantus, soterrado, continuou a fazer barulho à espera de um milagre. E este aconteceu no sábado” ( <i>DN</i> , 25/01/2010), mas sobretudo a violência e os perigos a nível de saúde que se fizeram sentir no Haiti após o terramoto: “Já não se pode circular desarmado porque a qualquer momento pode ser preciso enfrentar grupos armados. E a tensão entre gangs e polícia está a subir”, ( <i>Público</i> , 22/01/2010)
<b>B</b>	<i>Haiti (contextualização)</i> : foi recorrente a descrição do Haiti como um país já muito pobre bem antes do terramoto e do governo haitiano como indiferente e inoperante - “O Estado, que já não era grande coisa, colapsou com os prédios”, ( <i>Expresso</i> , 16/01/2010).
<b>C</b>	<i>ONU</i> : menção às perdas da organização e à sua ineficácia no campo.
<b>D</b>	<i>Outras histórias</i> : sobretudo casos de adopção de crianças haitianas.
<b>E</b>	<i>Ajuda humanitária</i> : logo após o terramoto, muitas foram as expressões que elogiavam a rapidez e generosidade da ajuda por todo o mundo (“E como a solidariedade não tem fronteiras, ontem começou a chegar ajuda de todo o Mundo”, <i>JN</i> 15/01/2010) mas alguns dias depois era recorrente a descrição dessa ajuda como muito ineficaz (“Os apoios estão a chegar a conta-gotas à ilha. Problemas logísticos, desorganização entre as equipas de 30 países, falta de meios de transporte e estradas destruídas e bloqueadas estão a atrasar as operações de socorro às vítimas do violento sismo que terça-feira destruiu o Haiti”, <i>JN</i> 16/01/2010), assim como as críticas à ajuda americana.
<b>F</b>	<i>Intervenção portuguesa</i> : referências aos portugueses que estavam no Haiti na altura do terramoto e, sobretudo, à ajuda prestada por governo e voluntários portugueses (“Os portugueses já contribuíram com cerca de 120 mil euros para a campanha”, <i>DN</i> 21/01/2010).

Tabela 29: Temas recorrentes na imprensa portuguesa

Descrição e Temas		NYT	WP	Total
A	<i>Terramoto</i>	117	75	192
B	<i>Haiti (contextualização)</i>	26	9	35
C	<i>ONU</i>	13	8	21
D	<i>Outras histórias</i>	148	61	209
E	<i>Ajuda humanitária</i>	71	50	121
F	<i>Intervenção americana</i>	48	101	149
<b>Total</b>		<b>423</b>	<b>304</b>	

Tabela 30: Utilização dos temas considerados nos periódicos americanos



Gráfico 35: Percentagem da utilização dos temas considerados na imprensa americana

No panorama americano, destacam-se os temas *Outras histórias* (que figurou em 27,5% das notícias analisadas nos periódicos americanos) e o *Terramoto* (com uma representatividade de 26% na imprensa americana). De notar ainda que, em terceiro lugar, não muito longe dos dois temas mais preponderantes está a *Intervenção americana* (referenciada em 22% das notícias). Se atendermos aos dados separadamente, reparamos que o *Washington Post* se desvia deste padrão, já que apresenta como tema mais mencionado a *Intervenção americana* (33%), só depois seguido pelos temas *Terramoto* (25%) e *Outras histórias* (20%).



Se este parâmetro aborda igualmente os temas menos frequentes, esse tema será certamente o caso da *ONU* (5% na imprensa portuguesa e 3% na imprensa americana). Minada pela morte de muitos oficiais, a intervenção da organização não só foi pouco noticiada como também bastante criticada, como iremos constatar nas páginas seguintes.

A nível qualitativo, importa destacar algumas tendências nos temas definidos, que se revelam quase repetidas da imprensa portuguesa, como se poder verificar na Tabela 31.

<b>A</b>	<i>Terramoto</i> : para além da descrição do acontecimento em si, foram referidas as histórias de resgate de sobreviventes, mas sobretudo a violência e os perigos a nível de saúde que se fizeram sentir no Haiti após o terramoto (“Fights broke out as crowds of people scrambled to collect rolls of fabric, sauce pans and other items that were tossed into the streets. In some cases, men pulled out knives or brandished chunks of wood to try to disperse the crowds and take the loot for themselves. Guns were fired”, <i>NYT</i> 17/01/2010).
<b>B</b>	<i>Haiti (contextualização)</i> : mais uma vez, o Haiti é descrito como um país muito pobre (“A potent earthquake centered just 10 miles from a city of close to 2 million people, most of whom are deeply impoverished, is a recipe for utter calamity” <i>NYT</i> 13/01/2010) e o seu governo como ineficaz (“Before the disaster, the country’s politicians were known for their distance from the people”, <i>NYT</i> 16/01/010).
<b>C</b>	<i>ONU</i> : menção às perdas da organização e à sua ineficácia no campo.
<b>D</b>	<i>Outras histórias</i> : referência a imigrantes haitianos que vivem nos EUA e casos de casais americanos que adoptaram ou querem adoptar crianças haitianas (“Officials were only beginning to cope with the challenge of caring for children separated from their parents, who in many cases died in the quake”, <i>WP</i> 19/01/2010).
<b>E</b>	<i>Ajuda humanitária</i> : descrita como desorganizada e ineficaz
<b>F</b>	<i>Intervenção americana</i> : a ajuda americana é extremamente elogiada (“On Thursday, the American Red Cross had received more than \$35 million since Tuesday night's earthquake, a record for the organization in a 48-hour period, an official said”, <i>WP</i> 15/01/2010) e referida como uma espécie de salvação para os haitianos.

Tabela 31: Temas recorrentes na imprensa americana

#### 4.4. Críticas e Elogios

	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	<b>Total</b>
<b>Críticas</b>	12	15	24	3	16	40	<b>110</b>
<b>Elogios</b>	3	2	3	1	2	13	<b>24</b>

Tabela 32: Críticas e elogios presentes nas imprensas portuguesa e americana

Relativamente ao parâmetro das críticas e elogios, contabilizou-se um total de 110 críticas e 24 elogios. Verifica-se também que o alvo preferencial das críticas é o governo do Haiti.

	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	<b>Total</b>
Críticas	12	15	24	3	54
Elogios	3	2	3	1	9

Tabela 33: Críticas e elogios presentes nos periódicos portugueses

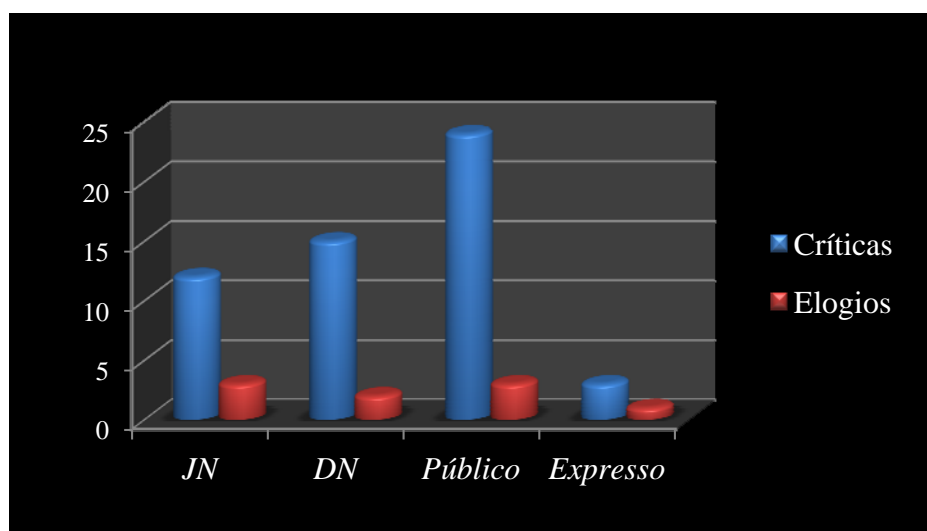


Gráfico 36: Críticas e elogios presentes nos periódicos portugueses

Na imprensa portuguesa, registaram-se 54 críticas e 9 elogios, sendo que o jornal *Público* foi o que mais contribuiu para estes números, com 24 críticas (44% do total de críticas contabilizadas nos periódicos portugueses) e 3 elogios (33% do total de elogios dos jornais portugueses).

	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	Total	%
<i>Governo Haiti</i>	4	6	11	1	<b>22</b>	<b>41%</b>
<i>Governo português</i>	0	1	0	0	<b>1</b>	<b>2%</b>
<i>Governo EUA</i>	2	3	5	0	<b>10</b>	<b>19%</b>
<i>Ajuda</i>	6	4	6	1	<b>17</b>	<b>31%</b>
<i>Outras</i>	0	1	2	1	<b>4</b>	<b>7%</b>
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>15</b>	<b>24</b>	<b>3</b>	<b>54</b>	

Tabela 34: Críticas presentes nos periódicos portugueses

	<i>JN</i>	<i>DN</i>	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>	Total	%
<i>Governo Haiti</i>	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>
<i>Governo português</i>	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>11%</b>
<i>Governo EUA</i>	0	0	1	1	<b>2</b>	<b>22%</b>
<i>Ajuda</i>	2	2	2	0	<b>6</b>	<b>67%</b>
<i>Outras</i>	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>9</b>	

Tabela 35: Elogios presentes nos periódicos portugueses

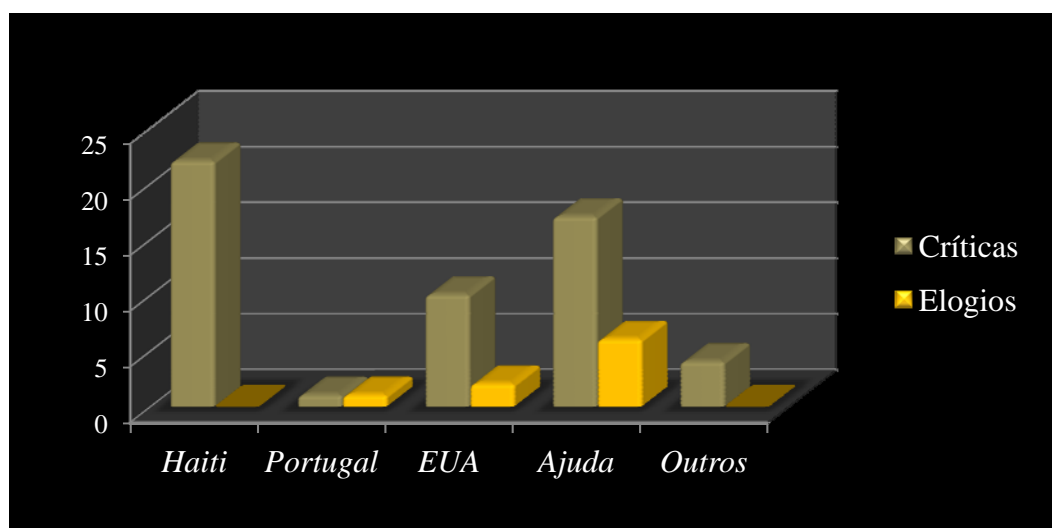


Gráfico 37: Destinatário das críticas e elogios presentes na imprensa portuguesa

Tendo em conta não só o número de críticas/elogios, mas sobretudo o seu destinatário, é interessante atender aos seguintes dados: na imprensa portuguesa, o número de críticas dirige-se, maioritariamente, ao *governo haitiano* (41% do número total de críticas), como demonstra o *Expresso* quando afirma “O Estado, que já não era

grande coisa, colapsou com os prédios” (16/01/2010), ou o *Público* “A incapacidade de reagir a choques é apenas a face mais grave de uma apatia governamental que tem marcado a história do Haiti” (14/01/2010), e à *ajuda internacional* (31%) – “E precisasse, sobretudo, de mais eficácia na coordenação entre as várias agências da ONU envolvidas nesta gigantesca operação humanitária. Em nome de um povo que há muito ultrapassou os limites do sofrimento humano” (*DN*, 18/01/10). No caso dos elogios, o destinatário mais beneficiado é a *ajuda internacional* (67%) – “A forte mobilização internacional permite a concretização de acontecimentos impensáveis” (*JN*, 16/01/2010), ou como o demonstra o jornal *Público* “No Haiti, tem havido um grau de cooperação sem precedentes entre grupos humanitários” (07/02/2010).

Mesmo assim, a *ajuda humanitária* recebe mais críticas (17) do que elogios (6), tal como o *governo americano* (10 críticas contra 2 elogios). Mas o destaque vai sobretudo para o número acentuado de críticas dirigidas ao *governo haitiano* (22 críticas, que representam 41% no total de críticas tecidas nos jornais portugueses) como o demonstra bem a expressão do *DN*: “A generalidade dos funcionários tem fraca preparação e a corrupção é endémica no país, que é dos mais pobres no mundo. O Estado haitiano não reúne condições para cumprir as obrigações mínimas (...)” (20/01/2010).

	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	
Críticas	16	40	56
Elogios	2	13	15

Tabela 36: Críticas e elogios presentes nos periódicos americanos

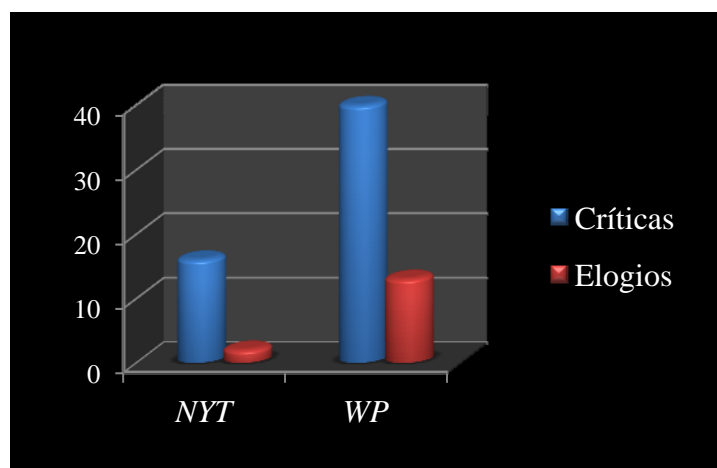


Gráfico 38: Críticas e elogios presentes nos periódicos americanos

Na realidade americana, contabilizaram-se 56 críticas e 15 elogios, com um maior contributo por parte do jornal *Washington Post* (40 críticas, que correspondem a 71% das críticas contabilizadas nos jornais americanos e 13 elogios, que representam 87% do total de elogios).

	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	Total	%
<i>Governo Haiti</i>	6	23	29	52%
<i>Governo EUA</i>	2	10	12	21%
<i>Ajuda</i>	5	5	10	18%
<i>Outras</i>	3	2	5	9%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>40</b>	<b>56</b>	

Tabela 37: Críticas presentes nos periódicos americanos

	<i>NYT</i>	<i>WP</i>	Total	%
<i>Governo Haiti</i>	0	1	1	7%
<i>Governo EUA</i>	2	8	10	66%
<i>Ajuda</i>	0	1	1	7%
<i>Outras</i>	0	3	3	20%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	

Tabela 38: Elogios presentes nos periódicos portugueses

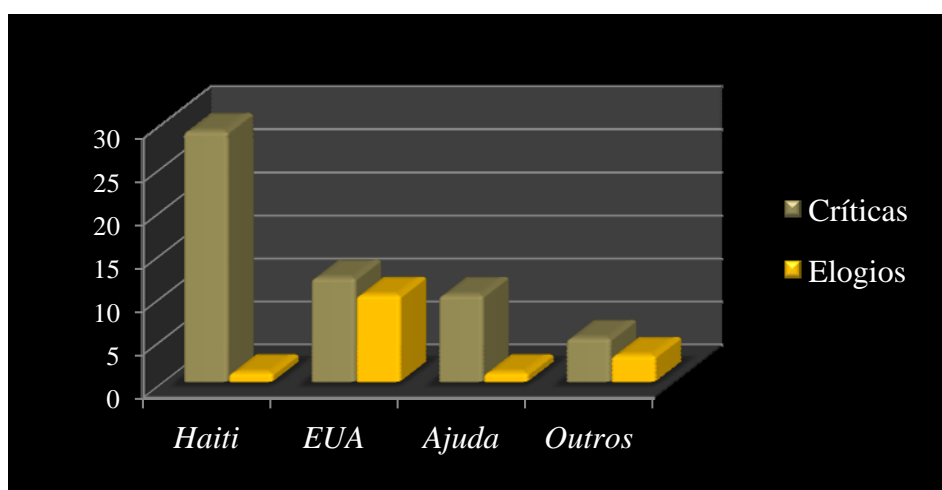


Gráfico 39: Destinatário das críticas e elogios presentes na imprensa americana

Nos jornais americanos, a tendência é semelhante à imprensa portuguesa, em particular no parâmetro das críticas, em que mais de metade (52%) são dirigidas ao *governo do Haiti*, como é o exemplo do *NYT* “This situation didn’t happen overnight,” said Jean Gervais, a prominent Haitian-American who runs an educational foundation. “This situation I would say is 100 years of neglect. It was a time bomb that went off” (15/01/2010), ou do *WP*, “An aloof politician who was educated abroad, President René Préval has spoken far more to foreign audiences through satellite television than to his own people” (18/01/2010). Em segundo lugar no panorama das críticas figuram aquelas que são dirigidas ao próprio país (21% do total de críticas), como é o exemplo do *NYT*: “The classic U.S. role in the whole hemisphere is either complete neglect, or we come in and run the show,” said Sarah Stephens, executive director for the Center for Democracy in the Americas. But with Haiti, a mere 700 miles from Miami, “there is a great opportunity for the United States to do this in a new way” she said” (18/01/2010).

Interessante é também notar que a maior parte dos elogios (66%) são dirigidos ao *governo norte-americano*, como o demonstra o *Washington Post* quando afirma “What’s certain is that, for the moment, Americans have opened their hearts and their wallets” (18/01/2010). Aliás, no jornal *New York Times*, a totalidade dos elogios tecidos (2) são dirigidos ao *governo nacional*, como é o exemplo seguinte:

*The ticktock was one of a torrent of news releases, briefings, fact sheets and statements that flowed out of the White House in the days after the earthquake, a media campaign that illustrates two truths about the Obama administration: its deftness at catering to a nonstop, Internet- and cable-television-driven news cycle, and its determination to project competence and resolve in dealing with a heartbreaking tragedy, in implicit contrast to the way the Bush administration struggled through Hurricane Katrina and its aftermath (22/01/2010).*

Apesar de se destacar o elevado número de elogios ao governo americano, este elemento foi igualmente alvo de muitas críticas (12 críticas num total de 56, o que corresponde a 21%). Destaca-se também o número elevado de críticas dirigidas ao *governo haitiano* (52%) e à *ajuda internacional* (18%), sobretudo se tivermos em conta o número quase nulo de elogios (apenas 1).

#### 4.5. Agenda governamental

No que diz respeito à agenda governamental, não existe qualquer referência ao Haiti no Programa do Governo Português<sup>11</sup>, seja antes do terramoto (2009) ou depois do mesmo (2010).

Dois dias após o terramoto, o governo português anunciou, pelo Ministério da Administração Interna, o envio de uma equipa de socorro para o Haiti:

*A missão portuguesa é composta por uma equipa de Comando e Coordenação da Autoridade Nacional de Protecção Civil (Comandante, Adjuntos de Operações Logística e Comunicações e Oficial de Ligação), um grupo do INEM, com um Posto Médico Avançado, composto por 8 elementos (médicos, enfermeiros e socorristas), um grupo da AMI com 5 elementos (médicos, enfermeiros e logística), um médico do Instituto Nacional de Medicina Legal e um grupo de 10 bombeiros da Força Especial de Bombeiros «Canarinhos» da ANPC.<sup>12</sup>*

No caso americano, os resultados são distintos, embora as referências ao Haiti tenham sido escassas.

Em Maio de 2009, o Departamento de Estado dos EUA publicou o resultado de um relatório sobre o Haiti, que dá conta das dificuldades vividas naquele país:

*(...) despite some improvements, the government's human rights record remained poor. Problems included government ineffectiveness in addressing killings and other abuses by gangs and other armed groups; alleged Haitian National Police (HNP) participation in kidnappings; dangerous prison conditions; arbitrary threats and arrests; lack of judicial effectiveness and independence; widespread corruption; violence and discrimination against women; child abuse and internal trafficking of children for domestic labor; and ineffective enforcement of trade union rights (Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 2009).*

---

<sup>11</sup> Disponível através do link [http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa\\_Governo\\_31.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa_Governo_31.aspx)

<sup>12</sup> Portugal envia equipa de socorro para o Haiti (2010), *XVIII Governo Constitucional*, 14 de Janeiro. Disponível em <[http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Noticias/Pages/20100114\\_Not\\_CM\\_Haiti.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Noticias/Pages/20100114_Not_CM_Haiti.aspx)> (consultado em Janeiro de 2011).

No mesmo documento, apresenta os objectivos do governo norte-americano na sua agenda, que passam por “fortalecer um governo democrático aos níveis nacional e local, criar condições para um processo eleitoral livre e justo, consolidar a sociedade civil, combater a corrupção, continuar a reforma do sector judicial, profissionalizar os membros da polícia nacional haitiana e melhorar as condições das prisões”.

A 29 de Dezembro de 2009, a Secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, felicita os Haitianos, a propósito da comemoração do 206º aniversário do país, relembrando os laços que unem as duas nações.

*Our two nations are bound by strong bonds of friendship and family, united both by our shared history and our common hopes for the future. The United States stood with Haiti after the tragic hurricanes of 2008, and we remain committed to being a partner and a friend (Clinton, 2009).*

No dia seguinte ao terramoto no Haiti, o presidente norte-americano decretou um vasto plano de ajuda para aquele país, anunciando um dos maiores programas de assistência internacional na história recente dos EUA:

*I have ordered a swift, coordinated, and aggressive effort to save lives in Haiti (...) We are mobilizing every element of our national capacity: the resources of development agencies, the strength of our armed forces, and most important, the compassion of the American people. And we are working closely with the Haitian government, the United Nations, and the many international partners who are also aiding in this extraordinary effort (Obama, 2010).*

Não só a agenda governamental mas também a mediática permitem afirmar veemente que em condições normais o “Haiti” não é um assunto recorrente nas imprensas portuguesa e americana. Através dos jornais analisados no mês de Dezembro de 2009, verifica-se que: o Haiti é mencionado três vezes nos periódicos americanos. No início de Dezembro de 2009 (dia 7) há uma história sobre uma criança Haitiana



doente<sup>13</sup>. A 23 de Dezembro de 2009, uma notícia sobre esforços de ajuda encetados por artistas e desportistas<sup>14</sup>. 6 dias depois (29 de Dezembro), a Secretária de Estado Hillary Clinton congratula os Haitianos pelo seu 206º aniversário, referindo-se à assistência dada pelos EUA<sup>15</sup>; não existe qualquer referência ao Haiti nos periódicos portugueses analisados.

---

<sup>13</sup> Disponível através do link <<http://www.nytimes.com/2009/12/07/nyregion/07neediest.html?scp=9&sq=haiti&st=nyt>>.

<sup>14</sup> Disponível através do link <<http://goal.blogs.nytimes.com/2009/12/23/spreading-hope-and-holiday-spirit-in-haiti/?scp=17&sq=haiti&st=nyt>>.

<sup>15</sup> Disponível através do link <<http://www.state.gov/secretary/rm/2009a/12/134300.htm>>.

## Capítulo V

### Conclusões

*Haiti is an African country outside of Africa*

Alpha Oumar Konaré

A história do Haiti caracteriza-se vincadamente por desastres: valores demográficos preocupantes, como uma taxa de mortalidade infantil na ordem dos 12,5%; propensão para ocorrência de tempestades (tempestade Tropical Jeanne, em 2004, tempestade Tropical Fay, em 2008, ou os furacões Gustay, Hanna e Ike); número elevado de golpes políticos, que minam qualquer oportunidade de progressão, ou episódios consecutivos de corrupção; instabilidade económica, o que lhe vale o título de “país mais pobre do Hemisfério Ocidental”; por último, o terramoto ocorrido a 12 de Janeiro de 2010, que se tornou numa das catástrofes mais mortíferas das últimas décadas.

Países como este são, segundo a literatura, descurados no cenário mediático. Verifica-se uma discrepância na cobertura mediática (Novais, 2009), que descura os países menos desenvolvidos e só os enquadra em cenários negativos, como é o caso de desastres naturais.

*(...) complaints by spokespersons for the developing nations that the globally dominant Western news agencies cover Third-World nations in a sparse and unrepresentative manner (Perry, 1987, p. 416).*

O Haiti não parece ser exceção, tendo em conta a literatura que versa sobre a falta de atenção mediática merecida por aquele país antes do terramoto (Palermo, 2010), e a escassa ou quase nula referência ao tema nas imprensas portuguesa e americana nos meses que precederam o desastre conforme comprovado por uma análise preliminar do material.

Como tal, torna-se ainda mais curioso constatar a mudança ocorrida nas agendas mediática e política nas realidades analisadas. De facto, verificou-se em ambos os países uma cobertura intensiva, tendo as duas nações mobilizado grandes esforços financeiros

e humanos, obviamente em maior escala no caso americano, de forma proporcionalmente directa à proximidade com o Haiti.

Numa análise que se prolongou desde o dia 13 de Janeiro de 2010 até ao dia 15 de Abril de 2010, registou-se um total de 468 notícias em quatro periódicos da imprensa portuguesa e 504 em dois periódicos da imprensa americana. Para além do número elevado de notícias sobre o tema, importa salientar que o mesmo mereceu bastante destaque em ambas as realidades. No caso português, de referir que 37% das edições em análise remeteram o anúncio para a primeira página (capa), o que representa um valor bastante expressivo, tendo em conta as escassas ligações entre os países em causa (Portugal e Haiti) e, sobretudo, a extensão do período de análise. No caso americano, não se podendo contabilizar o destaque na primeira página, por se ter efectuado a análise das notícias na versão online, cada periódico dedicou ao tema, em média, um espaço correspondente a 20 parágrafos por cada notícia, o que se revela igualmente um valor considerável, tendo em conta que noutros temas o número é bastante inferior. Aqui se verifica a representação selectiva (Novais, 2009, pp. 415-16) que privilegia os assuntos negativos na cobertura noticiosa dos países do Sul.

Atendendo aos parâmetros analisados, alguns dos dados obtidos permitem estabelecer diferenças e semelhanças entre os periódicos escrutinados que podem ser bastante conclusivas.

Em primeiro lugar, ambas as imprensas efectuaram uma cobertura intensiva do assunto, sendo que em Portugal se encontraram 468 notícias distribuídas por quatro periódicos (117 notícias por jornal, em média) e nos EUA um total de 504 notícias distribuídas por dois periódicos (252 notícias por jornal, em média). Apesar de uma enorme diferença na média, estes dados seriam de certo modo expectáveis, devido à proximidade americana (não só a nível geográfico, mas também económico e cultural) com o Haiti. Os periódicos com mais notícias são o *DN*, na imprensa portuguesa, e o *NYT*, no caso americano. No que concerne o destaque dedicado ao tema, leva a melhor o *Público* (16 capas em 37 edições analisadas), no panorama português, e novamente o *NYT* (média de 21 parágrafos por notícia), na imprensa americana. No espectro americano, pode mesmo corroborar-se a teoria de Shah (2005), segundo o qual a cobertura mediática é mais intensa quando o desastre ocorre num local de interesse estratégico para o país.

No que concerne ao parâmetro das fontes, ambas as imprensas (portuguesa e americana) recorreram aos *sobreviventes* do terramoto como fontes noticiosas numa percentagem considerável. Toda esta envolvência transporta o leitor para uma realidade trágica, de empatia com as vítimas e vontade de ajudar, o que pode despoletar maior pressão sobre os decisores governamentais. Pressão essa que também é visível através da relevância das fontes governamentais nos jornais analisados (*René Prével* e *Jean-Max Bellerive*, no caso português, e *Barack Obama* e *Hillary Clinton*, no caso americano), já que é a elas que se espera reacções e decisões quando ocorre uma catástrofe. Esta diferença é substancial, por demonstrar, tal como acontece nos dados obtidos no parâmetro das fontes, que a imprensa portuguesa privilegia fontes estrangeiras, enquanto a imprensa americana prefere as fontes de origem nacional.

Analisando os dados separadamente, verifica-se que o maior número de fontes pertence, na realidade portuguesa, ao jornal *Público* (229) e, na imprensa americana, ao *NYT* (1358), que ultrapassa largamente o *WP* (790). Tanto uma como outra dão primazia às fontes denominadas como *membros* e aos *sobreviventes*. Contudo, se atendermos à origem das mesmas, verifica-se que, nos EUA, se deu primazia às fontes de origem *nacional* (26% do total de fontes), em particular o *WP* (35% do total de fontes do periódico). Segundo Saleem (2007, p. 153), esta orientação é frequente na imprensa americana e serve para angariar o apoio do público para as decisões governamentais. Não deixa de ser, igualmente, um indício de uma cobertura com um certo pendor nacionalista. Apesar da tendência geral no panorama português ser distinta, também o *JN* e o *DN* preferiram as fontes de origem *nacional* (ou seja, 29% das fontes utilizadas pelo periódico).

No parâmetro da descrição do evento, é evidente o recurso a um tom *negativo* e de *empatia* nas notícias em ambos os países, embora os valores sejam mais elevados na imprensa portuguesa. Merece apenas destaque o jornal *Público*, que recorre a palavras de índole *positiva* mais vezes do que os outros periódicos. Pode alegar-se aqui algum factor de diferenciação deste diário, no sentido da prática de um jornalismo mais positivo e construtivo.

É manifesta uma tendência para centrar a cobertura do acontecimento no sofrimento das vítimas e na sua fragilidade, tentando estabelecer um tom de *empatia* em relação ao leitor (presente em 51% das notícias analisadas na imprensa portuguesa e em 35% na imprensa americana), através do recurso a *frames* emocionais. A repetição

elevada de palavras como *mortos*, *violência*, *catástrofe*, *collapsed*, *devastation* ou *disaster* dão conta de uma cobertura bastante negativa, correspondente a um evento de natureza dramática, perfeitamente espelhada numa percentagem de utilização de palavras de índole *negativa* na ordem dos 70%.

Esta descrição vai perfeitamente ao encontro do estudo de Moss (2010), segundo o qual “as pessoas que sofrem com os desastres são sempre mostradas como vítimas ou como criminosas”. No caso do Haiti, esta teoria está bem espelhada na utilização excessiva do termo “looting” (Solnit, 2010). Mais uma vez se confirma uma cobertura baseada em *frames* emocionais, como aconteceu no caso do Darfur (Journiette e Olsson, 2007, p. 16), o que imediatamente exige a atenção da audiência e, por conseguinte, dos líderes políticos. Para além disso, tudo se processou a um ritmo alucinante, o que corrobora o fenómeno “*fast-forward*” (Gilboa, 2005, cit. por Journiette e Olsson, 2007, p. 2), tendo em consideração a mudança súbita nas agendas governamentais supracitadas dos países em análise.

*When a particular issue becomes “the story” being covered by all of the news media, political actors are forced to react. The news media thus become important agents not only in establishing leaders’ political agenda but also in accelerating the pace of decision making (Bennett e Entman, 2000, p. 230).*

No que diz respeito aos temas, de referir que tanto a imprensa portuguesa como a americana dão prioridade ao *terramoto* e a *outras histórias*. Se o primeiro tema é propício, dado a magnitude do desastre, a um tom *negativo* e de *empatia* nas notícias, mas também mais informativo, pelo relato dos factos, os outros dois vêm reforçar ainda mais esta tendência. No caso do tema *Outras histórias*, é recorrente o recurso a notícias que versam sobre imigrantes haitianos ilegais ou crianças haitianas à espera de serem adoptadas, em casos extremos, que constituem temas apelativos à emoção. Assim como o retrato da *ajuda humanitária*, com expressões emotivas, que misturam as mais miseráveis condições de vida à face do Planeta com a esperança de um resgate de alguém que esteve durante horas debaixo de escombros.

Por outro lado, e em confirmação de um certa índole nacionalista na imprensa americana, os jornais favorecem igualmente o tema da *intervenção americana*, em particular o *WP*, onde o tema é o mais mencionado.

No que ao parâmetro críticas/elogios concerne, outro elemento concomitante com o argumento defendido é o elevado número de críticas dirigidas ao *governo haitiano*, em ambas as realidades (41% das críticas tecidas nos jornais portugueses e 52% nos jornais americanos). O que faz ainda mais sentido se atendermos ao conteúdo destas críticas, que a maior parte das vezes responsabilizam o governo haitiano pelas consequências do terramoto e pela infelicidade das vítimas, remetendo-nos, mais uma vez, para um tom *negativo* e de *empatia* com aquelas.

Igualmente criticada tem sido, no que concerne ao paradigma das catástrofes naturais, a *ajuda humanitária*. Mais uma vez, o caso do Haiti não é exceção. É o exemplo da *ONU*, que, das poucas vezes que é mencionada, é-o num sentido crítico. Em simultâneo, são quase inexistentes as referências aos esforços encetados pelas entidades locais. “A história, política, economia, geografia e cultura de um país torna-se irrelevante ao ser reduzida a um ícone de sofrimento” (Moss, 2010).

Individualmente, foram os jornais *Público* (44% das críticas e 33% dos elogios), na imprensa portuguesa, e o *WP* (71% das críticas e 87% dos elogios), na imprensa americana, que mais contribuíram com este tipo de elementos para a cobertura mediática em análise. Mais uma vez, a imprensa americana deixa transparecer o seu pendor nacionalista, pelo facto de a maior parte dos elogios tecidos (66%) serem dirigidos ao *governo norte-americano*.

Num segundo momento da análise procurou-se contrapor as agendas mediáticas e governamentais nos respectivos países à luz do que é sugerido na *Meta Performance Analysis* (Novais, 2007 e 2010). A nível governamental, sobretudo na realidade portuguesa, é notória uma correspondência entre as agendas mediática e governamental, consonância esta já referida por Robinson (2000a, p. 615) no seu modelo *policy-media*. Se a agenda governamental não fez qualquer referência ao Haiti em todo o ano que precedeu o terramoto, no segundo dia imediatamente após a catástrofe, o Ministério da Administração Interna do Governo Português anunciou o envio de uma equipa de socorro para o Haiti, o que pode ser explicado pela magnitude do acontecimento, mas pode também indiciar alguma pressão exercida pela cobertura mediática, nomeadamente o factor “*do something*”.

No espectro americano, já seria de esperar um número de notícias mais elevado, proporcional ao interesse estratégico revelado (Shah, 2005), e um plano de ajuda mais

vasto, tendo em conta os factores geográficos, económicos e culturais que unem os dois países.

*Os Estados Unidos têm revelado desde há vários anos um interesse no Haiti. Algumas razões são públicas e podem ajudar a explicar esse interesse: a proximidade face ao estado da Florida (Miami fica a menos de duas horas de voo de Porto Príncipe), a questão dos boat people (os Estados Unidos deportam regularmente haitianos que são apanhados em águas norte-americanas a tentar entrar ilegalmente no país), o Haiti é uma das plataformas do tráfico de droga, antes da entrada ilegal nos Estados Unidos. Tudo isto ajuda a explicar o interesse de Washington em assegurar a estabilidade no Haiti. Por outro lado, há uma enorme comunidade haitiana nos Estados Unidos, muitos com nacionalidade americana e com cargos de poder, o que pode ajudar a explicar um aparente lobby haitiano.<sup>16</sup>*

Contudo, seguindo a lógica da escassa referência àquele país no programa governamental nos meses precedentes ao terramoto, é de notar que, logo no dia 13 de Janeiro de 2010, o presidente norte-americano anunciou um dos maiores programas de ajuda internacional na história do país, traduzido em 100 milhões de dólares e 5 mil pessoas.

Apesar da intersecção das agendas em análise, neste caso, a teoria de Olsen *et al.* (2003), segundo a qual o volume da ajuda prestada em caso de crises humanitárias depende, desde logo, da atenção dedicada pelos *media* ao assunto, torna-se numa asserção não verificada ou, pelo menos, comprovada efectivamente.

Por todos estes motivos, é peremptório afirmar que os resultados obtidos confirmam a Hipótese 1 (a cobertura mediática do terramoto do Haiti recorreu a temas e expressões que favoreceram um enquadramento emocional), mas não permitem verificar a Hipótese 2 (tal tratamento noticioso exerceu algum tipo de influência na tomada de decisão dos respectivos governos português e norte-americano).

Em suma, verificou-se uma cobertura mediática correspondente a diversos fenómenos e uma clara sintonia entre as agendas mediática e governamental, mas não

---

<sup>16</sup> Entrevista realizada a Mariana Palavra, jornalista da rádio da ONU no Haiti, por via electrónica, em Abril de 2011.

existe evidência de que as decisões governamentais tomadas após a catástrofe resultaram da influência da cobertura intensiva do terramoto ocorrido no Haiti a 12 de Janeiro de 2010. Provavelmente, a magnitude da catástrofe, no caso português, e a proximidade histórico-geográfica, no caso americano, constituíram argumentos suficientes para a mobilização maciça dos governos. Também Robinson (2000b, p. 1) admitiu a dificuldade em comprovar, de forma credível, esta interferência.

### **5.1. Dificuldades e futuras investigações**

Desde logo, a inexistência de estudos sobre a representação do terramoto do Haiti nos *media* e da comprovação de efeitos reais sobre as decisões governamentais constituiu um obstáculo neste estudo. Simultaneamente, sabia-se de antemão a dificuldade em comprovar a influência dos conteúdos mediáticos sobre a conduta política no episódio em análise.

A nível metodológico, a primeira adversidade que surgiu foi exactamente a acessibilidade dos jornais norte-americanos. Encetaram-se várias tentativas para ter acesso aos periódicos em versão impressa, mas em vão. Na única vez em que se tornou real essa possibilidade, os custos afiguraram-se demasiado elevados. Depois de vários contactos, tornou-se finalmente exequível a análise, através de uma base de dados de uma biblioteca holandesa.

Depois, o prolongamento do período de análise acabou por se tornar também num obstáculo, na medida em que se converteu num processo demasiado moroso. A juntar ao número elevado de notícias, o procedimento da análise teve de ser bastante pausado, de forma a não proporcionar faltas de concentração devido à similitude de alguns conteúdos e a não atingir o nível de exaustão, que se poderia tornar contraproducente, e igualmente meticuloso, de forma a não descurar nenhum elemento, que poderia ser crucial para a investigação.

Contudo, a somar às adversidades, foram surgindo também alguns resultados interessantes que podem constituir um mote para novos estudos.

Desde logo, o facto de tanto o *JN* como o *DN* produzirem conteúdo noticioso através da informação cedida por um mesmo repórter poderia constituir um tema de análise curioso, no sentido de descortinar diferenças e/ou semelhanças entre os dois periódicos, importantes indícios sobre a sua natureza.



Depois, seria também interessante proceder a um escrutínio exclusivo à imprensa americana, que, ao retratar uma catástrofe natural ocorrida num país do seu interesse estratégico, poderia incorrer na prática de uma cobertura de pendor nacionalista, como se verificou, aliás, em um ou outro parâmetro da análise aqui efectuada.

Pela dificuldade comprovada em estabelecer uma relação de influência entre a agenda mediática e governamental, a mais desafiante pesquisa será aquela em que se torne possível para o investigador acompanhar de perto não só a agenda mediática, através de uma análise meticulosa dos conteúdos noticiosos, mas também a agenda governamental, através do acompanhamento diário dos órgãos oficiais de tomada de decisões, só assim possibilitando a hipótese de descobrir qualquer referência à influência directa dos *media* neste processo.

## Bibliografia

Adams, William C. (1986), Whose lives count?: TV coverage of natural disasters, *Journal of Communication*, 36: 113-122. Disponível em <<http://www.gwu.edu/~pad/202/readings/disasters.html>> (consultado em Janeiro de 2011).

*Agreement between the government of the United States of America and the government of the Republic of Haiti regarding the reduction of certain debts owed to, guaranteed by, or insured by the United States government and its agencies.* (2009), Port-au-Prince: Government of the United States of America and Government of the Republic of Haiti, 18 de Setembro. Disponível em <<http://www.state.gov/documents/organization/135108.pdf>> (consultado em Dezembro de 2010).

Al-Jenaib, Badriya (2006), An Arab phenomenon in international news broadcasting, *Global Media Journal*, Disponível em <<http://lass.calumet.purdue.edu/cga/gmj/sp06/issuebookreview/gmj-sp06-bookrev-badriya2.htm>> (consultado em Janeiro de 2011).

Alt, Robert D. (2004), The Al Jazeera effect: how the Arab TV network's coverage of the Coalition is influencing opinion in Iraq, *The Weekly Standard*, 21 de Abril. Disponível em <<http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/003/992hodmd.asp>> (consultado em Janeiro de 2011).

Bennett, L., Lawrence, R. G. e Livingston, S. (2005), Evitar a palavra tortura. Os media norte-americanos e o enquadramento político de Abu Ghraib, *Media & Jornalismo*, 7(7): 7-37.

Bennett, W. Lance e Entman, Robert M. (2000), *Mediated politics: communication in the future of democracy*, Cambridge University Press.

Boaz, Cynthia. (2005), War and foreign policy framing in international media, *Peace Review*, 17(5): 349-356.

Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor. (2009), *Haiti*, Washington: Advancing freedom and democracy. Disponível em <<http://www.state.gov/g/drl/rls/afdr/2009/wha/122989.htm>> (consultado em Dezembro de 2010).

Carma International. (2006), *The CARMA Report on Western media coverage of humanitarian disasters*, European Offices of Carma International. Disponível em <[http://www.imaging-famine.org/images/pdfs/carma\\_%20report.pdf](http://www.imaging-famine.org/images/pdfs/carma_%20report.pdf)> (consultado em Dezembro de 2010).

Cashmore, Pete. (2006), The YouTube effect: CBS gets massive boost, *Mashable*, 22 de Novembro. Disponível em <<http://mashable.com/2006/11/21/the-youtube-effect-cbs-gets-massive-boost/>> (consultado em Janeiro de 2011).

Clemens, Michael A. (2010), To help Haiti's victims, change U.S. immigration laws, *The Washington Post*, 24 de Janeiro. Disponível em <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/01/22/AR2010012202274.html>> (consultado em Janeiro de 2011).

Clinton, Hillary Rodham. (2009), *Republic of Haiti Independence Day*, Washington DC: Press Statement of the U.S. Department of State. 29 de Dezembro. Disponível em <<http://www.state.gov/secretary/rm/2009a/12/134300.htm>> (consultado em Dezembro de 2010).

Colling, Leandro. (2001), Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados, *Revista Famecos*, Porto Alegre, 14: 88-101.

Conason, Joe. (2010), Al Jazeera effect, *10<sup>th</sup> Arab Media Forum Discussion*, Dubai, 17-18 de Maio de 2010, Dubai Press Club.

Constitution de la Republique d'Haiti. (1987), Port-au-Prince: Assemblée Nationale Constituante, Disponível em <[http://www.haiti.org/images/stories/pdf/constitution\\_francais.pdf](http://www.haiti.org/images/stories/pdf/constitution_francais.pdf)> (consultado em Dezembro de 2010).

Consulat Général d'Haiti à Montréal. (2006), *L'économie haitienne. Investir en Haiti: en choix intelligent*, Montréal. Disponível em <[http://www.haiti.org/images/stories/pdf/leconomie\\_haitienne.pdf](http://www.haiti.org/images/stories/pdf/leconomie_haitienne.pdf)> (consultado em Dezembro de 2010).

Cottle, Simon. (2009), Global crises in the news: staging news wars, disasters and climate change, *International Journal of Communication*, 3: 494-516.

De Vreese, Claes H. (2005), News framing: theory and typology, *Information Design Journal*, 13(1), 51-62.

Entman, Robert. (1993), Framing: toward clarification of a fractured paradigm, *Journal of Communication*, 43(4): 51-58.

Entman, Robert. (2008), Theorizing mediated public diplomacy: the U.S. case, *The International Journal of Press/Politics*, 13: 87-102.

Fachot, Morand. (2007), *Al-Jazeera: the inside story of the Arab news channel that is challenging the West* (revisão), Disponível em <[http://uscpublicdiplomacy.org/index.php/research/book\\_reviews\\_detail/al\\_jazeera\\_the\\_inside\\_story\\_of\\_the\\_arab\\_news\\_channel\\_that\\_is\\_challenging\\_th/](http://uscpublicdiplomacy.org/index.php/research/book_reviews_detail/al_jazeera_the_inside_story_of_the_arab_news_channel_that_is_challenging_th/)> (consultado em Dezembro de 2010).

Galvão, Thiago Gehre e Mota, Rodrigo dos Santos. (2010), Haiti: uma reconstrução em pedaços, *Meridiano 47*, 11(116): 14-15.

Gerner, Deborah e Schrodt, Philip A. (1998), The effects of media coverage on crisis assessment and early warning, In Schmeidl, Susanne e Adelman, Howard (Orgs.), *Early Warning and Early Response*, Nova Iorque: Columbia University Press.

Grossman, Cathy Lynn. (2010), When does Haiti quake 'coverage become exploitation?', *USA Today*, 15 de Janeiro. Disponível em <<http://content.usatoday.com/communities/Religion/post/2010/01/cnn-haiti-earthquake-anderson-cooper-ethics/1>> (consultado em Março de 2011).

Hallin, D. (1986), *The uncensored war: the media and Vietnam*, Nova Iorque: Oxford University Press.

Hammond, Phil. (2007), *Framing post-Cold War conflicts: the media and international intervention*, Manchester: Manchester University Press.

Hammond, Philip e Herman, Edward S. (2000), *Degraded capability: the media and the Kosovo crisis*, Londres: Pluto Press.

Hawkins, Virgil. (2002), The other side of the CNN factor: the media and conflict, *Journalism Studies*, 3(2): 225-240.

Hoijer, Birgitta. (2004), The discourse of global compassion: the audience and media reporting of human suffering, *Media culture society*, 26: 513-531.

Jakobsen, Peter. (2000), Focus on the CNN effect misses the point: the real media impact on conflict management is invisible and indirect, *Journal of Peace Research*, 37(2): 131-143. Disponível em <<http://faculty.maxwell.syr.edu/rdenever/PPA-730-27/Jakobsen.pdf>> (consultado em Dezembro de 2010).

Journiette, Irina Bernebring e Olsson, Liselotte. (2007), *Media and humanitarian intervention: a study of the CNN effect and the United States foreign policy making in the context of Somalia and Darfur*, Lunds University. Disponível em <<http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordOId=1319933&fileOId=1319934>> (consultado em Dezembro de 2010).

Katel, Peter. (2005), Haiti's dilemma: should the U.S. do more for its impoverished neighbor?, *CQ Global Researcher*, 15(7): pp. 1-29.

Khogali, Walied e Krajnc, Anita. (2009), "Al-Jazeera effect" counters "CNN effect": Canadians deserve Al Jazeera, *Toward Freedom*, 5 de Junho. Disponível em <<http://towardfreedom.com/home/content/view/1599/1/>> (consultado em Janeiro de 2011).

McQuail, Denis. (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Miles, Hugh. (2005), *Al-Jazeera: the inside story of the Arab news channel that is challenging the West*, Nova Iorque: Grove Press.

Miles, Hugh. (2011), The Al Jazeera effect: the inside story of Egypt's TV wars and how Saudi Arabia could be next, *Foreign Policy*, 8 de Fevereiro. Disponível em <[http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/08/the\\_al\\_jazeera\\_effect](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/08/the_al_jazeera_effect)> (consultado em Março de 2011).

Miller, Derek B. (2010), The morality play: getting to the heart of media influence on foreign policy, *Journalism Studies*, 11(5): 718-733.

Moeller, Susan D. (2006), "Regarding the pain of others": media, bias and the coverage of international disasters, *Journal of International Affairs*, 59(2): 173-196.

Moss, Simon. (2010), Reporting on natural disasters in poor countries, *The Global Poverty Project*, 30 de Dezembro. Disponível em <<http://www.globalpovertyproject.com/blog/view/282>> (consultado em Março de 2011).

Naim, Moises. (2006), The "Youtube effect", *Los Angeles Times*, 26 de Dezembro. Disponível em <<http://articles.latimes.com/2006/dec/20/opinion/oe-naim20>> (consultado em Dezembro de 2010).

Nohrstedt, Stig-Arne. (2000), Communication challenges in connection with catastrophes and states of emergency, *Nordicom Review*, 2: 137-156.

Novais, Rui Alexandre. (2007), National Influences in Foreign News: Assessing the British and Portuguese press coverage of the Dili Massacre, *International Communication Gazette*, 69(6): 553-573.

Novais, Rui Alexandre. (2009), How the North pictures the neighbouring South: Portuguese press coverage of the Sahrawi conflict, *Journal of African Media Studies*, 1(3): 415-427.

Novais, Rui Alexandre. (2010), *News Factors in International Reporting*, Lisboa: Media XXI.

O’Heffernan, Patrick. (1991), *Mass media and American foreign policy: insider perspectives on global journalism and the foreign policy process*, New Jersey: Ablex Publishing.

Obama, Barack. (2010), Why Haiti matters, *The Daily Beast*, 14 de Janeiro. Disponível em <<http://www.thedailybeast.com/newsweek/2010/01/14/why-haiti-matters.html>> (consultado em Dezembro de 2010).

Olsen, G. R., Carstensen, N. e Høyen, Kr. (2003), Humanitarian crises: what determines the level of emergency assistance? Media coverage, donor interests and the aid business (Abstract), *Disasters*, 27(2): 109-126. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-7717.00223/abstract>> (consultado em Dezembro de 2010).

Palermo, Joseph A. (2010), Media coverage of Haitian earthquake can’t go there, *The Huffington Post*, 18 de Janeiro. Disponível em <[http://www.huffingtonpost.com/joseph-a-palermo/media-coverage-of-haitian\\_b\\_427006.html](http://www.huffingtonpost.com/joseph-a-palermo/media-coverage-of-haitian_b_427006.html)> (consultado em Dezembro de 2010).

Pereira, Carlos Santos. (2005), *Guerras da informação*, Lisboa: Tribuna da História.

Perry, David K. (1987), The image gap: how international news affects perceptions of nations, *Journalism Quarterly*, 64(2-3): 416-21.

Portugal envia equipa de socorro para o Haiti. (2010), XVIII Governo Constitucional, 14 de Janeiro. Disponível em <[http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Noticias/Pages/20100114\\_Not\\_CM\\_Haiti.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Noticias/Pages/20100114_Not_CM_Haiti.aspx)> (consultado em Janeiro de 2011).

Programa do Governo. (2009), *Política Externa, Integração Europeia e Comunidades Portuguesas*, XVIII Governo Constitucional 2009-2011. Disponível em <[http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa\\_Governo\\_31.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa_Governo_31.aspx)> (consultado em Dezembro de 2010).

Robinson, Piers. (1999), The CNN effect: can the news media drive foreign policy?, *Review of International Studies*, 25: 301-309.

Robinson, Piers. (2000a), The policy-media interaction model: measuring media power during humanitarian crisis, *Journal of Peace Research*, Londres, 37(5): 613-633.

Robinson, Piers. (2000b), The news media and intervention: critical media coverage, policy uncertainty and air power intervention during humanitarian crisis, *Political Studies Association-UK 50th Annual Conference*, Londres, 10-13 de Abril de 2000. School of Politics and Communication Studies University of Liverpool. Disponível em < <http://www.psa.ac.uk/cps/2000/Robinson%20Piers.pdf> > (consultado em Janeiro de 2011).

Robinson, Piers. (2001), Theorizing the influence of media on world politics, *European Journal of Communication*, Londres, 16(4): 523-544. Disponível em <<http://ics.leeds.ac.uk/papers/pmt/exhibits/1848/robinson2.pdf>> (consultado em Dezembro de 2010).



Robinson, Piers. (2002), *The CNN effect: the myth of news, foreign policy and intervention*, Londres: Routledge.

Ruxin, Josh. (2010), A cause and a solution for Haiti, *The New York Times*, 16 de Dezembro. Disponível em <<http://kristof.blogs.nytimes.com/2010/12/16/a-cause-and-a-solution-for-haiti/>> (consultado em Março de 2011).

Saleem, Noshina. (2007), US media framing of foreign countries image: an analytical perspective, *Canadian Journal of Media Studies*, 2(1) 130-162. Disponível em <<http://cjms.fims.uwo.ca/issues/02-01/saleem.pdf>> (consultado em Dezembro de 2010).

Salgado, Susana. (2007), *Os veículos da mensagem política: estudo de uma campanha eleitoral nos media*, Lisboa: Livros Horizonte.

Scheufele, D. A. e Tewksbury, D. (2007), Framing, Agenda Setting and Priming: the evolution of three media effects models, *Journal of Communication*, 57: 9-20.

Scheufele, Dietram A. (1999), Framing as a theory of media effects, *Journal of Communication*, 49(1): 103-122.

Scheufele, Dietram A. (2000), Agenda-Setting, Priming, and Framing revisited: another look at cognitive effects of political communication, *Mass communication and society*, 3(2-3): 297-316.

Schneider, Mark e Robertson, Bernice. (2010), In for a decade, not just a year. Em “Is the U.S. doing enough for Haiti?”, *The New York Times*, 15 de Janeiro. Disponível em <<http://roomfordebate.blogs.nytimes.com/2010/01/15/is-the-us-doing-enough-for-haiti/?scp=79&sq=haiti&st=nyt>> (consultado em Dezembro de 2010).

Schuck, Andreas R. T. e De Vreese, Claes H. (2006), Between risk and opportunity: news framing and its effects on public support for EU enlargement, *European Journal of Communication*, 21(1): 5-32.

Seib, Philip. (2008), *The Al Jazeera effect: how the new global media are reshaping world politics*, Potomac Books Inc.

Shah, Anup. (2005), Media and natural disasters, *Global Issues*, 23 de Outubro. Disponível em <<http://www.globalissues.org/article/568/media-and-natural-disasters>> (consultado em Dezembro de 2010).

Solnit, Rebecca. (2010), When the media is the disaster: covering Haiti, *The Huffington Post*, 21 de Janeiro. Disponível em <[http://www.huffingtonpost.com/rebecca-solnit/when-the-media-is-the-dis\\_b\\_431617.html](http://www.huffingtonpost.com/rebecca-solnit/when-the-media-is-the-dis_b_431617.html)> (consultado em Março de 2011).

Sontag, Deborah. (2011), A year later, Haiti struggles back, *The New York Times*, 3 de Janeiro. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2010/09/20/world/americas/20haiti.html>> (consultado em Março de 2011).

Tewksbury, David e Scheufele, Dietram. (2009), News framing theory and research, Em Bryant, Jennings e Oliver, Mary Beth (Orgs.), *Media effects: advances in theory and research*, Nova Iorque: Routledge, pp. 17-33.

Thomaz, Omar Ribeiro. (2010), O Terremoto no Haiti, o Mundo dos brancos e o lougawou, *Novos Estudos*, 86: 23-39.

Ulysse, Gina Athena. (2010), Why Representations of Haiti Matter Now More Than Ever, *North American Congress on Latin America Report on the Americas*, Julho e Agosto. Disponível em <[http://findarticles.com/p/articles/mi\\_go1653/is\\_201007/ai\\_n54719424/](http://findarticles.com/p/articles/mi_go1653/is_201007/ai_n54719424/)> (consultado em Janeiro de 2011).

Vincent, Richard C. (2000), A Narrative Analysis of US Press Coverage of Slobodan Milosevic and the Serbs in Kosovo, *European Journal of Communication*, 15(3): 321-344.

Weaver, D.H. (2007), Thoughts on agenda setting, framing and priming, *Journal of Communication*, 57(1): pp. 142-147.

Wilentz, Amy. (2010), The Haiti haters, *The Nation*. 8 de Fevereiro. Disponível em <<http://www.thenation.com/article/haiti-haters>> (consultado em Janeiro de 2011).

Worawongs, W., Wang, W. e Sims, A. (2007), U.S Media Coverage of Natural Disasters: A Framing Analysis of Hurricane Katrina and the Tsunami, *Annual meeting of the Association for Education in Journalism and Mass Communication*, Washington DC. Disponível em <[http://citation.allacademic.com/meta/p\\_mla\\_apa\\_research\\_citation/2/0/3/9/0/pages203908/p203908-1.php](http://citation.allacademic.com/meta/p_mla_apa_research_citation/2/0/3/9/0/pages203908/p203908-1.php)> (consultado em Dezembro de 2010).

Zayani, Mohamed (2005), *The Al-Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Paradigm Publishers.

## **Webgrafia**

<http://english.aljazeera.net/aboutus/2006/11/2008525185555444449.html>

<http://silverinternational.mbhs.edu/v162/V16.2.04a.Independence.htm>

[http://www.haiti.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=130:011310-press-release-response-and-coordination-to-earth-quake&catid=62:archives&Itemid=116](http://www.haiti.org/index.php?option=com_content&view=article&id=130:011310-press-release-response-and-coordination-to-earth-quake&catid=62:archives&Itemid=116)

<http://www.janusonline.pt/2009/2009.html>

<http://www.janusonline.pt/2010/2010.html>

<http://www.state.gov/p/wha/ci/ha/>

<http://www.state.gov/p/wha/ci/ha/index.htm>

[http://www.youtube.com/t/about\\_youtube](http://www.youtube.com/t/about_youtube)

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html>